FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SABADO, 24 DE OUTUBRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 246

Diario de Lisbôa

DIRECTOR - NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Parece que o Governo
da União Indiana
assumiu posição mais rígida
em relação à China Comunista

NOVA DELHI, 24 — Tropas indianas — chega-se a falar de uma divisão — teriam sido destacadas para Ladakh (parte nordeste de Caxemira), onde em 21 do corrente houve um incidente grave em que dezassete polícias indianos foram abatidos por soldados chineses — ao que indicam de boa fonte.

Sabe-se que a nota distribuída ontem, á noite, respeitante ao incidente de 21 findo, afirmava que a India não tinha soldados naquela região, mas apenas uma força de polícia com a missão de guardar a fronteira.

Por outro lado, o general Thimaya, chefe do Estado-Maior do Exército indiano, partiria dentro de dois dias para Caxemira e, nomeadamente, Ladakh. Enfim, corre hoje em Nova Delhi que o Parlamento, que se devia reunir em 16 de Novembro, seria convocado antes daquela data.

Logo, á tarde, o primeiro-ministro Nehru deve proferir um discurso em Meerut (a 50 kms. da capital), para os militantes locais do partido do Congresso. E' possível que faça alusão ao incidente de Ladakh e ás relações sino-indianas. — (F. P.).

*

NOVA DELHI, 24 — As Forças Aéreas indianas estão de prevenção — ao que indicam de boa fonte.

Por outro lado, interrogados ácerca da possibilidade de um rompimento das relações diplomáticas entre Nova Delhi e Pequim, os meios bem informados declaram que essa possibilidade existe, em consequências dos recentes incidentes sino-indianos.

No entanto, a eventualidade é pouco provável para já e, sobretudo, antes de haver conhecimento da resposta da China Popular ao protesto indiano apresentado ontem em Pequim. — (F. P.).

Os comunistas condenam a atitude da China Popular

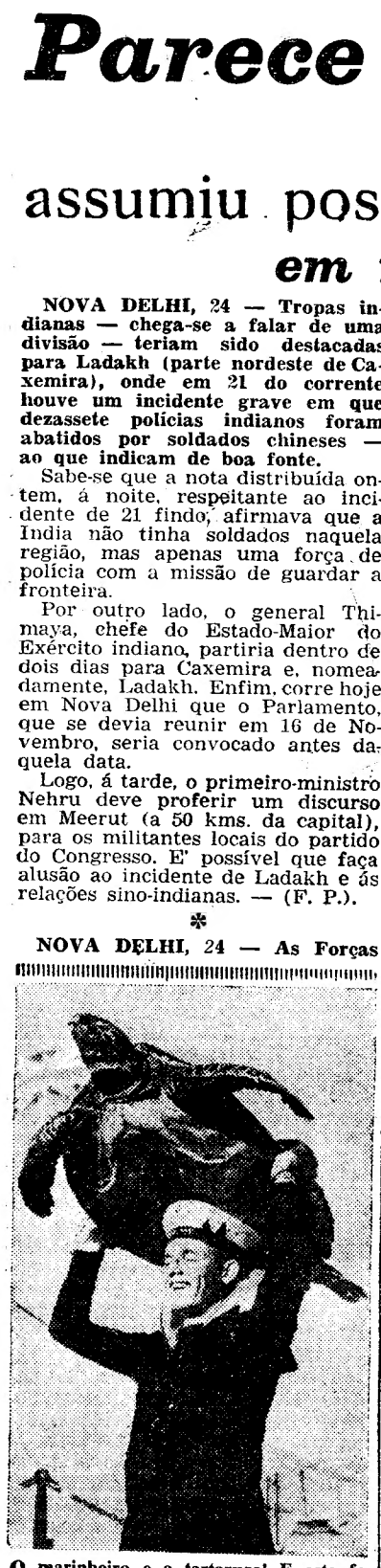
NOVA DELHI, 24 — Numa resolução publicada hoje, o Partido Comunista Indiano condena a China Popular, a propósito do incidente em que 17 polícias indianos foram ortos na região do Ladakh.— (F. P.).

Nehru manifesta inquietação

NOVA DELHI, 24 — Quando há algum tempo as relações entre a India e a China Comunista pareciam melhorar, multiplicando Pequim as declarações de desejo de resolver de maneira pacífica o seu litígio com a India, resultante de questões fronteiriças, o incidente de 21 do corrente, no qual perderam a vida 17 agentes de Polícia indianos, reduziu a nada todos os esforços de conciliação.

O incidente causou impressão tanto mais profunda quanto o telegrama de Chu-En-Lai a Nehru, em 7 do corrente, agradecendo a mensagem de felicitações do chefe do Governo indiano pelo aniversária da Republica Popular Chinesa, parecia ter iniciado a melhoria de relações entre os dois Governos. E a India, que depois dos incidentes anteriores discutira demoradamente, não aceitou agora o protesto da China. Esta atitude do Governo de Nova Delhi parece indício seguro

(Continua na 14.ª página)



O marinheiro e a tartaruga! E esta fabulosa tartaruga é bem real... Quem a inicia na vida britanica é, o conhecido operador de rádio Preston Wilson, de Londres. O enorme crustáceo veio das ilhas Seychelles no contratorpedeiro «HMS Cheviot»

Ninguém está
presentemente
a matar Ingleses

LONDRES, 24. — «Os nossos leitores podem orgulhar-se de um facto inédito desde o princípio do século — o de ninguém estar a matar Ingleses» — escreve em editorial o «Daily Mail».

«No decorrer do século registaram-se as seguintes lutas: a guerra boer; luta na India, antes e depois da segunda guerra mundial, especialmente no Norte; depois, as lutas no Extremo Oriente, no Médio Oriente e na Palestina.

Veio a segunda guerra mundial, com as suas lutas em Java, na Palestina, depois na Malásia, a guerra da Coreia, os levantamentos da «Mau-Mau», no Quénia, as lutas em Chipre, incidentes na fronteira de Aden ou algures no Golfo Pérsico.

Agora, pela primeira vez, não há armas voltadas contra Ingleses.

Há Ingleses que mal se atrevem a pensar alto neste assunto, não vá o Diabo tecê-las».

Na lista de lutas, o «Daily Mail» não mencionou a luta no Canal de Suez. — (A. N. I.).

A oposição americana
à nova política
do presidente Eisenhower

por ATTICUS

PARIS, Outubro.—Vão os acontecimentos dar razão a Kruchtchev quando este, nos discursos que proferiu nos Estados Unidos, distinguia entre a política do presidente Eisenhower e a dos irredutíveis partidários da guerra fria? Afirmou ele sempre que, enquanto o primeiro deseja sinceramente melhorar as relações entre o seu país e a União Soviética, há forças poderosas que se opõem á realização desse objectivo e á liquidação pacífica das divergências que se agravaram entre eles. Essas forças dominavam a política americana no tempo de Foster Dulles e não desarmaram por completo. Mostram-se cada vez mais activas e procuram contrariar a nova orientação dessa política, tal como a entende o presidente desde que resolveu convidar a

(Continua na página seguinte)

O presidente do Município entrega medalhas a sapadores-bombeiros

Um simulacro de incêndio
assinalou a inauguração do quartel-sede
da 3.ª Companhia de Sapadores Bombeiros
presenciada pelo presidente da Câmara

Foi hoje inaugurado oficialmente o quartel-sede da 3.ª Companhia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida Rio de Janeiro, ao Bairro de Alvalade, magnífico edifício que substitui o velho quartel daquela Companhia na Avenida Defensores de Chaves, onde ficou instalada uma estação de serviço de viaturas.

Pelas 10 horas, chegou ao modelar aquartelamento o sr. brigadeiro França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, acompanhado pelos srs. Aníbal David, vice-presidente do Município; e dr. Lopes Dias, director dos Serviços Culturais. Foram estas entidades recebidas pelos srs. coronel Ribeiro Viana e major Rogério Cansado, respectivamente 1.º e 2.º comandantes do B. S. B. Uma companhia a dois pelotões daquela corporação, de grande uniforme, com bandeira, guião e banda de musica, sob o comando do chefe Domingos Pais, prestou honras, executando a banda de musica o hino da cidade á chegada do presidente do Município, que passou depois revista á formatura.

Em seguida, o sr. brigadeiro Fran-

(Continua na 11.ª página)

O dr. Marcelo Matias
visitará a Espanha
oficialmente
no mês de Janeiro

MADRID, 24 — O Ministério dos Assuntos Exteriores convidou o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcelo Matias, a visitar, oficialmente, a Espanha, em Janeiro próximo.

Os matutinos madrilenos publicam hoje o seguinte comunicado:

«O Governo espanhol convidou o dr. Marcelo Matias, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, a visitar a Espanha, em viagem oficial, tendo sido acordado que a visita se efectue no próximo mês de Janeiro». — —(A. N. I.).

A aplicação do tratado
de Amizade e Consulta
luso-brasileiro

RIO DE JANEIRO, 24. — O ministro das Relações Exteriores, Horácio Lafer, reuniu, ontem á noite no seu gabinete de trabalho, os membros da comissão interministerial que estuda a execução do Tratado de Amizade e Consulta entre o Brasil e Portugal.

Foram discutidos e estudados diversos problemas a dar a maior amplitude á execução do Tratado de Amizade Luso-Brasileira, tendo Horácio Lafer sido informado das diligências feitas para que determinadas providências sejam tomadas com o objectivo de uma rápida acção governamental em relação com o texto do tratado assinado entre os dois países. — (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Mistério da carne e do espírito: o Homem
pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A sorte do Homem encontra-se ligada, do princípio ao fim, aos aspectos psíquicos e somáticos que caracterizam a sua carne e a sua alma. Encerra em si o próprio destino. Não se pode estilhaçar, desligar, não se pode dividir em compartimentos estanques. É a unidade. Para o compreender necessário se torna decifrar e meditar nas transições do psíquico ao somático, na génese dos fenómenos somáticos com intencionalidade psíquica. A rotura de tal equilíbrio pode desencadear

(Continua na 13.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

EM 2.ª TIRAGEM

publicaremos os relatos completos dos desafios de futebol disputados esta tarde, cujas 1.as partes já incluimos na ultima página desta edição.

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se inclui
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

De ontem para hoje

OS BENS ALEMAES

O jornal oficial publica o decreto-lei que define as condições da execução dos acôrdos luso-alemães relativos aos bens alemães em Portugal, ao restabelecimento do direito da propriedade industrial e ao encerramento do antigo «clearing» com a Alemanha. Esse diploma vem regular e regulamentar acordos anteriores sobre o mesmo caso em situações que se têm arrastado desde que a guerra terminou em 1945. Determina, entre outras coisas, que o nosso Governo tome as medidas necessárias para entrega aos Governos dos Estados Unidos, da França e do Reino Unido, dos bens existentes em forma liquida que pertenciam ao anterior Estado alemão e ás pessoas jurídicas de direito publico do Deutsche Reich. Por outro lado, no Banco de Portugal será aberta uma conta de depósito, á ordem do Governo da Republica Federal da Alemanha, ou da entidade por ela designada, na qual serão creditados os restantes bens em forma liquida, com excepção da soma de 12.000 contos, atribuida aos Governos das três potências atrás citadas, e dos bens em forma liquida apreendidos preventivamente a pessoas singulares ou colectivas de nacionalidade alemã, que em 1 de Setembro de 1939 não estavam domiciliadas nem tinham sede em território alemão. Há ainda medidas quanto as pretensões portuguesas a satisfazer pela quantia para esse efeito reservada. E' mais um passo para a normalização de situações complicadas do pós-guerra que já não fazem sentido.

FEIXE DE NOTICIAS

ONTEM á tarde nas Terras da Camara, ao Lumiar, houve reboliço. D. Lucília Marques Soares e D. Palmira da Rocha Correia, acompanhadas de Rui Manuel Marques Soares, de 9 anos, filho da primeira, iam a passar. No meio de ervas estava, muito bem vestidinho e embrulhado num cobertor azul, um menino de dez dias. Tal como Moisés nas margens do Nilo, há milhares de anos. Ao longe desaparecia uma rapariga nova que pretenderia esconder a sua vergonha, atirando com o fruto inocente da sua culpa para estranhos carinhos. A Polícia diligenciou e topou depois a mãe desnaturada em Odivelas. E' natural de Ceia e chama-se Humberta Luísa da Costa Cavaco.

*** Não foi no Lumiar, nem era uma criança de dez dias, mas um homem ferido, a esvair-se em sangue que um automóvel atropelou em plena cidade do Porto. Os malvados ocupantes do carro, anicharam a vítima Manuel da Costa Rodrigues num banco da Praça 9 de Abril e escapuliram-se como ratos; mas a Polícia saberá fazer de gato e dar-lhes o respectivo correctivo depois de os descobrir.**

*** Brincava ontem na varanda de sua casa á Rua da Beneficência, 267, 2.º a pequenita Maria Teresa da Cunha Maia. Satisfeita e desprevenida estava no seu mundo de bonecas; mas um movimento imprevisto e imprevidente — vão lá pedir prudência a uma criança! — atirou com ela da varanda abaixo, indo cair num terraço. Muito contusa e dorida foi para S. José essa inocentinha.**

JORNAL PEQUENO

COM o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Presidência, das Obras Publicas e da Economia e secretário de Estado da Agricultura. * Devido a falecimento subito na residência, Rua Sampaio Bruno, 21, 1.º, dir., deu entrada no Instituto de Medicina Legal, o cadáver do pintor de arte José Diogo do Vale Sousa Meneses Mexias, de 44 anos. * No Barreiro foi assinada a escritura para a construção de um bairro de casas de rendas económicas. Está orçada em 2.500 contos. * Adoeceu nos estaleiros onde trabalhava o electricista Raul dos Santos Silvestre, de 37 anos. Chegou morto ao Hospital de S. José. * Perto de Torres Vedras virou-se um automóvel com cinco ocupantes que ficaram feridos. Arlindo dos Anjos Ladeira, de 30 anos, criado de mesa, morador na Avenida Almirante Reis, 44, r-c., e Anelito Dias, de 43 anos, cozinheiro, residente na Rua Afonso de Albuquerque, 24, 1.º, ficaram muito contusos, tendo recolhido ao Hospital de S. José. * O dr. Luís de Matos, antigo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, actual professor efectivo do Liceu de Passos Manuel, e antigo leitor de português na Sorbona, tomou posse da cadeira de História da Expansão da Cultura Portuguesa do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO

«TERRAÇO DAS ESTRELAS»

OS JOVENS BAILARINOS ESPANHOIS

HERMANOS ZORI

E A VEDETA DA CANÇÃO

DIVINA GENELTY

Ao piano: TORREGROSA

(Maiores de 17 anos)

AMANHÃ: «Matinee» com todas as atracções. Chá completo 25$00

SE TEM

- Mais de 18 e menos de 25 anos
- boa apresentação
- 1,55m de altura minima
- o 1.º ciclo dos liceus

e fala correntemente o francês e o inglês

CONCORRA A ASSISTENTE DA TAP

— para o serviço de terra ou de bordo — inscrevendo-se na Rua Duque de Palmela, 27-3.º, até ao próximo dia 28 do corrente

Nem tudo o que uz é «ouro» nos leilões da Alfândega...

Em todos os países, está naturalmente estabelecido que as autoridades e os organismos do Estado devem ser os primeiros a cumprir as disposições legais. Mas nem sempre acontece assim. O caso que vamos relatar, sem comentários, porque os nossos leitores se encarregarão de os fazer, é edificante:

O sr. Carlos Fernandes há muitos anos que governa a vida acorrendo aos mais variados leilões, desde os dás casas de penhores, aos dos estabelecimentos em liquidação, aos hospitalares, aos alfandegários. E foi precisamente num destes—na Alfandega de Lisboa, no passado dia 9, que se registou o estranho episódio.

O pregoeiro pôs em praça «um anel de senhora, de ouro, com uma pedra artificial e o peso de 2,1 decigramas» (conforme reza a «guia de arrematação», que nos foi mostrada pelo comprador); e como o sr. Carlos Fernandes achasse a «joia» engraçada e sentisse desejo de a oferecer á sua mulher, licitou, contra um colega e uma colega que foram fazendo lanços sucessivos de 5 e de 10 escudos.

A arrematação foi feita por 121 escudos; e quando o comprador ia, todo satisfeito, levar o anel á mulher, teve a desilusão de ouvir, da boca de um ourives, que ele não era de «ouro de lei» (este, em Portugal, tem de ter, pelo menos, 16 quilates), mas de «ouro baixo» de 10 quilates, conforme o contraste americano que se vê na sua parte interior.

Reclamou á Alfandega; mas ali informaram-no de que o anel tinha sido mandado á Casa da Moeda que cobrara 5 escudos para o examinar e declarara que era de «ouro».

E, assim, o sr. Carlos Fernandes adquiriu, por 121 escudos, num organismo do Estado, como «ouro de lei», que está a 30 escudos o grama, um objecto de ouro baixo americano, que valerá se o quiser vender, cerca de 10 escudos!

OS PROBLEMAS da Formação profissional na Força Aérea

Organizado pelos serviços de Intendência e Contabilidade da Força Aérea, realizou-se hoje, no Subsecretariado da Aeronáutica, o 11.º encontro mensal de formação profissional, a que presidiu o director daqueles serviços, sr. coronel Alvaro de Oliveira, e ao qual assistiram todos os oficiais do mesmo departamento.

A iniciativa visa a estabelecer sistemas de trabalho uniformes. O programa de hoje inglobou análises e esclarecimentos dos problemas administrativos ou com eles concorrentes, no ambito dos conselhos de administração, em especial os respeitantes a vencimentos e alimentação do pessoal, fardamento e combustíveis e lubrificantes. Foram, também, apresentados e discutidos vários aspectos da inspecção á distancia, da missão dos serviços de Intendência e Contabilidade da Força Aéreta em tempo de paz e de ética militar.

Excursão à Madeira de antigos estudantes de Coimbra

COIMBRA, 24 — A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra promove, no fim do ano, uma grande excursão á Madeira, que proporcionará o estreitamento da camaradagem entre os antigos estudantes do Continente e das ilhas, que frequentaram a Universidade.

Serão prestadas informações na sede da Associação, no Palácio dos Grilos.

— No dia 27 reune-se a assembleia-Geral da Tuna Académica, para eleição dos corpos gerentes. Vão prosseguir as actividades do famoso agrupamento artístico, cujos ensaios começam no dia 26.

VIDA SOCIAL

ARQUITECTO CARLOS RAMOS

O arquitecto Carlos Ramos, director da Escola de Belas-Artes do Porto, foi eleito membro do Real Instituto de Arquitectos Britanicos.

CHÁ-CANASTA

Na quinta-feira, ás 16 horas, realiza-se, no Grémio Literário, um chá-canasta e passagem de modelos, em benefício dos pobres da freguesia das Mercês. As marcações podem fazer-se pelos telefones 25330 e 21659.

A oposição americana

(Continuação da página anterior)

visitar o seu país o chefe do Governo soviético.

UMA OPOSIÇÃO TENAZ

Os adversários dessa orientação esforçam-se para demonstrar a sua inutilidade e os seus perigos, como se ela fosse ditada pelo receio do poderio da União Soviética posto em relevo pelos êxitos recentemente alcançados pelos cientistas russos no domínio dos foguetões. Em 26 de Julho o irmão do falecido secretário de Estado, o chefe dos Serviços secretos americanos Allen Dulles, proclamou: «Os Russos não são mais fortes do que nós». No dia seguinte, o secretário da Defesa, Mac Elroy, afirmou: «Os Russos não chegam a ter dez projécteis intercontinentais».

Há, por outro lado, a tempestade levantada nos meios religiosos americanos pelo convite do presidente a Kruchtchev. As Igrejas, especialmente a católica, foram nitidamente violentas na sua hostilidade. O arcebispo de Nova York, cardeal Spellmann, referiu-se, em termos categóricos, a ela para protestar contra a ideia de uma tentativa de aproximação russo-americana e mais ainda contra o desejo de resolver, pacificamente, as divergências entre os dois países.

Numa declaração de 20 de Setembro, o cardeal Spellmann criticou, ásperamente, a viagem de Kruchtchev pedindo aos seus compatriotas que se não deixem adormecer pelo «ópio da coexistência», o qual, segundo disse «está a ser tão habilmente dado que os Americanos não percebem bem que um entendimento com o assassino acaba sempre com a morte da vítima». O primeiro que se deixou adormecer pelo ópio da coexistência foi o presidente dos Estados Unidos.

A DOUTRINA HERTER

Da oposição feroz á nova orientação da política externa americana, tal como definida pelo presidente, houve outras manifestações graves embora mais discretas. Na altura em que este se mostrava confiante na vontade de paz soviética e nas intenções dos dirigentes da U. R. S. S., o que mostrava que se abrira o caminho para retomar seriamente as negociações Leste-Oeste, o secretário de Estado, Herter, formulou uma nova doutrina a qual, se fosse aceita, impediria qualquer aproximação e cortaria o diálogo, destruindo os benefícios alcançados depois do encontro de Camp David.

Numa declaração feita em 6 de Outubro, em Washington, Herter responsabilizou os Soviets por todos os actos praticados por países do bloco comunista, com o argumento de que Moscovo tem a sua direcção. Segundo esta nova doutrina de nada serviriam as provas da boa-vontade soviética para justificar o prosseguimento das negociações com a Russia, sendo preciso que a China proceda como ela, pois, ao menor desvio do Governo de Pequim, o de Moscovo será responsabilizado por ele, o que basta para condenar a política de aproximação russo-americana.

E' difícil dizer, exactamente, se o objectivo visado pela nova doutrina Herter é o de sabotar as negociações Leste-Oeste ou o de criar dificuldades ao Governo soviético e perturbar as relações entre Moscovo e Pequim. Certo é que se a referida doutrina fosse aplicada, de aí não resultaria benefício para a paz.

O ESPÍRITO DE CAMP DAVID

Apesar, porém, dessa oposição pode dizer-se que o espírito de Camp David está em marcha. Com a sua visita a Pequim, no regresso dos Estados Unidos, Kruchtchev fez malograr as manobras dissimuladas por detrás da doutrina Herter, conseguindo alinhar, sem reservas o Governo chinês com a política de desanuviamento preconizada por Moscovo como esta foi revelada durante as conversações que teve na América. O chefe do Governo soviético disse que «estão reunidas todas as condições para acabar com a guerra fria».

Por outro lado, a nova orientação da política americana fez sentir rapidamente os seus efeitos, multiplicando-se os indícios de que é assim. Além de se ter resolvido fazer a conferência de alto nível, houve a nomeação, em 21 de Setembro do conhecido diplomata americano Georges Bohlen para adjunto do secretário de Estado para as relações com a Russia. Bohlen é considerado como o primeiro funcionário de carreira nos Estados Unidos e como um sincero partidário da política de aproximação entre os dois países sendo por isso um dos categorizados elementos da Secretaria de Estado que Dulles afastou do seu cargo. No dia em que foi feita a nomeação, chegou a Odessa o primeiro navio mercante americano depois da guerra.

Tudo indica que os Estados Unidos enveredaram por um caminho diferente do que percorreram no passado, facto que domina a cena internacional. No telegrama que o presidente enviou a Kruchtchev, em resposta ao que este lhe enviou a agradecer a recepção que lhe fizeram nos Estados Unidos, dizia: «Estou satisfeito por saber que, na sua opinião, as nossas conversações contribuiram para melhorar as relações entre os dois países e para abrandar a tensão internacional que, no passado, tantas dificuldades criou». Os Americanos reconheceram que o mundo do pós-guerra mudou e que é preciso ter isso em conta para evitar um conflito nuclear. Foi nesse sentido que quarenta categorizadas personalidades do seu país saudaram, numa declaração publica, o que chamam «a missão mais grave da história do seu país» da qual se encarregou o presidente Eisenhower e que consiste em salvar o Mundo de um conflito sem precedentes.

ATTICUS

MORTE TRÁGICA no trabalho

PINHEL, 24 — Quando trabalhava no empedramento de um poço, numa propriedade da freguesia de Souropires, na Pucarinha, foi atingido por uma pedra que o esmagou, Pedro Ferreira, mestre de pedreiro, de 35 anos, casado, natural desta cidade e residente naquela freguesia.

O infeliz, que teve morte imediata, deixa dois filhos menores.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

NO COMEÇO DO NOVO ANO ESCOLAR

Escola Superior de Farmácia

O Curso Superior de Farmácia foi criado em 1902. Anteriormente funcionava um Curso de Farmácia anexo á Escola Médico-Cirurgica. Em 1918 os cursos passaram a funcionar em escolas independentes, tendo a Escola Superior de Farmácia sido instalada no local onde hoje se encontra. Foram professores ilustres desta casa Aquiles Machado, Telles Palhinha, Pereira Forjaz, Lupi Nogueira e outros. A Escola Superior de Farmácia possui 6 laboratórios, distribuídos pelas várias cadeiras do curso, destinados ás aulas práticas dos alunos e ainda 3 laboratórios para investigação. Tem 3 salas para aulas magistrais, além da biblioteca, secretaria, M. P., cantina, etc.

Maria da Silva Rebelo

7 professores

Leccionam na Escola Superior de Farmácia sete professores, sendo três extraordinários, dois primeiros assistentes e dois segundos assistentes.

Dois alunos

Maria Beatriz Martins da Silva Rebelo, de 17 anos, residente no Estoril, é uma primeiranista de Farmácia, curso que, nos ultimos 40 anos, ganhou uma nova feição e extrema importancia. A industria e o laboratório sobrepuseram-se á farmácia, tal como era compreendida duas gerações atrás.

Emanuel Ricardo Castela, de 28 anos, encontra-se no ultimo ano de Farmácia. As notas do seu curso são óptimas, entre os 13 valores e os 17.

Emanuel Ricardo Castela

251 alunos em 1958-59

Frequentaram a Escola Superior de Farmácia, no ano lectivo de 1958-59, 251 alunos. No ano anterior, o numero de alunos era 241.

Prof. Joaquim Mendes Ribeiro

O prof. Joaquim Mendes Ribeiro, que possui os cursos de Medicina e Cirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa e de farmacêutico-químico, é director da Escola Superior de Farmácia desde 1952. É autor de numerosos trabalhos de investigação e publicou, com o dr. Eduardo Coelho, vários estudos.

A CIDADE

Vigaristas presos
por um feliz acaso

Há dias, quando um dos agentes das brigadas móveis da Secção Central da Polícia Judiciária, seguia a pé pela Avenida Almirante Reis, com destino a sua casa, avistou um automóvel em que se transportavam além do motorista, os vigaristas Franklim da Luz Lopes o «Albardas», Jesus Pinho Velez e Joaquim Simão Ferreira Gomes o «Robin» que, ao reconhecerem o referido agente, aumentaram a velocidade procurando ocultarem-se entre os outros veículos que circulavam naquela artéria. Porém, isso não evitou que o agente pudesse anotar a matrícula do automóvel que momentos depois foi transmitida a todos os carros-patrulhas. Poucas horas depois, foi avistado o automóvel dos vigaristas, estacionado sem qualquer ocupante, na Rua das Janelas Verdes, desta cidade. Ocultos próximo do local, os agentes aguardaram que os vigaristas se dispusessem a regressar mas, apenas voltou o motorista que foi detido e identificado como José Marques Martins, residente na Travessa do Conde de Soure, 40, 1.º. Então este, procurou desculpar-se inventando várias histórias, mas nada adiantou pois a sua odisseia já era sobejamente conhecida na Polícia através dos processos ali em instrução por burlas praticadas pela quadrilha que há tempo se dedica ao conto do vigário. Em continuação das diligências, as brigadas móveis já prenderam Franklim da Luz Lopes o «Albardas» e esperam apanhar em breve os dois outros meliantes.

Pela Policia

ROUBO DUMA TELEFONIA PORTÁTIL — O sr. Luís Duarte Jorge, residente em Lapa da Serra, queixou-se ás autoridades de que, do balcão da sua barraca de comidas e bebidas lhe furtaram uma telefonia portátil, com os numeros 142789 e 137978.

Pelos hospitais

MORREU NO HOSPITAL — Faleceu no Hospital de S. José, José Francisco Albuquerque Pereira Leonardo, de 20 anos, jornaleira, natural de Vila Viçosa e residente em Pero Pinheiro, uma das vitimas do aparatoso acidente verificado há dias na Granja do Marquês, quando uma bicicleta que transportava três pessoas chocou com uma camioneta.

... perdeu?

Na secção administrativa da P. S. P. (Governo Civil) encontram-se depositados os seguintes objectos achados ontem em Lisboa: uma galinha numa alcofa; um duplo metro de madeira; um cinto de fazenda, para gabardina; um metro articulado; uma peça de aparelho «Sonotone»; carteira de plástico com três chaves presas a uma argola; um estrado de madeira; um estojo de plástico, com óculos graduados; uns óculos graduados; um saco de praia, contendo umas botas mexicanas; um garrafão com capacidade para 5 litros; um desmontador de pneus; uma quantia em dinheiro; bolsa de plástico, com porta-moedas e dinheiro; um porta-moedas de plástico com dinheiro; um porta-moedas com diversos cartões em nome de Janus Hogin Gold; catorze mapas da firma James Lwell y Company; carteira de plástico com bilhete de identidade, em nome de Luzia da Conceição Antunes; requerimento e declaração de honra em nome de António J. Caldeira; bilhete de identidade em nome de Armando Ribeiro Pinto; carteira de plástico com bilhete de identidade em nome de Alfredo Lopes Agostinho, etc.; carteira de plástico com bilhetes de identidade em nome de Maria Luísa Baptista Alves e Virgínia da Silva Franco Martins; relógio de algibeira, com um emblema e uma argola; uma nota do Banco de Portugal, encontrada numa das dependências da Caixa Geral de Depósitos; um saco de linhagem com diversas garrafas; bilhete de identidade de Maria da Purificação Carreira Louro e diversas argolas com chaves.

Na Faculdade de Medicina
começou o curso de Biologia

Com uma lição dada pelo sr. prof. dr. Xavier Mourato, começou esta manhã, ás 11 horas, no anfiteatro de Histologia Celestino da Costa, o curso de Biologia da Faculdade de Medicina. Estavam presentes cerca de 150 alunos.

Reunião anual
do Curso de Artilharia de Campanha 1914-1916

Realizou-se hoje a reunião anual do Curso de Artilharia de Campanha 1914-1916.A's 10 horas, na Capela da Senhora da Saude, por alma dos condiscípulos falecidos, foi rezada missa.

Ás 13, efectuou-se um almoço de confraternização, em que foram convidados de honra o antigo professor da Escola de Guerra, coronel do C. E. M., Vitorino Godinho e o capitão José Teles, antigo oficial de serviço da mesma Escola.

Tomaram parte no almoço os componentes do curso: general Abranches Pinto, nosso embaixador em Londres; general Valente de Carvalho, comandante da Guarda Fiscal; brigadeiros Brandão Antunes, Alpoim e Teriaga; coroneis Alexandre Mayer, Teixeira Pinto, Armando Matos, Marques Osório, Rodrigues da Costa e Fausto Correia; tenente-coronel Vaz Monteiro; majores Barbosa de Magalhães, Farinha Pereira e Vitorino Branco; capitães Marcellin, Mesquita e Marcely.

Tágide

O já célebre quarteto de «rock and roll»

THE MODERN JAZZ DANCERS

A grande Vedeta brasileira

DEO MAIA

com

WALTER MACHADO e os IRMÃOS GUARÁS

Os assombrosos Telepatas

Prof. GULMAR

e

ANA ELSA

A jovem e elegante bailarina

ADELA MARTI

(Maiores de 17 anos)

*

Dia 27

O famoso cantor chileno

ARTURO MILLAN

Palm Beach

III SALÃO DE ARTES DOMESTICAS

NO PAVILHAO DA F. I. P. — A Junqueira

Uma organização do jornal «O SECULO»

ENTRADA 2$50

ABERTO DAS 15 ÀS 24 HORAS

HOJE

NOITE BUSCH

que culminará com o sorteio de

1 máquina de tricotar Busch
1 panela de pressão Duromatic
1 ferro eléctico Rotel

Às 22.30 — Grandiosa passagem de modelos executados na máquina de tricotar Busch

Às 21.30, no Stand PHILCO, **MARINO MARINI** assinará autógrafos

No stand **NEOFON**, às 22.30 horas, audição de **HANS GUNTHER PLATH**, 1.º solista alemão de acordeon

Com o seu bilhete de entrada, ser-lhe-á entregue uma senha numerada que o habilitará ao sorteio de um magnifico automóvel

MORRIS-850

Faça o seu trabalho caseiro sem dores nas costas!

Se lhe doem as costas cada vez que se baixa ou se curva, talvez tenha ácido úrico em excesso. Kruschen, uma combinação de sais minerais, auxiliará a eliminação dos venenos orgânicos, causadores do ácido úrico. Principie hoje mesmo um tratamento Kruschen. À venda em todas as farmácias.

Eleição de Miss Portugal-59

(Uma realização da Revista MUNDO)

FINAL NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

REALIZA-SE NO DIA 25 (DOMINGO) às 21 h. e 45 m.

ORDEM DO ESPECTÁCULO

PASSAGEM DE MODELOS

ACTO DE VARIEDADES

em que tomarão parte os seguintes artistas: ARTUR RIBEIRO, CASIMIRO CHAGAS, FERNANDA MARIA, FERNANDO CORREIA, GINA MARIA, HELENA MARIA, JOSÉ ANTÓNIO, LORIS VELLI, MADALENA IGLÉSIAS, MARIA DO ESPIRITO SANTO, MARIA JOSÉ VALÉRIO, PATRICIA, PLINIO SERGIO, SIMONE DE OLIVEIRA e os Grupos «4 DE ESPADAS» e «OS JOGRAIS DE HOJE»

Apresentação do espectáculo HENRIQUE MENDES

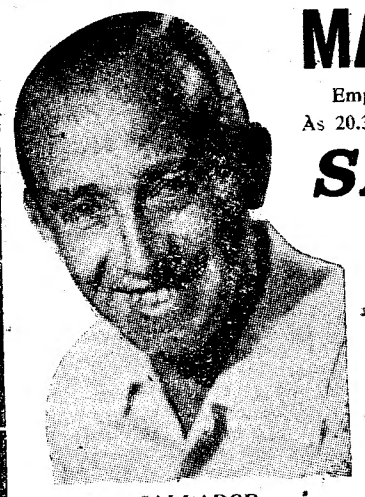
Locução de: LUIZ GONZAGA

FINAL DO CONCURSO DE MISS PORTUGAL, 59

Neste espectáculo far-se-á a entrega á finalista da credencial que levará a Londres para representar o nosso País no concurso MISS WORLD — 59. Este espectáculo, dada a sua projecção, será filmado para o cinema e para Londres remeter-se-á uma cópia a fim de ser projectada numa das cerimónias oficiais do concurso MISS WORLD — 59.

BILHETES À VENDA NA AGENCIA ABELHA, AVENIDA DE ROMA: E NA A. B. E. P. NOS RESTAURADORES

ESPECTÁCULO PARA MAIORES 17 ANOS


SALVADOR

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
Às 20.30 e 22.45 Adultos—M/17 anos

SALVADOR

Dana Ghia

Humb. Madeira

APRESENTA
UM AUTENTICO TRIUNFO DE GARGALHADA
A REVISTA POPULAR

TUDO NA LUA

com BIBI FERREIRA e ANTÓNIO SILVA
AMANHÃ ESP.º À TARDE ÀS 16 HORAS

Mimi Gaspar

TEATROS E CINEMAS

Circo no Coliseu dos Recreios

O Circo regressa. Tem a mesma larga face rasgada pela gargalhada. O seu trajo é ainda brilhante. Tem qualquer coisa de Arlequim e de Rei Momo. E' a própria alegria, o ímpeto irresistivel do riso, a força invencivel da juventude. O circo mantem-se intacto, puro, poderoso e empolgante. Ei-lo que rufa no seu tambor a chamar a multidão. E a multidão acorre. E' a voz do riso.

O Coliseu abre-se de novo para o publico do circo. E' o mais fiel e o mais entusiástico. Há nas suas palmas uma vibração diferente. Entre os artistas e a multidão estabelece-se um elo mágico de simpatia e compreensão. E' um todo. No Coliseu não há barreiras entre o artista e a plateia. Estão ali todos, muito próximos, cara a cara, olhando-se nos olhos, sem embustes e com um calor diferente. E o artista sente um apoio que lhe é fundamental. O artista sente-se entre a multidão. A mesma que desde há séculos vem rodeando os artistas de circo. Caem as máscaras. O próprio palhaço tem sobre a cara, pintada, a sua autêntica expressão. Tudo aqui é nitido, exacto, claro, recortado no perfil vigoroso dos corpos humanos. Não há bastidores. O espectáculo está todo ali, no estrado circular, cercado pelo publico. Os projectores crepitam, entornam sobre os artistas uma luz intensa, reveladora, implacável. E' a grande prova. Nada pode ser escondido. O artista não tem costas. Os olhos espreitam-no de todos os lados. Eis porque o seu êxito é mais valioso.

O publico esteve ontem no Coliseu. O publico de Lisboa, verdadeiro, numa massa enorme que tem uma só voz e um só rosto. Os milhares de pessoas que ali vimos aplaudiram no mesmo gesto de entusiasmo. De facto, a Primeira Companhia da Temporada de Circo, cartaz gritante, foi um autêntico desfile de sucessos. O circo não é lento, nada perdeu da sua velocidade, do seu ritmo alucinante. E' quase um filme, na brevidade dos seus numeros, na constante novidade que nos apresenta, na força subjugadora da sua linguagem. Mas, mais que o cinema, revela-nos a própria vida, ela própria, próxima, palpável. O programa é uma mão-cheia de êxitos.

Mike é um fino malabarista. Elegante, ágil, nervoso, ele move-se sobre o estrado como um frenético «robot». Não deixa que o seu numero tenha uma quebra, um ponto morto, um vazio. Insiste. Mantém o publico tenso e atento. Nunca cansa. O jogo das quinze garrafas é o seu «clou». O publico vibra e acaba por aplaudir, num clamor imenso.

Os Scotland são dois jovens graciosos, gentis, de expressões surpreendentemente inteligentes. O seu numero tem igualmente um ritmo nervoso, metralhado. Movem-se sobre as máquinas como dois gnomos. Parecem fazer parte delas. São peças libertas em forma humana, impecáveis, infalíveis. Extraordinário o numero executado pela jovem Scotland, cavalgando uma roda de bicicleta que faz mover pisando o pneu. Novo e surpreendente.

Ryna é a mulher da noite. A sua expressão parada tem uma riqueza de comicidade insuperável. Baixa, maciça, de cabelo no ar, a cara redonda, dois pequenos olhos fixos em frente, Ryna diverte mais que Fernandel. Mas não é apenas isto. O seu numero, com Johny, é um prodígio de invenções. Ryna faz mais sensação que um ilusionista que conseguisse tirar da cartola uma girafa. O publico ri perdidamente. Os cães que ela comanda ficam na sombra. O numero é ela, os seus gestos, a sua face, o seu sorriso final.

O palhaço ri. E' a sua profissão, o seu dever, o seu ganha-pão. Mas com os Sala não se dá isso. Os Sala são o próprio riso. Têm uma alegria que não guardam para si. São generosos. Entregam-na ao publico. O riso é contagioso. E eis a multidão a rir, numa gargalhada liberta, solta, triunfal. Os Sala revelam-nos um outro mundo de comicidade. Têm uma alegria jovem. O seu estilo é novo, viçoso, fresco. A sua musica tem a claridade e a leveza de uma boa recordação.

Los Belos são os reis da acrobacia em balança. Revolucionam a Física. As suas acrobacias arrepiam a plateia. Projectam-se no ar num arrojo quase suicida. Voam positivamente. Desenham figuras geométricas invulgares. Arrancaram do publico aplausos demorados.

Marietta é uma fascinante aramista-bailarina. E' um belo rosto esguio e exótico. Em gestos brandos, ritmados, sensuais, Marietta dança como uma chama de paixão. Na linha do arame ela executa um numero admirável de perícia, arrojo e elegancia.

«Adeus, Mister Chips!» escreveu James Hilton. Mas «Mister Chips», o velho, o encantador, o generoso inglês voltou. Ei-lo no Coliseu, sempre sorridente e manso, com uma timidez quase juvenil, já grisalho, num numero de aguda ironia. Tem uma humanidade rara, inteiramente comunicada ao publico, transmitida inteira.

Lisa Wlady é uma surpreendente equilibrista, um nome grande do cartaz, que esfarrapou os nervos

(Continua na 12.ª página)

JOSÉ VIANA

ABC

EMP. TEATRAL ABC, LDA.

JOSÉ MIGUEL APRESENTA ás 20 e 30 e 22 e 45 horas
CARMEN DE LIRIO NA REVISTA DE GARGALHADA

DELIRIO EM LISBOA

com AIDA BAPTISTA ● BERTA LORAN ● JOSÉ VIANA ● RAUL SOLNADO ● CARLOS COELHO no «compère»; As atracções MAX e HELENA TAVARES e a colaboração de HORTENSE LUX
AMANHÃ, ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS — (MAIORES DE 17 ANOS)

CARLOS COELHO

CONCHITA v ALVERTO
MARUJA SEVILLA
BALLET ALBENIZ DE LOS REYS

—HOJE—

O ELENCO DE QUE MAIS SE FALA
A PARELHA FAVORITA DO PUBLICO
LES VILLALTAS
EM VIBRANTES CANÇÕES E BAILADOS
BALLET
ROSAS DE ESPANHA
EM DANÇAS FRIVOLAS E DE FANTASIA

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

MUITO BREVE
6
NOTÁVEIS ESTREIAS

MUSICA DE BAILE POR *VILAÇA E SUA ORQUESTRA*
No Salão Típico: CEIAS—FADOS E GUITARRADAS

A CURIA DE LISBOA

A 360 m. de altitude e apenas a 20 kms. de Lisboa encontrará V. Ex.ª um HOTEL com todo o conforto moderno o

HOTEL VALE DE LOBOS

que lhe oferece óptimas condições de «FIM DE SEMANA» e preços especiais de Inverno. Faça sem demora a sua reserva e siga este itinerário:

* AUTO ESTRADA
* AMADORA
* BELAS
* VALE DE LOBOS (HOTEL)

BOM SERVIÇO DE RESTAURANTE
Almoce ou jante e exija
«LEITÃO À VALE DE LOBOS»
Uma especialidade deste HOTEL
NA BOITE (Todos os domingos)
«CHÁ DANÇANTE»
Com o Conjunto «YORK MELODIES»
Informações e reservas pelos Telef. 094846 e 094843
MAIORES DE 15 ANOS

NAU CATRINETA
RESTAURANTE TÍPICO — ALFAMA
MARIA JOSÉ DA GUIA
RAUL DIAS — QUINITA GOMES
DANÇAS REGIONAIS
por «CLÉLIA e ISAAC»
AVELINO RODRIGUES (ACORDEONISTA)
TELEF. 868338 M/ 17 ANOS

«A culpa é do Benfica»

na Sociedade Ordem e Progresso

O Centro Experimental de Novos Artistas, da Sociedade Ordem e Progresso, apresenta no próximo dia 31, ás 21 e 30, na sua sede, a farsa em 3 actos «A culpa é do Benfica», apresentada e dirigida por Fernando Coutinho.

Em S. Carlos

Ballets U. S. A. de Jerome Robbins

Os elementos da companhia «Ballets U. S. A.», de Jerome Robbins, chegam a Lisboa depois de amanhã, cerca do meio-dia. A estreia daquele agrupamento, no Teatro de S. Carlos, está marcada para terça-feira á noite.

A VOZ DA IMPRENSA:

«...MAXIME qualquer coisa de novo e de muito belo, a que, infelizmente, não estamos habituados». ...«Tudo perfeito, tudo muito bem. Oxalá o publico saiba corresponder a tamanho esforço que vem colocar a vida nocturna de Lisboa num agradável ambiente de cosmopolitismo, ao mesmo tempo que se oferece aos estrangeiros que nos visitam um belo local de diversão. (A. F.).

ESCREVEU O ILUSTRE CRITICO DO «DIÁRIO ILUSTRADO»

VÁ ESTA NOITE, COM SUA FAMILIA, AO «MAXIME», para ver o extraordinário «show» NO REINO DAS VEDETAS, um espectáculo dinamico, alegre e luxuoso, como nunca foi apresentado em Portugal.

TIVOLI

ÀS 21,45 H.

TEATRO CACILDA BECKER

TRÊS ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS DA PEÇA DE ARIANO SUASSUNA

AUTO DA COMPADECIDA

DOMINGO, ÁS 15 HORAS: «MATINÉE» A PREÇOS REDUZIDOS

Segunda-feira não há espectáculo para montagem do novo programa

TERÇA-FEIRA, 27, ÁS 21.45 H.

ESTREIA DO NOVO PROGRAMA

POIL DE CAROTTE (PEGA FOGO)

DE JULES RENARD

a mais extraordinária criação de Cacilda Becker, e

PROTOCOLO DE MACHADO DE ASSIS

uma história deliciosamente feminina

BILHETES Á VENDA (Espectáculo p.ª adultos m/ 17 anos)

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

NA 2.ª FEIRA, ÁS 21 e 45

(17 anos)

ESTREIA

PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

O LUGRE

ORIGINAL DE

BERNARDO SANTARENO

Está em Lisboa

Maria Della Costa

em **GIMBA**

MATINÉES AOS SABADOS

A PREÇOS POPULARES

A NOITE AS 21.45, NO NOVO

Teatro Capitólio

POLTRONAS 40$00

MATINÉES SABADOS E DOMINGOS — AS 16 HORAS

TRINDADE

HOJE ÀS 21.45 **ESTREIA** (17 ANOS)

PARA ABERTURA DA III TEMPORADA DO

TEATRO NACIONAL POPULAR

(SUBSIDIADO PELO FUNDO DO TEATRO)

A VERSÃO TEATRAL DO CÉLEBRE ROMANCE DE

IRWIN SHAW

LUCY CROWN

HISTÓRIA DE UMA MULHER

COM

CARMEN DOLORES | **ASSIS PACHECO**

CANTO E CASTRO — ARMANDO CORTEZ — LUÍS DE CAMPOS — TERESA COTTINELLI — CARLOS WALLENSTEIN — LUCIA MARIANI — JOSÉ AMARO — MÁRIO PEREIRA — FLORBELA QUEIRÓS — ARMANDO CALDAS — JOÃO LOURENÇO

DIRECÇÃO DE FRANCISCO RIBEIRO

AVISO AO PÚBLICO — DEPOIS DA SUBIDA DO PANO NÃO PODERÁ SER PERMITIDA A ENTRADA NA SALA DO ESPECTÁCULO.

VEJA COM OS SEUS PROPRIOS OLHOS!

TODOS OS DIAS, DURANTE O TEATRO DE **CACILDA BECKER**, E. A NOITE, DEPOIS DESTA ACTUAÇÃO

A mais famosa obra romântica de George Ohnet que tem maravilhado gerações e gerações e ainda hoje encanta os corações de todos !

O GRANDE INDUSTRIAL

em Tecnirama e Technicolor

2.ª

UMA GRANDE INTERPRETAÇÃO de

ANTONIO VILAR

e VIRNA LISI

• SEMANA DUM EXITO CLAMOROSO!

Distribuição de **MOMENTO FILMES**

Maiores de 12 anos

Hotel de Turismo da Ericeira

«Varanda Sobre o Oceano»

UM FIM DE SEMANA

Em pleno Atlantico. Condições especiais. Faça a sua reserva

NO RESTAURANTE

Um bom serviço. Optimas salas para banquetes. Todos os domingos, a já famosa

«PAELHA DE LAGOSTA»

Uma especialidade deste HOTEL

Informações e reservas pelos telefones: 25 e 130 — ERICEIRA

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

O «DIARIO DE LISBOA» vende se em CASTELO DE VIDE no SALÃO ROYAL.

VOSSA EX.ª

Encontra : doçaria caseira — café inconfundivel

Uma pega 6$50 — O Ribatejo 10$00

Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO

(abre às 6 da manhã)

Pasapoga

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

A "BOITE" DA MODA NA OPINIÃO DE TODOS

APRESENTA EM EXITO SEMPRE APOTEÓTICO

O SENSACIONAL E MARAVILHOSO

BALLET MILOS RISTIC

NUM DESFILE DE CRIAÇÕES DE RARA «SOUPLESSE» ARTISTICA E BELEZA PLÁSTICA

2 ACTOS DE ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27174

15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Revela com audaz violência os segredos intimos de uma grande cidade

DEUS SABE QUANTO AMEI

com **Frank Sinatra** e **Dean Martin**

em Cinemascope — Metrocolor

EDEN — Telefone 20768

15.30 - 18.30 e 21.30 (M/17 anos)

Uma original e alegre comédia colorida

AMOR E BOXE

com **Inge Schöner** e **Maurizio Arena**

A história de um rapaz que queria ser boxeur... esquecendo-se que era um D. Juan.

ALVALADE — Telefone 763080

15.00 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

Uma galeria impressionante de personagens e o panorama cru das paixões humanas

DEUS SABE QUANTO AMEI

com **Frank Sinatra** e **Dean Martin**

em Cinemascope — Metrocolor

ODEON — Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

3.ª SEMANA

o mais terno idílio do século XIX

AMORES REAIS

«¿Donde vas, Alfonso XII?»

com Paquita Rico e Vicente Parra

Eastmancolor

Bilhetes á venda para os dias seguintes

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

21.00 (M/12 anos)

Supercinescope

JERUSALÉM LIBERTADA

A MANADA PERDIDA

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)

Cinemascope

GIGI

com Leslie Caron

TERRASSE — Telefone 20917

21.00 (M/17 anos)

GIGI

PECADO E REDENÇÃO

TIVOLI — Telefone 50595

Às 3 e 6.30 da tarde (M/12 anos)

2.ª SEMANA de

O GRANDE INDUSTRIAL

A NOITE: ás 21.45

TEATRO CACILDA BECKER

ultimas representações de

AUTO DA COMPADECIDA

Adultos — maiores 17 anos

POLITEAMA — Telefone 26305

15.15 - 18.15 e 21.30

2.ª Semana triunfal

A grande epopeia de um heroi que amou e foi amado por uma jovem de sangue real, que não se importou dele ser plebeu

CAPITÃO PAUL JONES

com **Robert Stack, Marisa Pavan, Erin O'Brien, Charles Coburn** e a genial **Bette Davis**

Tecnirama — Tecnicolor — (M/12 anos)

CONDES — Telefone 22523

A's 15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)

14.ª Semana de um triunfo sem precedentes do maior espectáculo de todos os tempos

OS DEZ MANDAMENTOS

com Charlton Heston, Yul Brynner e Anne Baxter

em Vistavision e Technicolor

AVIS — Telefone 47163

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

EDDIE e as suas 8 belas bonecas procuram a aventura

EDDIE, O SEDUTOR

com **Eddie Constantine** e **Margit Saad**

Sorrisos, beijos e socos aos montes

ROYAL — Telefone 845037

21.00 (M/17 anos)

PRECISO DE DINHEIRO

COM QUEM ANDAM OS NOSSOS FILHOS

IMPERIO — Telefone 55134/5

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

4.ª SEMANA

O colossal gigante da tela

A REVOLTA DOS COSSACOS

com **Van Heflin** e **Silvana Mangano**

A frente de um «cast» fabuloso

Tecnicolor — Tecnirama

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54157

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

John Wills, Horst Buchhozz, Yvonne **Mitchell** e a pequequena **Hayley Mills** em

OS OLHOS DA TESTEMUNHA

O filme policial perfeito!

ROMA — Telefone 727778

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA do EXITO de gargalhada com a impagável TINA PICA

VOLTOU A AVÓ ISABEL

com **Sylva Koscina, Peppino de Filippo** e **Renato Salvatori**

MONUMENTAL — Telefone 55131

15.15 - 21.30 (M/12 anos)

3.ª SEMANA de lotações esgotadas

Se não viu o TODD-AO vá ver

NO SUL DO PACIFICO

com **Rossano Brazzi, Mitzi Gaynor** e **John Kerr**

«Matinées» ás 5.ª, 6.ª, sáb. e domingos ás 15.15.

Bilhetes á venda para as próximas semanas

LIDO — Telefone 48560

21.00 (M/17 anos)

Metrocolor

CREPUSCULO VERMELHO

VINDIMA TRÁGICA

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

A GERAÇÃO REBELDE

c/ Robert Horland

O Governo francês agraciou o dr. Ferreira da Costa

Dr. Ferreira da Costa

O sr. dr. Ferreira da Costa, director do Serviço de Estomatologia dos Hospitais Civis de Lisboa e presidente da Sociedade Portuguesa de Estomatologia, foi agraciado pelo Governo francês com a comenda da Saude Publica. A respectiva condecoração foi entregue no decorrer de uma das sessões do XVI Congresso de Estomatologia francesa, que se reuniu há pouco em Paris, pelo próprio ministro da Saude Publica daquele país, ao dr. Assis Camilo, em representação do agraciado que, convidado a tomar parte no Congresso, não pôde comparecer.

Trata-se, indiscutívelmente, de grande distinção, que demonstra o reconhecimento pelos meios estomatologistas franceses dos méritos daquele nosso compatriota e da sua obra.

O dr. Ferreira da Costa, que é o mais antigo director de Serviço dos H. C. L., já em 1937 foi agraciado pelo nosso governo com o grau de comendador da Torre e Espada, pela sua dedicação áqueles hospitais, pelos serviços prestados no ensino a centenas de colegas e, ainda, pelo mérito dos seus trabalhos científicos.

Foi atribuído ao dr. A. Carlos Lima o Prémio Nacional Dr. Guilherme Moreira

Dr. Carlos Lima

O Prémio Nacional Doutor Guilherme Moreira, relativo ao ano da respectiva licenciatura, foi agora atribuído ao dr. António Carlos dos Santos Fernandes Lima, pela sua dissertação «O fenómeno do acrescer em sucessão testamentária». Nascido em Ponte do Lima, em 1926, o dr. Carlos Lima licenciou-se, com distinção, em ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 1949. Após a licenciatura, fez o seu estágio para a advocacia em Lisboa e iniciou, seguidamente, o exercício da profissão, que em breve suspendeu, para acompanhar como secretário o prof. dr Paulo Cunha, quando este assumiu as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros. Deixou este lugar para retomar o exercício da advocacia e ingressar como assistente na Faculdade de Direito de Lisboa.

Quando das ultimas eleições para deputados foi eleito pelo círculo de Viana do Castelo.

Além de vária colaboração em revistas da especialidade, publicou diversos estudos de Direito: «Imposto Profissional», «Novos Contribuintes»; «Veterinárias Municipais» — Funções Obrigatórias — Remuneração; «Aspectos do Direito de Preferência — Notificação e Renuncia»; «Legítima — seu preenchimento»; «Parceria Agrícola (Interpretação do art. 1.300 do Código Civil)»; «Arrendamento-Benfeitorias»; «Cumulação de Pedidos — Investigação de Paternidade Ilegítima — Simulação — Legitimidade».

VIDA ARTÍSTICA

Quadros de Félix Rodrigues na Sociedade Nacional de Belas-Artes

A exposição de pintura a óleo, de Félix Rodrigues, no salão do 1.º andar da Sociedade Nacional de Belas-Artes que deveria encerrar-se amanhã, contenua até ao dia 29 com o horário das 11 ás 19 horas

Silva Pereira e Rubinstein agradecem os aplausos

Silva Pereira triunfou em Madrid ao lado de Rubinstein

Conforme noticiámos, o maestro Silva Pereira deslocou-se a Madrid, a convite da Orquestra Sinfónica daquela cidade, para dirigir um concerto em que foi solista o pianista Artur Rubinstein. Do programa faziam parte o 5.º Concerto, de Beethoven, e a «Rapsódia sobre um tema de Paganini», de Rachmaninoff.

O publico que encheu o vasto «Cine Monumental» aplaudiu entusiásticamente os dois artistas e a crítica salientou com especial relevo a mestria do chefe de orquestra português que venceu brilhantemente a difícil prova de actuar com um solista como Rubinstein.

O consagrado crítico do A. B. C., Fernandez Cid escreveu: «Uma refecia elogiosa para o maestro Silva Pereira porque o seu trabalho, sempre atento e correctíssimo, conhecedor e sóbio, conseguiu um grande relevo em obras, cuja dificuldade só pode ser vencida quando o domínio permite a feliz naturalidade e firmeza, que caracterizam o maestro português».

O maestro Silva Pereira, que partirá em breve para Viena onde dirigirá um concerto de musica ibérica, voltará a Madrid, em Abril, para novo concerto.

Necrologia

Jaime Ferreira

Faleceu o sr. Jaime Ferreira, de 75 anos, natural de Lisboa, sócio gerente da firma Paulino Ferreira, Filhos, Lda. Era casado com a sr.ª D. Maria José de Macedo Sousa Ferreira e irmão do sr. Alvaro Ferreira e da sr.ª D. Angélica da Conceição Ferreira de Barros. O funeral, a cargo da Agência Alves, realiza-se amanhã, ás 15 horas, da Rua de S. Bento, 311, 1.º, para o cemitério dos Prazeres.

D. Lucília Pereira Leonardo

OLHÃO, 24 — Na Casa de Saude da Ordem Terceira de S. Francisco, para onde havia seguido, em estado grave, faleceu a sr.ª D. Lucília Pereira Leonardo, de 59 anos, natural e residente nesta vila, esposa do industrial de conservas sr. Manuel dos Santos Conceição e mãe do sr. Manuel dos Santos Conceição Junior, também industrial. O corpo veio para o cemitério de Olhão, em auto, sendo aguardado no Barranco Velho, por inumeras pessoas de família da falecida e muitos amigos, que o acompanharam até á sua ultima morada, constituindo uma comovedora manifestação de pesar, dadas as apreciáveis qualidades de carácter e extrema bondade da falecida.

José Lourenço Mota

Na sua residência Rua da Alegria 74, rés-do-chão, faleceu o sr. José Lourenço Mota, de 68 anos, natural de Folques (Arganil), o qual deixa viuva a sr.ª D. Glória Mesquita.

O funeral sai amanhã, ás 10 horas, da morada referida, para o cemitério do Lumiar.

SUFRAGIOS

Rainha D. Amélia

Por iniciativa do conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, á semelhança dos anos anteriores celebra-se, na segunda-feira, ás 12 horas, no Panteão de S. Vicente de Fora, missa por alma da rainha D. Amélia, comemorando o 8.º aniversário do seu falecimento. Será celebrante mons. Francisco Esteves, prior de S. Vicente.

Hóquei em patins

Nos jogos ontem efectuados, a contar para o «Regional» do Sul, 21.ª jornada, registaram-se as vitórias das equipas tidas como favoritas.

Os resultados foram os seguintes:
C. A. C. O., 3-Sporting, 2
Futebol Benfica, 5-C. U. F., 3
Cascais, 2-Sintra, 6
Mundet, 5-Parede, 4.

Alinharam e marcaram:

C. A. C. O. — Matos, Bernardino (2), Vaz Guedes, Rebelo, Barreto (1) e Julio.

SPORTING—Teixeira, Reis, Gonzaga (1), Gonçalves, Angelo e Cascais.

F. BENFICA — José Manuel, Rogério, Belarmino (3), Oliveira (1), Figueiredo (1) e Carlos Alberto.

C. U. F. — António José, Gonçalves, Carvalho, Angelo (1), José António (2) e Ferreira.

CASCAIS — Raposo, Castela, Fernando Silva, Mota (1) e Trabazos (1).

SINTRA — Vítor Domingues, F. Santos, Edgar, Pompílio (3), Filipe (3) e Vítor Santos.

O Sintra comanda a classificação, com 56 pontos. Em 2.º lugar está o Benfica, menos um jogo, com 54 pontos; e em 3.º, o Paço de Arcos, com menos dois jogos; e o Campo de Ourique, com 48 pontos.

HOJE À NOITE

BADMINTON — No ginásio da Escola Nuno Gonçalves, a partir das 21 horas: Lisboa Gnásio-Triangulo Vermelho e Benfica-Sporting. Segunda jornada do Torneio de Abertura.

TÉNIS DE MESA — Nas Caldas da Rainha, ás 21 horas, 6.º torneio internacional com a participação do Sevilha

HÓQUEI EM PATINS — Para o «Regional» do Sul, defrontam-se, nos rinques dos clubes que se citam em 1.º lugar, os seguintes encontros, a partir das 21 horas: Lisgás-Benfica e Paço de Arcos-Oeiras.

O «REGIONAL» DE BASQUETEBOL

Difícil vitória do Sporting frente ao novo divisionário, Liberdade

Benfica, 53 - C.A.C.O., 36
Nacional, 31-Belenen., 54
Tabacos, 46 - Atlético, 46
Liberdade, 41-Sporting, 46

A segunda ronda do campeonato lisboeta proporcionou, na verdade algumas surpresas que foram de certo modo esclarecedoras.

Tabacos - Atlético e Liberdade-Sporting proporcionaram os embates de maior atenção. Na primeira partida, os rapazes dos Barbadinhos, plenos de vontade, fizeram uma primeira parte brilhante, comandando as operações apesar de não terem sido muito felizes nos encestamentos. Ao intervalo a diferença de três pontos (23-20) favorável ao Tabacos não expressava a verdade.

No segundo tempo, a feição do jogo ainda se manteve até aos 33-21 Mas a partir desta altura e depois do Tabacos ter tido uma vantagem de 14 pontos a seu favor, a reacção dos Alcantarenses foi brilhante e mais uma vez a rasgos de audácia e vontade (mais nada) o Atlético conseguiu igualar o marcador (42-42). Alinharam e marcaram:

Tabacos — 46 (23) — Pereira, 18; Brito, 12; Amaral, 7; Santos, 6; Fernandes, 1; Alves, 2.

Atlético —46 (20) — José Manuel, 5; Morga, 4; Martins, 6; Orlando, 19; Jorge, 6; Ramiro, 2; Sousa e Jacinto, 4.

Arbitraram: F. Moita e A. Paulo.

*

O Liberdade sem preocupações de maior, pois esperava uma derrota pesada (o que não sucedeu), manteve desde o inicio da partida um fio de jogo que nos apraz registar. Pouco a pouco, sem pressas e com um pensamento definido, foi ganhando vantagem no marcador, vantagem mais tarde perdida quando os «leões», com esforço, empataram (15-15), a 30 segundos do final da primeira parte. Os novos divisionários com uma defesa cerrada, aguentando bem os ataques dos «leões», apesar da sua maior estatura, impuseram-se aos campeões regionais que, verdade se diga, desiludiram, francamente, acusando, com efeito, uma baixa de forma assustadora.

Os sportinguistas, na passagem e recepção da bola, foram francamente desastrados e nos encestamentos, fora os «casos» de Barreto e Costa Dias, perderam-se inglóriamente. Abílio Ascenso não marcou um ponto em toda a primeira parte, o mesmo sucedendo a Hilário. A vitória dos sportinguistas esteve na base da actuação de dois jogadores: Barreto e Costa Dias. Alinharam e marcaram:

Liberdade — 41 (15) — Neves, 10; Hildebrando, 9; José Maria, 15; Lourenço, 5; Hermenegildo, 2; Abreu e Nunes.

Sporting — 46 (15) — Abílio, 9; Layne, 6; Barreto, 13; Costa Dias, 14; José Mário, 4 e Hilário.

Arbitraram: Artur Tavares e João Policarpo.

*

O Belenenses, que continuou a demonstrar capacidade, sob vários aspectos, nomeadamente no encestamento (Franco brindou o cesto do Nacional com 34 pontos só á sua conta), está lançado para o título caso não tropece nalgum escolho. Com o seu contra-ataque fulgurante os «azuis» desbarataram a defesa do Nacional, que se viu em apuros para conter a impetuosidade dos lances ofensivos Esta equipa formada por valores individuais de considerar necessita apenas de um facto que é importante nas competições desportivas: personalidade e confiança nos seus dotes

Alinharam e marcaram:

Nacional — 31 (14) — Jesus, 10; Ferreira, 8; Neves, 4; Mesquita, 6; Hugo, 3; Sousa, Pinto e Claudino.

Belenenses — 54 (25) — Brito, 2; Neves, 4; Delgado, 10; Franco, 34; Fernandes, 4 e Mário Pereira.

Arbitraram: Alberto Costa e Marcelino Gameiro.

*

O Benfica, que a principio se mostrou confundido com a defesa de homem-a-homem, ganhou mais tarde confiança, alcançando, assim, certa vantagem no marcador.

A meio da 2.ª parte, os benfiquistas, mercê da boa actuação de Luís Santos, fugiram no marcador e pouco a pouco galoparam para o final sem dificuldades Arbitraram e marcaram:

Benfica — 53 (24) — V. Pinto, 4; Furtado, 7; Pires, 11; J. Alberto, 8; Luís Santos, 16; Joaquim Coelho, 7.

C. A. C. O. — A. Dias, 2; Macedo, 14; Alves, 2; Aires, 11; Arnaldo, 1; Gorreia 6 e Henriques.

Arbitraram: Mário Pinheiro e Orlando Rebelo

Classificação geral:

	J.	V.	E.	D	Marc.	P.
Belenenses ...	2	2	—	—	119- 78	6
Benfica	2	2	—	—	104- 68	6
Sporting	2	2	—	—	91- 65	6
C. A. C. O. ...	2	1	—	1	83- 89	4
Tabacos	2	1	—	1	93-111	3
Atlético	2	—	1	1	78- 97	3
Liberdade ...	2	—	—	2	77- 93	2
Nacional	2	—	—	2	55- 99	2

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — O principal acontecimento é, sem duvida, o torneio «Primeiro Passo», que tem a segunda jornada, com as fases finais das várias provas. Simultaneamente disputar-se-ão provas de 1.000 e 2.000 metros para atletas sem distinção de categorias e 200 metros, para senhoras.

— O C. D. U. L. promove, no Estádio Universitário, ás 10 horas, um torneio aberto a estudantes dos liceus e colégios de Lisboa, com várias provas para rapazes até aos 15 anos e até aos 17 anos.

— O Casa Pia A. C. promove mais um corta-mato, nos terrenos anexos ao campo «Pina Manique», ás 10 horas, com uma prova na distancia de 3.000 metros e outra de 5.000 metros.

BASQUETEBOL — O Campeonato regional da 3.ª Divisão, tem a 2.ª jornada, com os desafios seguintes:

Série A — Avila-Boa Hora (em Santo Antão), ás 10 e 11 h.; Alvalade-Paço de Arcos (nas Telheiras), ás 10 h.

Série B — Lisgás-Campolide (em C. Ourique), ás 10 e 11 h.; E. Física-Internacional, em T. Vedras, ás 11 h.

CICLISMO—Integrada nas comemorações das festas de Lisboa, a A. C. S. faz disputar, ás 9 horas, uma corrida para populares, na distancia de 35 quilómetros (percurso da Volta a Lisboa), com partida da Av Infante D. Henrique e chegada á Praça do Império.

DESPORTO CORPORATIVO — Começa o 18.º Campeonato Nacional de Futebol da F. N. A. T., no distrito de Lisboa. Só entram em acção os clubes da 1.ª Divisão e da série C da 2.ª Divisão. Estão marcados os encontros:

1.ª DIVISÃO — S. C. Cervejas-Ref. Ultramar, em Alvalade, ás 9 h.; C. Carris-F. C. Regina, em Belém, ás 11 h.; F. L. Sacavém-C. P Pesca, em Sacavém, ás 10.15 h.; S. C. Guérin-C. Telefones, em Palma, ás 9 h.

2.ª DIVISÃO (Série C) — S. C Cervejas-B. Carenque, em Alvalade ás 11 h.; S. Eléctrica-Comp. Carris e F. C. Regina-Armazéns Grandela em Belém, ás 9 e ás 13 h.; Comp Telefones-T. A. P., na Picheleira ás 11 h.

FUTEBOL MINIATURA — Começa o Torneio de Futebol Miniatura, organizado pelo Cruzeirense. Estão marcados os seguintes encontros:

Janotas-Falcões (8 h.), Castrense-Repentinos (8.30 h.), Canários da Boa-Vista-Estrela do Monte (9 h.), Leões da Armada-Caraqueijais de Almada (9.30 h.), Moinho Encarnado-Estrela Real (10 h.), Linda-a-Pastora-Desportivo da Pena (10.30 h.), S. L. Campolide-Estrela de Campolide (11 h.), Gil Vicente-Fontainhas (11.30 h.), Repentinos B-Real Olimpico da Bica (12 h.), Flaéres-Amigos Leais (12.30 h.), Aguias da Rocha-Leais Amigos (13.30 h.), Cruzeirense-Neptunos (14 h.), Liga de S. Vicente-Aguias de S. Lázaro (14.30 h.), Estrelas de Campolide-Atlético do Beato (15 h.), Desportivo da Pena A-Cova da Moura (15.30 h.), Estrelas do Monte A-Casalinho (16 h.), Esportes do Lumiar-Dinamo dos Sapadores (16.30 h.).

GOLFE — No campo do Estoril disputam-se as ultimas voltas do 6.º Campeonato Aberto de Portugal, que reuniu meia centena de jogadores, entre profisisonais (23) e amadores (28). Nesta fase da competição entram, apenas, os 30 melhores classificados das duas voltas iniciais.

A jornada reveste-se do maior interesse e deve animar invulgarmente a sinstalações do Clube de Golfe do Estoril, durante todo o dia. A 3.ª volta começa ás 8,15 e a 4.ª ás 12.30 h.

HIPISMO — A Sociedade Hípica Portuguesa promove no hipódromo do Campo Grande, a partir das 15 horas, uma reunião que comporta cinco corridas de cavalos, sendo três de galope e duas de trote-atrelado.

Estão inscritos cerca de 30 cavalos, muitos dos quais são apresentados pela primeira vez, o que é motivo de garantia para o êxito da aposta-mutua.

RAGUEBI—O «Torneio de Abertura», dotado com a taça «António Valente» tem a sua 2.ª jornada, com os desafios seguintes: Benfica B-Belenenses B e Direito-Belenenses A — ambos no Campo Grande, ás 10 e 11 horas, respectivamente.

TIRO AOS POMBOS — No *stand* do Lumiar, disputam-se as ultimas provas internacionais de tiro aos pombos, organizadas pela Federação Portuguesa de Tiro a chumbo. O início do I Grande Prémio de Lisboa (Taça «Outono»), principia ás 11 horas, seguindo-se a Taça «Vencedores».

VELA — O 19.º campeonato nacional de «stars», com representantes das frotas de Lisboa, Cascais, Setubal, Lagos e Vila Franca de Xira, prossegue amanhã.

Os acessos ao Estádio da Luz

A Camara Municipal de Lisboa não tem descurado as obras respeitantes á 2. circular e aos acessos ao estádio do Sport Lisboa e Benfica, apesar dos multiplos impedimentos motivados pela demora de transacções e alienações indispensáveis. Tornou-se agora possivel conceder a empreitada da passagem do duplo perfil 77, no valor de 1.660.565 escudos. Os prazos da execução são, respectivamente, de 540 e 360 dias.

Ainda para a mesma circular foi autorizado o estudo-base entre o Campo Grande e a Avenida do Aeroporto.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Belenenses-Sporting (Restelo) e Benfica-Sp. da Covilhã (na Luz)

os jogos mais importantes da 6.ª jornada

A sete jornadas do termo da primeira volta, acontece o segundo embate entre dois «grandes» e, simultaneamente, o 3.º classificado vai á Luz defrontar um dos «guias» se acrescentarmos ainda que a Académica e o Atlético (ambos em 4.º lugar), o Vitória de Guimarães (5.º) e o F. C. Porto são visitantes, conclui-se, portanto, que a 6.ª jornada se reveste de um interesse extraordinário. Afigura-se probabilissimo que a tabela classificativa sofrerá sensíveis alterações. Os factos hão-de provar a razão de ser da previsão.

O calendário estabelece os seguintes encontros:

Belenenses-Sporting
Benfica-Sp. da Covilhã
V. de Setubal-F. C. Porto
Boavista-Atlético
Sp. Braga-Académica
Lusitano-Cuf
Leixões-V. Guimarães

* * *

No Restelo disputa-se o encontro mais desejado. O Belenenses (5 pontos) e o Sporting (9 pontos) travam o primeiro despique entre os «grandes» de Lisboa e o segundo do campeonato. O estímulo obtido pelos «azuis», nas Antas, coloca de sobreaviso os «leões» os quais, evidentemente, pensam num considerável somatório de dificuldades. O atractivo Juan Seminário parece susceptível de conferir ao grupo sportinguista uma força ofensiva especial, mas é de crer que Otto Glória estabeleça os planos defensivos adequados. Jogo vibrante e nivelado entra na previsão. Quanto ao resultado, a ideia do empate afigura-se viável.

Na Luz, o Benfica (9 pts.) recebe a visita do Sporting da Covilhã (8 pts.) e naturalmente, não obstante o ambiente favorável aos «encarnados» admite-se uma réplica valorosa por parte dos Serranos. O quinteto dianteiro dos Lisboetas terá uma tarefe complicada para poder bater a defesa visitante. A actual forma de Costa Pereira e Rita constitui um aliciante particular para o confronto que inevitávelmente se fará. Os benfiquistas são favoritos.

Os campeões nacionais, mal classificados, vão de abalada a Setubal. Um ponto separa as duas equipas na classificação e a circunstancia — que é sensacional em relação ao F. C. Porto — promete um embate rijo e emocionante, de resultado difícil de prever. Inclinamo-nos por um empate.

O Atlético (7 pts.) e o Boavista (1 p.), não obstante a vantagem pontual dos Alcantarenses, travam, no campo dos «axadrezados», um despique interessante. Os Nortenhos ansiam pela primeira vitória, mas os Lisboetas, bem estruturados, podem rodear os obstáculos. Um empate entra no vaticínio.

Em Matozinhos, o Leixões (3 p.) e o Vitória de Guimarães (6 p.) também prometem um «duelo» emocionante, de resultado incerto.

A Académica (7 p.) desloca-se a Braga para enfrentar o Sporting local (2 p.). Em teoria, o desnível convida á concessão de amplo favoritismo aos estudantes. Todavia, aguarda-se que os Bracarenses tentem contrariar a sua desdita e, finalmente, obtenham pelo menos o primeiro golo no campeonato. O empate parece ser o prognóstico mais aceitável.

Em Evora, o Lusitano (3 p.) recebe a C. U. F. (5 p.). Jogo sensívelmente nivelado e também a conduzir o vaticínio para a igualdade.

Formações prováveis

BELENENSES — José Pereira; Pires ou Rosendo e Moreira; Carlos Silva, Paz e Vicente; Dimas, Carvalho, Vitor Silva, Matateu e «Yauca». SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Ferreira Pinto ou Perides, Morato e Mendes; Morais, Pérides, Fernando, Diego ou Ferreira Pinto e Seminário.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém. SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Manteigueiro, Gabriel, Suarez, Walter e Amílcar.

VITORIA F. C. — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Casaca, Sidney e Alfredo; «Bira», Fernandes, Jacinto, Miguel e Virgílio. FUTEBOL C. PORTO — Acursio; Paula e Rolando; Pedroto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Ferreirinha, Gastão, Humaitá, Teixeira e Hernani.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur (Jorge); Campos, Ribeiro e Torres; Garcia, Albertino, Adriano, Guilherme e Germano. ATLETICO — Ramiu; Fernando Ferreira e Vítor Lopes; Orlando, Germano e Fonseca; Angeja, Brandão, Albano, Bispo e Tito.

SPORTING DE BRAGA — Cesário; Armando e Narciso; Passos, Calheiros e Trenque; Vélez, José Maria, Teixeira, «Ceninho» ou Silvio e Mendonça. ACADÉMICA — Maló; Araújo e Mesquita; Abreu ou Salazar; Wilson e Torres; Miranda ou Chipenda, Jorge Humberto, Samuel, Rocha e Nuno.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Narciso; Caraça, Falé e Vicente; Fialho, Palmeiro Antunes, Ivson, Flora e José Pedro. G. D. DA C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Rodrigues, Salvador, Pedro Silva, Bispo e Gastão.

LEIXÕES — Rosas; Pacheco e Raúl II; Ventura, Raúl I e Carlos Alberto; Silva, Osvaldo, «Jaburu», Oliveira, Nunes. VITORIA S. C.—Pinho; Caiçara e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Azevedo, Carlos Alberto e Daniel..

OS CAMPEÕES NACIONAIS DESLOCAM-SE A SETÚBAL PARA JOGAR COM O VITÓRIA

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Chaves e o Portimonense

têm deslocações muito difíceis

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão reservou-nos, para amanhã a sua 6.ª jornada, ficando assim quase vencida uma quarta parte das competições que, quer numa, quer noutra Zona estão a desenrolar-se com o maior interesse.

Os desafios da Zona Norte

O programa da Zona Norte oferece amanhã os seguintes desafios:

Peniche (6)-Chaves (9)
Sanjoanense (3)-Salgueiros (7)
Beira Mar (6)-Oliveirense (6)
União Coimbra (4)-Caldas (6)
Espinho (5)-Acad. Viseu (3)
Vila Real (4)-Vianense (4)
Marinhense (5)-Torriense (2)

O desafio a realizar em Peniche, para onde se desloca o «guia» reveste-se do maior interesse, pois a luta vai ser difícil para as duas equipas — ambas, particularmente, empenhadas em vencer e tornando o vaticínio bem difícil.

As partidas a realizar em Aveiro e Vila Real, entre equipas com igual pontuação e desejosas de se adiantarem na tabela, serão, por certo, ardorosamente disputadas, admitindo-se perfeitamente que o factor ambiente venha a influir decisivamente no desfecho dos jogos. Portanto, favoritismo para o Beira Mar e Vila Real.

O Salgueiros, desejoso de desfazer a impressão deixada no ultimo domingo e a pensar num possível desaire dos flavienses, estará, por isso, estimulado para uma aplicação constante ao jogo e deve vencer.

O Espinho e o Marinhense parecem ser os grupos com tarefa mais fácil, ou melhor, menos difícil, e devem ganhar. Finalmente, o jogo de Coimbra, com boas perspectivas, pode dar aos locais, ao menos, um ponto.

Os encontros da Zona Sul

O programa da Zona Sul reza assim:

Almada (7)-Portimonense (8)
Lusitano (4)-Olhanense (8)
Barreirense (7)-Desp. Beja (7)
Olivais (2)-Estoril (2)
Montijo (5)-Arroios (2)
Farense (5)-Juventude (4)
Serpa (3)-Oriental (6)

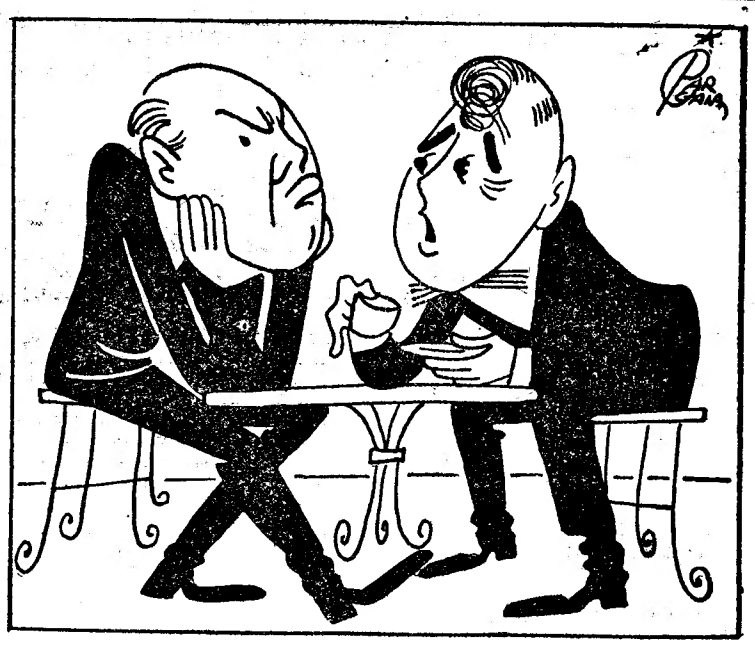
A deslocação do Portimonense a Almada empresta á jornada o principal motivo de interesse. A deslocação é muito difícil para os Algarvios, que precisam de ganhar para não perderem o comando da classificação. O vaticínio é difícil.

Em Vila Real de Santo António, o Lusitano recebe o Olhanense e as perspectivas são das melhores. A hipótese de um empate é de aceitar.

Também em Serpa se efectua um desafio do maior interesse pelas dificuldades que oferece ao Oriental, que se apresenta, no entanto, capaz de vencer o escolho.

O Montijo e o Farense merecem favoritismo, mais os montijenses do que os Algarvios.

Olivais e o Estoril, empenhados em fugir da zona perigosa vão disputar um desafio de difícil vaticínio.



— Amanhã, vou ver como os «protestantes de Belém» atacam o... Seminário de Alvalade.

O Benfica

venceu sem derrotas o Torneio de Encerramento

Atingiu fraco nível a derradeira jornada do Torneio de Encerramento da A. V. L. De resto, a actual valia dos grupos em confronto issc mesmo fazia adivinhar. Com efeito, quer o Benfica, quer o Sporting são, de momento grupos bastante superiores ao Belenenses e ao Académico, respectivamente. No primeiro encontro o grupo dos «encarnados», actuando com todos os seus titulares (só no terceiro «set» fez entrar, por instantes, os habituais suplentes) desembaraçou-se com facilidade dos «azuis», que privados de um elemento base também se não dispuseram a fornecer a réplica que, apesar de tudo, estaria ao seu alcance.

O Sporting já não encontrou em frente do Académico as mesmas facilidades, pois, esta equipa no segundo «set» empertigou-se e praticando excelente volei fez jus ao triunfo nesse «set». Depois, sobreveio a quebra física dos académicos e os «leões» ganharam á vontade. Neste prélio sobressaiu o bom trabalho de C. Silva e Plácido nos vencedores e de José Conde e Pereira Gomes entre os vencidos.

Ficha técnica dos jogos:

Benfica-Belenenses: 3-0 (15-5; 15--5 e 15-5).

Árbitro: R. Craveiro Lopes.

Benfica — Fernando Monteiro, Castro Pereira, José Magalhães, António Augusto, Nuno Barros, José Brun, Vítor Carvalho, Francisco Freire, Cuba Martins, Artur Monteiro e Luís Nascimento.

Belenenses — Nuno Mota, José Simões, Mário Miranda, José Sá, Mário Mayer, Fernando Bernardino, Luís Franco e Jorge Braça.

Sporting-Académico: 3-1 (15-4; 11-15; 15-3 e 15-9).

Árbitro: José Brun.

Sporting — Xara Brasil, Marques Pereira, António Costa, Costa e Silva, Plácido Martins, José Machado, Flores Azevedo, Casal Ribeiro e Pessanha Teixeira.

Académico — Mário Paiva, António Costa, Rui Pinhão, José Conde, Pereira Gomes, Joaquim Fontainhas e Alcino Gonçalves.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Benfica; 2.º, Lisboa Ginásio; 3.º, Belenenses; 4.º, Sporting; 5.º, Académico e 6.º L. A. G. — N. M.

Começam hoje os treinos da Selecção Nacional

No ginásio do Técnico principiam hoje, á noite, os treinos da equipa nacional masculina que em breve defrontará a França, em Bordeus, e Marrocos, no Porto. Só devem estar presentes á reunião os dezasseis elementos de Lisboa, uma vez que a Federação não poderá fazer deslocar os convocados do Norte.

Manuel Faria e Valentim Baptista

partiram para Barcelona

A convite da Federação Espanhola de Atletismo, partiram hoje para Barcelona, num avião da Pan American, os atletas Manuel Faria e Valentim Baptista que naquela cidade disputarão amanhã duas provas internacionais — os 5.000 e 400 metros, integradas na inauguração da pista universitária.

Manuel Faria mostrava-se confiante e afirmou-nos que apesar de não estar ainda bem preparado, pois a escala dos seus treinos ainda não atingiu o ponto máximo, fará o possível para representar condignamente o País e a modalidade que abraçou. Salientou, todavia, que os seus adversários não são fáceis. Gordon Piril é um nome que obriga a pensar duas vezes antes de o ter como adversário e o Argentino Suarez, campeão recente da S. Silvestre, é um jovem que está agora no apogeu. Além destes dois famosos especialistas há que contar com os Espanhois que de ano para ano vão subindo de classe auxiliados por uma organização que gasta alguns milhões de pesetas por época para a sua preparação. Pela minha parte — acrescentou — não posso deixar de lutar por um lugar que esteja em relação com as minhas actuais possibilidades.

Valentim Baptista disse-nos que a surpresa do convite criou nele um estímulo que espera que seja favorável. Tenho adversários de grande valia — afirmou. O Suíço Weber e o Francês Seye. O primeiro é um homem que se prepara com afinco para os Jogos Olímpicos de Roma. Isto diz tudo. O segundo bateu ainda há pouco tempo o «record» da França dos 200 metros. Os Franceses esperam também que o seu representante faça surpresa em Roma. Independentemente destas duas estrelas, os Espanhois no seu ambiente são «terríveis». A unica coisa que me resta — acrescentou — é melhorar o «record» dos 400 metros, que me pertence, e, se possível, fazer na prova especial dos 500 metros uma marca que pulverize o «record» nacional.

Os atletas portugueses regressam a Lisboa na próxima terça-feira.

Os jogos da Associação de Lisboa

Das três competições que a A. F. L. tem, presentemente, em curso, duas continuam amanhã, proporcionando uma actividade igual á dos ultimos domingos: 18 encontros, a movimentar 36 equipas, ou sejam cerca de 400 jogadores.

O «Distrital» da 1.ª Divisão

O campeonato distrital da I Divisão tem amanhã a 7.ª jornada, com os seguintes encontros:

Desp. Olivais-Vila-franquense
F. Benfica-Operário
Sacavenense-Casa Pia
Alverca-Alhandra
Vitória-Sintrense

Todos estes clubes se defrontam nos campos dos que indicamos em primeiro lugar, em categorias de «honra» e «reserva», respectivamente, ás 15 e 13 horas.

O desafio de maior expectativa é o Sacavenense-Casa Pia, seguido do Vitória-Sintrense. Dum modo geral os visitantes são equipas com melhor pontuação do que os visitados, o que pode contribuir para um melhor nivelamento de possibilidades.

Os «Juniores» da 1.ª Divisão

A Campeonato de Juniores da I Divisão reserva-nos para amanhã a 5.ª jornada, com o seguinte programa:

SÉRIE A
Estoril-Palmense
Benfica-Arrpios
Algés-Atlético
Casa Pia-Torriense

SÉRIE B
Vialonga-Vila-franquense
Belenenses-Oriental
Charneca-Sporting
S. L. Olivais-Alhandra

Todos os encontros se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 e 30 horas, com excepção do Casa Pia-Torriense, que é ás 11 horas.

O Benfica é o clube com tarefa menos difícil, já que os restantes encontros da série A são susceptíveis de provocar despiques animados.

Na série B, as principais atenções vão para o Belenenses-Oriental.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Em Portugal Continental, o vento era fraco de Leste, o céu estava pouco nublado a norte do sistema Montejunto-Estrela e muito nublado a sul do mesmo sistema, por acção duma massa de ar seco, transportada na circulação conjunta dum anticiclone centrado sobre a França e duma depressão centrada a Sul do Algarve.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Porto, Coimbra e Portalegre, 18°; Penhas Douradas, 13°; Lisboa, 17°; Faro e Funchal, 20°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 18°,8; na água do mar, 16°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 22°,5; mínima, 15°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24°,2; mínima, 13°,7.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: A norte do sistema Montejunto-Estrela: Céu geralmente limpo, vento fraco de Leste. A sul do mesmo sistema: céu pouco nublado, por vezes muito nublado vento moderado de Leste. Possibilidade de chuva fraca, especialmente no Algarve.

400 mil acidentes de trabalho por ano

constituem em Portugal um trágico prejuízo económico e social

O boletim «Prevenção», editado com meritória oportunidade pelo Ministério das Corporações e Previdência Social no âmbito da sua presente campanha contra os acidentes de trabalho e doenças profissionais, assinala que se verificam no nosso País, anualmente, cerca de 400.000 acidentes no exercício das actividades económicas. O que isto significa na sua brutal realidade humana, em sofrimento, miséria e angustia, não pode avaliar-se na fria indicação de uma cifra. São os mortos que deixam as famílias em precárias condições; os feridos que padecem as dores físicas e se arrastam penosamente pelos consultórios e clínicas; as crianças e as mulheres a quem faltam nos lares os recursos do trabalho normalmente remunerado — um sudário triste e banal, que se desdobra no quotidiano da vida portuguesa e que é preciso reduzir ao mínimo das suas incidências fatais.

Mas há ainda, para além destas realidades humanas, outros aspectos de que a opinião publica não se dá conta na despreocupação ou nos naturais egoismos correntes: os prejuizos económicos formidáveis que resultam desta destruição imprevidente do capital maior do País — que é o da sua força de trabalho.

Cálculos ponderados que foram estabelecidos naquele Ministério elucidam que os 400.000 acidentes de trabalho anuais em Portugal correspondem á média de 4.800.000 dias de incapacidade total dos trabalhadores afectados; e isto equivale á paralisação durante 120 dias de cem fábricas que ocupassem 400 operários cada uma — isto é, á imobilidade de facto de toda a industria nacional durante muitos dias por ano. O rendimento efectivo do trabalho português, de que vivemos todos e para o qual todos contribuimos, é assim desfalcado de parcela muito importante que se reflecte nas condições de vida de toda a gente — e não só pela fatalidade estatística das publicidades mas por causa de imprudências absurdas, de egoismos inadmissíveis e por falta de vigilancia assidua das entidades responsáveis ou que o deveriam ser.

Já em tempos, num discurso publico a que nem toda a gente prestou as atenções devidas e de que muitos não colheram as lições essenciais, o sr. ministro das Corporações assinalou cifras aterradoras na sua objectiva eloquência numérica. Cerca de 500 Portugueses morrem anualmente em consequência de acidentes de trabalho; em cada minuto que passa há dois trabalhadores que são sinistrados no exercício da profissão; o ritmo dos desastres aumenta de ano para ano á cadência alarmante de mais nove mil acidentes. Quanto custa ao País, em prejuizos materiais e morais este ritmo desolador do sofrimento? Quanto se perde, em bem-estar e em riqueza colectiva porque os próprios trabalhadores e os que os empregam não se acautelam cabalmente contra os riscos fatais? Dos 2 milhões de contos que custaram á economia nacional os acidentes de trabalho nos ultimos anos, o seguro cobriu unicamente, na execução das suas obrigações contratuais, a verba de 200 mil contos. Grande parte da mão-de-obra portuguesa não está ao abrigo do seguro — e este não pode ocorrer senão a parcela reduzida dos prejuizos realmente sofridos, não só pelos próprios sinistrados como pela economia colectiva em que o seu esforço quotidiano necessàriamente se incorpora.

Elucidam também as estatísticas, não só nossas como de alheios países, que em cada 1.000 casos de acidente profissional se observa a média de 4 que dão origem a invalidez definitiva. Se aplicarmos a média á triste realidade portuguesa dos 400.000 acidentes por ano, conclui-se que em cada um que vai passando há 1.600 homens que ficam impossibilitados para toda a vida de granjear pelo trabalho util o sustento pessoal e o dos seus lares. Quem não pensará na imensa tragédia que tudo isto representa e na necessidade de lhe opor a firme barreira de uma acção eficaz que reduza ao mínimo as fatalidades dos sinistros.

Os operários nas fábricas, os dirigentes industriais e os técnicos no exercício consciente das suas responsabilidades, os orientadores e os fiscais de obras, os serviços publicos que controlam as actividades económicas, têm o dever de colaborar por todas as formas ao seu alcance para que se limite o ritmo aterrador dos acidentes de trabalho na nossa terra. O rigor nas precauções individuais e nas precauções da organização do trabalho; o rigor ainda maior nas punições aos culpados de imprevidências e criminosos desmazelos que se reflectem em sofrimento e prejuizos alheios; a minucia e assiduidade na fiscalização, quer exercida pelas próprias empresas, quer pelos serviços oficiais que cumpre instituir ou alargar para esse efeito — são necessidades imperativas da vida portuguesa. As cifras falam por si. Económica e socialmente, a luta sistemática e firme contra os acidentes de trabalho e as doenças profissionais é uma necessidade de relevante interesse publico.

O passado: Fawzia, á esquerda,

A tímida Farah

futura esposa do

talvez goze a feli

que se negou a Fawz

PARIS, 24. — Está em Paris uma rapariga iraniana, alta, magra e morena, Farah Diba, de quem se diz ser a noiva do xá do Irão.

Espera-se que, na próxima terça-feira, dia do 40.º aniversário do imperador, se publique em Teerão um comunicado oficial que confirme o que há algum tempo é rumor publico: Farah Diba vai ser a terceira esposa de Mohamed Reza Pahlevi, rei dos reis, imperador do Irão. Tem-se a notícia como certa,

posou, superior a revolu o rei Fa zia e o menta, burguesa da, recer ser auto receber Chanaz.

Soraya

Depois do Irão 1951. A o sobera dia em príncipe zia part puseram nha. Qu

(Co

O futuro: Farah Deba

e diz-se mesmo que Farah Diba veio a Paris encomendar o enxoval.

O primeiro divórcio do xá

A primeira esposa do xá da Pérsia foi a princesa Fawzia, irmã do rei Faruk do Egipto. Celebrou-se o casamento em Março de 1939, sendo ainda Reza Pahlevi príncipe herdeiro. Desta união, celebrada com grande pompa, nasceu a princesa Chanaz. Esta, ainda há pouco, casou com um dos ajudantes de campo do imperador. O casamento durou nove anos, terminando por um divórcio, cujo motivo oficial foi o facto de a princesa Fawzia não ter dado um filho varão ao imperador. De facto, as coisas foram mais complicadas. Estrangeira no Irão, país muçulmano mas com língua indo-europeia muito diferente da árabe, a princesa Fawzia nunca se deu muito bem em Teerão. Passou ali os anos difíceis da guerra, as perturbações das ocupações inglesa e russa. No princípio de 1948, partiu para o Cairo e nunca mais regressou. Correu na altura o rumor de que o rei Faruk, que queria separar-se da própria esposa, Farida, tramara uma conspiração para provocar ao mesmo tempo o divórcio da irmã. Nunca se apurou a verdade ao certo, mas Fawzia continuou no Egipto e des-

Em rodagem à força

para «bomba anatómica»?

LONDRES, 24 — Wendy Hyde, que frequenta as aulas nocturnas da Chamberlaynd Wood Schol, para tirar o curso de «modelo», voltou ontem, pela 24.ª vez, em 13 dias, a ser mandada para casa, pelo director, por se apresentar com «traje impróprio para estar numa aula frequentada por rapazes e raparigas».

Anteontem, Wendy, que tem 14 anos, apareceu acompanhada do pai, e ontem foi a mãe quem se decidiu a acompanhá-la á escola, mas a presença dos pais não conseguiu intimidar o director, James Rimmer, que se limitou a declarar, pelas 23.ª e 24.ª vezes. Wendy, já te disse que não entras na aula, com esses sapatos e essas sais curtas e coladas ás pernas».

O pai explicou que desde os 12 anos que Wendy usa saltos com sete centímetros de altura e que, desejando seguir a carreira de «modelo», não pode calçar sapatos de outro tipo, pois, de contrário, arriscar-se-ia a «deformar os pés».

Por sua vez, falando aos jornalistas, a mãe declarou: «As raparigas modernas crescem muito mais depressa do que as do meu tempo». — (A. N. I.).

O TOURO

de olhos meigos

fica em Birmingham

LONDRES, 24. — O touro «Brook Mandore», comprado pelo «Daily Mirror» com o objectivo de o salvar do magarefe, não vai para o Luxemburgo. Um agricultor dos arredores de Birmingham fica com ele, para juntar a uma «colecção» de animais que já possui. — (F. P.).

A PORTAGEM

na ponte de Vila Franca

O imposto de portagem na ponte Marechal Carmona, em Vila Franca de Xira, rendeu em 1958 10.933.473$00.

Desses 10 mil e 900 contos, são de automóveis ligeiros 3.280.284$00; de automóveis pesados de passageiros 149.929$00 e de automóveis de carga 7.503.260$00.

O rendimento do imposto subiu em mais de 900 contos durante o ano, pois que — 1957 fora de 10.009.253$00 e de 8.955.840$00 em 1956.

Estes numeros encontram-se na «Estatística dos Transportes Terrestres e do Trasito» agora publicado.

RESTAURANTE FOLCLORE

R. NOVA DA TRINDADE, 22-A — TEL. 2 40 05 - 3 50 07

LISBOA

TODAS AS NOITES

UMA EMENTA PORTUGUESA

MÚSICAS - CANTARES E DANÇAS DO PAÍS

ÀS 21.30, 23.00 E 0.30

Todos os dias: Almoços regionais num ambiente agradável

Reconhecido de utilidade turística

ADULTOS ● Maiores 17 anos

ALMOCE OU JANTE no CARREGADO

Restaurante «IMPERIAL» de categoria

Prato da casa: «Ensopado de enguias»

Diferente de tudo

Quartos c/ banho privativo — Telef. 21

Vinho puro... ...rôlha de cortiça

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. DA PRATA, 257

ES

NA

ALMAD
ALMAD
AMADO
BARREI
GRAND
LISBOA
LISBOA
LISBOA
LISBOA

awzia, á esquerda, e Soraya

arah Diba

osa do xá da Pérsia

a felicidade

i a Fawzia e a Soraya

posou, passados anos, um oficial superior da Guarda Real. Sobreveio a revolução de 1952, que expulsou o rei Faruk. Mas a princesa Fawzia e o marido sobreviveram á tormenta, e vivem com tranquilidade burguesa na margem do Nilo. Ainda, recentemente, o presidente Nasser autorizou a princesa Fawzia a receber a visita da filha, a princesa Chanaz.

Soraya—amor à primeira vista

Depois de repudiar Fawzia, o xá do Irão manteve-se solitário até 1951. A lei do Irão determina que o soberano só pode ser coroado no dia em que apresentar ao povo um príncipe herdeiro. Logo que Fawzia partiu, a mãe e as irmãs do xá puseram-se em busca doutra raínha. Quando apareceu Soraya, foi

(Continua na 14.ª página)

Caíu um andaime

das obras de reparação

dos Armazens do Chiado

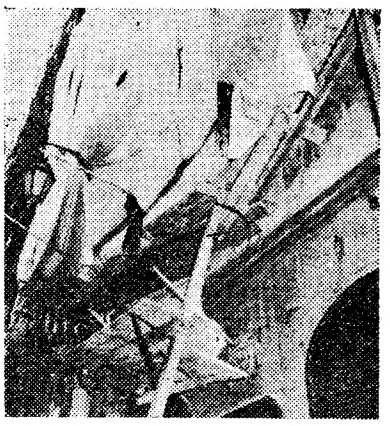
não se registando desastres pessoais

Esta manhã, cerca das 9 e 30, partiu-se e caiu um andaime das obras de beneficiação dos Armazens do Chiado, precisamente o que se situava ao nível do primeiro piso, sobre os n.os 108 e 110 da Rua Nova do Almada, com o comprimento aproximado de 20 metros.

As causas foram as mesmas de sempre: estruturas em madeira velha, em mau estado, mal ligadas sem a mínima consistência, oferecendo perigo a cada instante. Por sorte, não se registaram vítimas. Os operários que ali trabalhavam conseguiram defender-se a tempo. Um deles ficou até suspenso de uma das janelas, agarrado com as mãos, e ajudado por um empregado daqueles armazens. Para a não existência de vítimas contribuiu, também, a relativa pouca altura do andaime, pois se o desabamento fosse em algum dos superiores, a esta hora haveria, talvez, vidas a lamentar.

É confrangedor verificar a fria indiferença das autoridades competentes nestes casos, despresando as recomendações da Imprensa e os protestos do publico. Desastres provocados por andaimes de madeira, colocados no exterior dos edifícios, vão-se acumulando. O numero de vítimas dessa imprevidência sobe, e continua a não se adoptar o tipo de armações metálicas, sólidas, resistentes, obrigatório noutros países.

Em relação ao andaime que esta manhã se partiu, ainda ontem, á tarde, um funcionário dos Armazens do Chiado chamara a atenção



O andaime partido

dos operários para a dilatação de certo sector da estrutura. Á noite, alguns dos postes foram reforçados, mas isso não evitou o acidente desta manhã, que ocasionou demorada perturbação no transito, grandes aglomerações de transeuntes e a intervenção de pessoal e material do B. S. B. e de agentes da P. S. P. Os andaimes do primeiro piso foram apeados, mas não se sabe se tudo o resto ali permanecerá perigosamente.

RELÓGIOS OMEGA

Agência Oficial

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

As bibliotecas ao ar livre

passam a funcionar também aos domingos

A Camara Municipal de Lisboa, no intuito de fomentar o gosto pela leitura e de atrair ás bibliotecas que tem em funcionamento em vários jardins da cidade o maior numero de leitores, resolveu ampliar o horário destas bibliotecas e mantê-las abertas ao publico aos domingos.

Assim, tais bibliotecas, que se encontram instaladas nos jardins Constantino, Guerra Junqueiro, França Borges, Julio de Castilho, Teófilo Braga, Nun'Álvares, António Feijó, Augusto Gil, Praça do Império, Praça João do Rio e Campo Grande, passam a funcionar das 9 ás 13 e das 14 ás 18 horas, encerrando, porém, transitóriamente, ás segundas-feiras.

RISCOS NA AREIA

Um incompreendido

De ROCHA JUNIOR

Há um mistério universal a respeito do cão — o melhor amigo do homem, como este se habituou a designá-lo, vaidosamente persuadido de que tal designação constitui o máximo elogio do nobre animal. O mistério é este: Porque é que sendo o cão dotado de inteligência superior, compreendendo tudo quanto se lhe diz, fazendo tudo quanto se lhe ensina, não é capaz de executar esta simplíssima acção passiva: deixar de ladrar? Reparem: Em toda a parte, o principal defeito que se atribui ao cão é a sua voz. Pessoas amicíssimas de cães reclamam nos jornais: «Tenho um canídio na vizinhança que não me deixa dormir. Peço providências». Que é como quem diz: Reclamo a pena de morte para o meu melhor amigo. O cão ladra por saber que é essa a sua arte, o seu préstimo, o seu destino. Alguns, a exemplo do homem, a essa habilidade primordial juntam várias outras: caçam, policiam, conduzem cegos... Mas o que todo o cão considera necessário, indeclinável é — ladrar. Exerce tal função como tarefa destinada a defender a propriedade alheia, a contribuir para a justiça social, a impor o respeito pelos direitos do homem. O seu ladrar é um sacerdócio. Nenhum cão se capacita de que podem exigir dele esta monstruosidade, contrária á sua constituição: estar calado, isto é, deixar correr o marfim, desinteressar-se da sorte do seu dono, permitir que o roubem, o maltratem, o espoliem. Houve um cão, excepcionalmente inteligente, que á força de ver a dona ordenar-lhe silêncio, á força de ouvir esta frase: «Cale-se», acompanhada de pancada, sempre que esboçava um rosnido á aproximação de qualquer intruso, acabou por compreender o que exigiam dele. Ficou horripilado. Caiu em tristeza. A dona percebeu, apiedou-se e começou a querer transigir, a autorizá-lo a ladrar. Nada! Vizinhos compadecidos experimentaram adoptá-lo, restituir-lhe a perdida prerrogativa. Inutil! Convencera-se de que a sua voz, o seu talento, aquilo que ele supunha agradável, util, justificativo da sua presença e do pão que lhe davam, era objecto de horror, de aborrecimento, de castigo. Persistiu calado. A sua tristeza tornou-se mortal. Bem lhe diziam: «Cão, ladra; orador, fala; literato, escreve; homem, faz aquilo para que a Natureza te criou e a Providência te fadou». Ele viu que a autoridade, o capricho, a incompreensão do homem — seu amigo, seu único objectivo na vida — eram forças inelutáveis. «Se não ladro, para que sirvo?» — pensava. Desistiu. Deixou de comer, deixou de existir. Morreu. Não sei se morrer assim é cobardia ou é grandeza. Sei que já não levanto os olhos á procura de altos exemplos, porque os planos dos valores morais se deformaram na minha retina e para mim um cão, de gatas, é maior que um homem, de pé.

O ministro *da Justiça* visitou hoje a Colónia de Alcoentre

ALCOENTRE, 24 (Pelo telefone) — A fim de inaugurar a Casa do Funcionário, da Colónia Penitenciária de Alcoentre, deslocou-se, esta tarde, a esta povoação, o ministro da Justiça, sr. prof. Antunes Varela, acompanhado do director-geral dos Serviços Prisionais, sr. dr. José Guardado Lopes; do seu secretário, sr. dr. João Duque, e do chefe de repartição sr. dr. Ortilio Neves Barbas.

Aquele membro do Governo, chegou cerca das 15 e 15 á colónia, onde era aguardado pelo respectivo director, sr. dr. Leal de Oliveira, e vários funcionários superiores. Após os cumprimentos, o prof. Antunes Varela percorreu demoradamente as novas instalações destinadas ao pessoal, em numero de cerca de 130 homens, que englobam sala de espectáculos, biblioteca, «café» e mais três salas de repouso e diversão. Em seguida, visitou, também, as obras de terraplanagem para construção do estabelecimento prisional, que se destina a substituir a Cadeia Penitenciária de Lisboa.

Dr. Augusto d'Esaguy

A Radiodifusão Francesa transmite, depois de amanhã, ás 10 horas, uma conferência do erudito historiador de Medicina e nosso prezado colaborador, sr. dr. Augusto d'Esaguiy, sob o tema: «Os grandes médicos de antanho».

Ferreira de Castro no Brasil

RIO DE JANEIRO, 24. — Ferreira de Castro foi homenageado pela colónia portuguesa desta cidade com um banquete, na Associação Comercial, em que compareceram figuras ilustres da sociedade e dos meios literários do Rio de Janeiro. — (A. N. I.).

"A MÁQUINA DE COSTURA NO TRABALHO DOMÉSTICO E PROFISSIONAL"

Responda a este inquérito promovido pela OLIVA e ficará habilitado ao sorteio de 3 esplêndidas máquinas de costura.

Se não foi procurado em sua casa, peça um boletim em qualquer dos estabelecimentos OLIVA, ou a um dos agentes da máquina de costura portuguesa.

OLIVA

MÁQUINA DE COSTURA DE PORTUGAL

ESTABELECIMENTOS OLIVA

NA ÁREA DA CONCESSÃO DE LISBOA

ALMADA — Avenida D. Afonso Henriques, 14-B
ALMADA — Rua Capitão Leitão, 158
AMADORA — Rua António Correia, 11-A
BARREIRO — Rua D. Manuel I, 42
CRANDOLA — Rua Nuno Álvares Pereira, 33
LISBOA — Rua do Salitre, 56
LISBOA — Avenida da Igreja, 16-C
LISBOA — Rua dos Lusíadas, 11-A
LISBOA — Largo do Rato, 3-B
LISBOA — Calçada do Carmo, 9 / Rua 1.º de Dezembro, 52
LOURINHÃ — Rua João Luís de Moura, 18
MONTIJO — Avenida Nuno Álvares Pereira, 28
MOSCAVIDE — Avenida de Moscavide, 34-36
S. TIAGO DO CACÉM — Rua Nuno Álvares Pereira, 20
SETUBAL — Largo Francisco Soveral, 6-7
SINTRA — Rua Dr. Alfredo Costa, 46-48
TORRES VEDRAS — Rua Paiva de Andrada, 22
VILA FRANCA DE XIRA — P. Afonso de Albuquerque, 11

Junghans

Junghans

A marca de relógios bastante conhecida e cuja precisão é uma séria garantia. À venda só nas boas relojoarias e ourivesarias do País

PASTA MEDICINAL Couto

EVITA estomatites

TRATA doenças da bôca

GRANDE OURIVESARIA

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

56, R. BARROS QUEIROZ, 56

NA PASSAGEM DO 9.º ANIVERSÁRIO

OS SÓCIOS GERENTES, ALIPIO DE OLIVEIRA, JOSÉ DA SILVA E ANTÓNIO GOMES, AGRADECEM A TODOS OS SEUS AMIGOS E ESTIMADOS CLIENTES A PREFERÊNCIA COM QUE OS TÊM DISTINGUIDO.

In vino veritas - mas só com rôlha de cortiça

Prosseguem em Viseu

agora orientadas pela P. J.

as investigações sobre a morte do proprietário Soares de Oliveira

VISEU, 24. — Encontra-se nesta cidade e já tomou conta das investigações sobre a morte do proprietário Alberto Soares de Oliveira, o inspector da Polícia Judiciária do Porto, dr. Gaspar de Abreu Castelo Branco e António Julio Vagadas.

os agentes Manuel Inácio da Silva Branco e António JJulio Vagadas.

Pode dizer-se, pois, que as investigações para esclarecer as circunstancias, pelo menos estranhas, da morte do proprietário vão entrar em nova fase. Até agora têm decorrido no tribunal de Viseu, que requereu para Coimbra o exame pericial ás vísceras do morto. Na autópsia, efectuada em Viseu pelos médicos drs. Manuel Ribeiro e Quintino Guimarães, nada foi encontrado de estranho causador da morte.

Os investigadores, já ontem trabalharam, todo o dia, ouvindo pessoas chamadas a depor e inteirando-se do que já consta do processo em formação.

Regista-se, com aprazimento, que o director deste distrito escolar, sr. José Sobral, nomeou uma professora para a escola de S. Miguel, a ocupar o lugar do professor Manuel Rodrigués Martelo, enquanto as crianças alunas da professora esposa daquele detido, D. Augusta Soares de Oliveira, filha mais nova do morto, foram distribuidas por outras salas de aulas, compatíveis com o aproveitamento dos alunos.

Circunstâncias várias na morte do proprietário

O sr. Américo Geadas confirmou-nos quanto se dizia da sua intervenção no caso. A serviçal menor, irmã da criada Lurdes, foi quem chamou a sr.ª Vitória, esposa daquele trabalhador. Depois chegou este junto do cadáver, onde sua esposa já tinha um frasco com álcool com que esfregara os parietais do morto. Soergueram-no, chegaram outras pessoas, viram o professor Martelo e a criada. O professor foi, sem tocar no cadáver, buscar o médico com o seu carro e a criada, ao cimo da escada via tudo. Depois desceu alguns degraus e continuou a ver, mas não desceu mais. Não ajudaram, os da casa, a levar o morto para um dos aposentos. Foram os estranhos que o deixaram sobre uma mesa.

Fala-se muito num guarda da Polícia de Segurança Publica, desta cidade, ao qual se diz que o Alberto Soares de Oliveira pedira que se ele, Alberto, aparecesse morto, o mandassem autopsiar e dessem parte ás autoridades, porque tinha medo de morrer envenenado. Nada sabemos da veracidade ou não de tal afirmação. Mas, estas e outras semelhantes, que reproduzimos por fidelidade ao que se passa, é que trazem a opinião publica alarmada e a exigir que tudo se esclareça para que, se não culpe quem esteja inocente nem se eximam os culpados ao castigo que a Justiça e os investigadores sobre eles façam cair.

Morreu uma criança

que ficara queimada

COIMBRA, 24 — Nos Hospitais da Universidade faleceu o pequenito Aurélio N. da Silva, de 2 anos, filho de José Luís dos Santos e Valentina Nunes Fernandes, o qual, com seus irmãos, Célia Maria, de 6, e José, de 4, deitaram fogo á casa, quando brincavam com fósforos, na ausência dos pais, na povoação de Teixeira (Arganil).

O José e o Aurélio vieram para os Hospitais da Universidade, gravemente queimados.

No primeiro ano da morte

de Joaquim de Carvalho

Pela rádio ouvimos há um ano, no isolamento das Ilhas dos Açores: — morreu Joaquim de Carvalho. Apesar da exiguidade do meio em que viviamos, á nossa volta as caras de algumas pesoas tomaram aspectos variados e expressivos com a nova que abria caminho. O acontecimento ganhou um preço maior. Não traduziu que Joaquim de Carvalho perdera a vida. Disse-nos apenas que estávamos impossibilitados de encarar com a sua presença física.

E, naquela altura, enquanto nas pessoas de família mais próximas derivaram algumas lágrimas com lume de saudade e de afecto, os amigos, os colegas, os alunos novos e velhos e ainda os seus admiradores deram-se á jornada de o evocar. Eles o recordaram através do seu convívio pessoal ou daquilo que deixou em livros, prefácios e artigos.

Joaquim de Carvalho projectou-se em carne e osso e conquistou então todas as proporções. E' verdade. Assumiu completa figura humana!

Em nossos dias a palavra *humana* e outras do mesmo parentesco igualam-se ás carapuças de lã que se ajustam á vontade na cabeça de um sujeito qualquer.

Jacques Laurent, o conhecido escritor que logrou dinheiro e atitude com o romance *Caroline Chérie*, dado á estampa com o nome de Cecil Saint-Laurent, irritado com o uso e abuso de certas palavras, disse num artigo curioso, que fez afixar na sala de redacção um dístico onde se lia o seguinte:

«Os senhores redactores são instados para reflectir antes de empregar os adjectivos humano, autentico e válido».

Na realidade, estas expressões servem em frases vagas e indecisas que tanto se podem relacionar com a pintura de Bernard Buffet, com uma encenação teatral de Jean Louis-Barrould, com um empreendimento arquitectónico de Le Corbusier ou com uma cançoneta da Jaqueline François ou da Juliette Greco.

Todavia, se Jacques Laurent estivesse em Portugal orientando jornais ou revistas, na altura do falecimento de Joaquim de Carvalho, acrescentaria um «Post-Scriptum» áquela significativa advertência.

Ao trazer de novo á memória Joaquim de Carvalho, todos aqueles vocábulos são rigorosamente exactos.

Numa das minhas passagens por Coimbra, seguindo na companhia do poeta Afonso Duarte por uma rua, Joaquim de Carvalho cruzou connosco. Afonso Duarte dirigiu-lhe um saudar amigo e apresentou-mo.

Antes daquele encontro, a sua personalidade não me era estranha. Conhecia-o como notável anterianistas vivos, não ignorando, cultura sólida e abundante, debruçada sobre a génese e evolução dos nossos problemas ideológicos, relacionado com as várias correntes intelectuais, interpretou com uma análise penetrante e lucida a complexa personalidade de Antero de Quental.

Eu ia mesmo ao ponto de o considerar como o mais notável dos Anterianistas vivos, não ignorando, é certo, os valiosos contributos de António Sérgio, Leonardo Coimbra, Sant'Anna Dionísio, Fidelino de Figueiredo, e, sob outro aspecto José Bruno Carreiro, que sem duvida alguma estão no numero dos mais conceituados e honestos anterianistas que têm aparecido.

Joaquim de Carvalho, com uma simplicidade própria das pessoas invulgares conheceu logo o meu acento de ilheu na fala. E, em virtude de uma generosa referência de Afonso Duarte a propósito das minhas conversas com as musas e do meu culto apaixonado e fundo pela vida e pela obra de Antero, desdobrou algumas meadas de cavaco sobre aquela personagem tão bela e tão grande.

Como se tratava de uma ligeira conversa, não aplicou o método genético ou histórico-evolutivo que seguiu nos seus trabalhos daquele género, porque no seu entender era aquele método que «jorra luz clara sobre as atitudes espirituais e as concepções doutrinais de Antero, similando-as na temporalidade em que nasceram e na sucessão em que se oferecem».

Isto tinha uma razão para o mestre de Filosofia de Coimbra, e ele explica-nos aquele critério adoptado: «Por ínfimo que seja o conhecimento da obra anteriana, o leitor isento, nota logo que o mundo de ideias e de sentimentos onde ele brotou não foi um mundo fechado nem total, cuja constituição tivesse surgido de uma só vez e se mantivesse íntegro e constante no decurso da sua existência vivida. Se há uma consciência em que as crises e as mutações se sucedem com contraste e até com polaridade, essa é a consciência de Antero, por isso somente lhe é adequado um método que se adapte á gama cambiante dos seus estados e das suas ideias, se firme na cronologia do acontecido, se detenha no exame intrínseco dos escritos, se alargue até á correlação com a situação epocal concreta e se compenetre da transformação que sofreram as correntes estéticas e espirituais que tiveram acesso — estas e não outras — na sensibilidade do Poeta e na mente do Pensador.

Joaquim de Carvalho, incentivou-me apenas a minha admiração pelo homem digno, ávido de Justiça de Bem e de Beleza.

Além disto, fez-me sentir a eterna presença de Antero de Quental...

Despedimo-nos, até breve!

Hoje, digo com mágoa que nos despedimos até nunca mais.

Por um daqueles dias Afonso Duarte ofereceu-me os seus ultimos livros de versos — «Sibila», «Canto de Babilónia» e «Canto de Morte e Amor».

Numa banca do Café Arcádia, dialogámos acerca das minhas impressões de leitura. Chegando ao «Canto de Babilónia», aludiu-me o seu autor que fora dos três o que melhor quadrara em Joaquim de Carvalho. Verifiquei então a forte dose de real substancialismo humano que residia naquele homem talhado no mais genuino bronze do tempo de Miguel Angelo.

Os «eremitas do pensamento» na expressão feliz e oportuna de Fidelino de Figueiredo regra geral pousam sempre para além das coordenadas teluricas. Fazem estadias permanentes nas grandes alturas. Isolam-se em absoluto.

O mestre de Filosofia que faleceu há um ano, muito embora não se incorporasse nas massa heterogénea dos homens, sabia criar uma boa atmosfera de contacto. E, entre vários exemplos, temos um que é conveniente salientar.

João Lucio de Azevedo na roda dos oitenta anos, esmagado pela morte de um filho querido resolveu manusear Gramáticas e Dicionários da Língua Holandesa para traduzir a vida de Bento Espinosa de João Colerus que Joaquim de Carvalho lhe solicitara.

O sentido da amizade em Joaquim de Carvalho devia ir muito longe para que um velho de oitenta anos, só para ser agradável a um amigo, metesse ombros ao estudo de uma língua que dominava muito vagamente.

Além deste e de outros casos, todos os que passaram pelas suas aulas viram nele um mestre que simultaneamente procedia como amigo. Não era um burocrata do ensino. Levava os alunos ao amago das ideias e dos factos em fraterna comunhão e extraia mensagens uteis e profícuas. Vasco da Gama Fernandes, num dos seus mais recentes trabalhos, prestou homenagem a Joaquim de Carvalho, porque via nele «um dos poucos que sentiam o ensino com largueza de espírito, preparação inteligente e companheirismo aliciante».

Estas e outras razões que não mencionamos deixam-nos crer que o mestre de Filosofia de Coimbra acendia uma lampada votiva na Ara de Antero não por aparato erudito, mas porque se recordava destas palavras: «As grandes, as belas, as boas coisas só se fazem quando se é bom, belo e grande, mas a condição da grandeza, da beleza, da bondade, a primeira e indispensável condição não é o talento, nem a consciência, nem a experiência; é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independência da alma e a dignidade do pensamento e do carácter.

Joaquim de Carvalho, foi um homem com letra maiuscula. Até á ultima hora em que actuou na vida, defendeu os mais puros ideais, diametralmente opostos ao estranho egoismo do nosso tempo.

A notícia da sua morte sensibilizou-nos e ainda nos custa. Os bons professores de Portugal desaparecem.

Magalhães Vilhena está em Paris; Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Eduardo Lourenço e outros no Brasil; Aurélio Quintanilha refugiou-se numa companhia de algodão em Africa; Hernani Cidade e Vieira de Almeida atingiram há pouco o limite de idade. E, homens, com a bagagem e a envergadura de Sant'Anna Dionísio, porque lhes falta qualquer praxe, desperdiçam o seu talento a ensinar a meninos do liceu.

A Joaquim de Carvalho ainda faltavam três ou quatro anos para se aposentar. Neste período de tempo, passam por Coimbra, alguns centenares de jovens. Numa época de crise como a que atravessamos uma daquelas figuras faz bastante falta aos alunos, aos que podiam ser alunos, e aos que olhando para ele descobriam uma árvore vigorosa e direita, cheia de ramos e de seiva.

ANTONIO VAL-DE-MAR

Inauguração da fábrica

da Sociedade Nacional de Detergentes

Com a presença de membros do Governo e outras entidades oficiais, serão inauguradas na terça-feira, ás 11 horas, as instalações fabris de produção de detergentes e hidrogenação de óleos, da Sociedade Nacional de Detergentes, S. A. R. L., em Alhandra.

Polícia Judiciária

de Coimbra

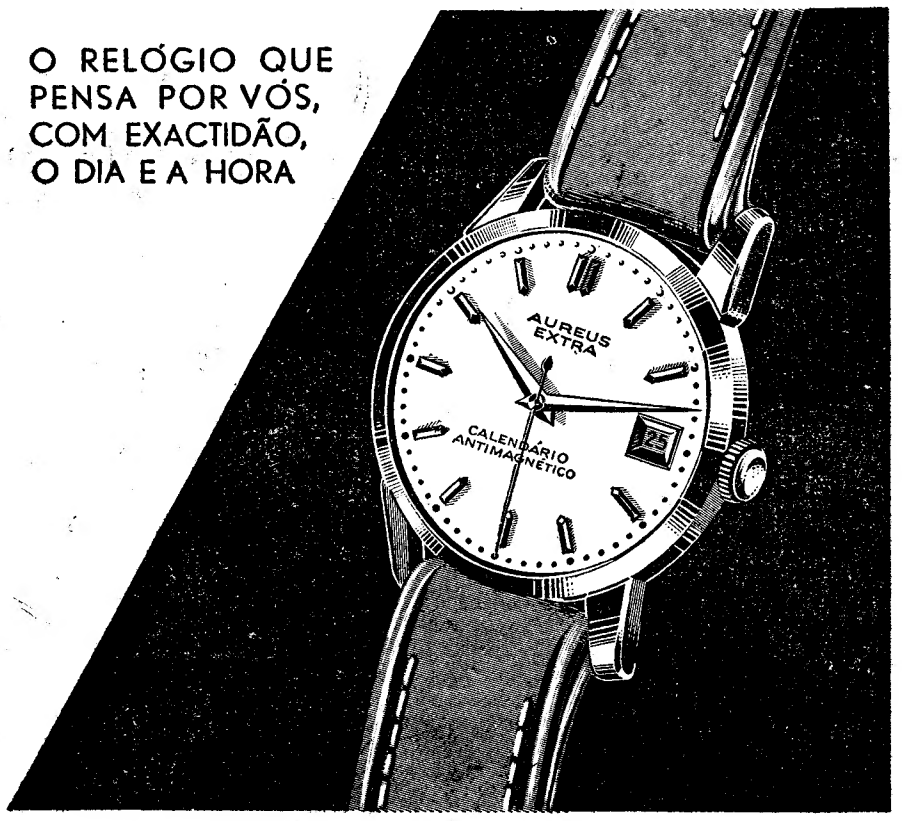
COIMBRA, 24 — Na quarta-feira, toma posse do cargo de inspector-adjunto da Polícia Judiciária, o sr. dr. Joaquim Marques de Sá Couto, que na corporação do Porto desempenhava as funções de inspector da Subdirectoria.

AUREUS

Extra

CALENDÁRIO

O RELÓGIO QUE PENSA POR VÓS, COM EXACTIDÃO, O DIA E A HORA



O homem de negócios não precisa de se preocupar com a data. O AUREUS CALENDÁRIO indicar-lhe-á sempre, com exactidão, ao mesmo tempo que marca a hora precisa. AUREUS CALENDÁRIO é um relógio suiço, de esmerado fabrico, de superior qualidade, com corda inquebrável e garantido contra todos os acidentes.

De cromo, fundo aço inox. ... Esc. 700$00
O mesmo, de plaqué ..... Esc. 900$00
MODELOS SIMPLES:
De cromo, fundo aço inox.... Esc. 600$00
De plaqué, fundo aço inox.... Esc. 800$00

QUANDO COMPRAR UM **AUREUS EXTRA**, EXIJA O CERTIFICADO DE GARANTIA

À VENDA A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS

A cerimónia inaugural do novo quartel do B. S. B.

(Continuação da 1.ª página)

ça Borges, procedeu á cerimónia do içar da bandeira da cidade, no mastro de honra do quartel, voltando a banda de musica a tocar o hino de Lisboa.

Apresentaram cumprimentos ao sr. brigadeiro França Borges, os srs. dr. Norberto Costa, secretário do Governo Civil, em representação do chefe do distrito; vereadores eng. Santos Gil, Safera da Costa e coronel Afra Nozes; capitão Gil Judice e Pedro Henriques, que representavam respectivamente os srs. generais Valente de Carvalho, comandante-geral da Guarda Fiscal; e Aníbal Vaz, comandante-geral da G. N. R.; coronel Soares e Silva, comandante do Regimento de Engenharia 1; tenente-coronel Gomes da Silva, comandante do Batalhão de Telegrafistas; tenente-coronel Luz Cunha, comandante da P. S. P. de Lisboa; major Raul Subtil, subdirector dos Populos do Exército, por si e representando o respectivo director; oficiais de Engenharia 1; comandante Francisco Lopes, Idalino de Freitas e Francisco Rodrigues, da Liga dos Bombeiros Portugueses; João Crisóstomo de Sá, chefe dos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», ali na sua qualidade de comandante dos Bombeiros Voluntários da capital, do Beato e Olivais, e da Cruz de Malta, etc.

Em seguida, a força em parada desfilou perante o sr. presidente da Camara, indo formar na parada do aquartelamento, onde depois se efectuou a cerimónia da entrega de medalhas de ouro (exemplar comportamento em trinta anos de serviço) aos subchefes de 1.ª classe, Eduardo Henriques, e de 2.ª classe, Domingos Matias; e de prata (dez anos de serviço) a 40 sapadores bombeiros, e de cobre (cinco anos de serviço) a 26.

Procedeu á chamada o sr. major Rogério Cansado e as condecorações foram colocadas no peito dos Sapadores Bombeiros pelos srs. presidente e vice-presidente da Camara, pelo sr. eng.º Castro Nery, director dos Serviços Técnicos Especiais, pelos comandantes do B. S. B e da P. S. P. de Lisboa e pelos vereadores.

Seguiu-se uma demorada visita ás sóbrias e modelares instalações do aquartelamento, cujo edifício, de três pisos, é constituido por dois corpos e, ainda, por uma escola, ao fundo da parada.

A 3.ª Companhia, do comando do chefe Feliciano Nazaré, abrange oito viaturas, igual numero de graduados e 70 sapadores bombeiros.

Durante a visita, o sr. presidente da Camara e as referidas individualidades assistiram, no ginásio, a uma exibição de ginastas da corporação, em exercícios na mesa elástica e saltos no tapete, demonstração essa que impressionou muito bem a assistência. Seguiram-se a este numero do programa uma exibição de basquetebol, no campo de jogos e uma curiosa demonstração de salvamentos, executada na piscina por uma equipa de escafandristas e nadadores salvadores, que, igualmente, prenderam a atenção dos visitantes e mereceram os seus aplausos.

A visita estendeu-se, depois, a outras dependências do aquartelamento.

Na sala do Sapador, efectuou-se uma breve, mas significativa, cerimónia, para a entrega dos donativos ás famílias dos dois desditosos sapadores bombeiros que perderam a vida quando do violento incêndio que reduziu a um montão de escombros todo o interior e recheio da igreja de S. Domingos.

O sr. brigadeiro França Borges entregou um envelope com a importancia de 21.444$50, a Amélia Frade Real, viuva do 1.º cabo João Francisco, e outro sobrescrito com igual quantia a Olícia de Jesus Aguiar Gomes, viuva do 1.º cabo Francisco da Silva Gomes. Nestas somas confiadas ao Município para tal fim avultava o produto do espectáculo de caridade levado a efeito no Monumental com a mesma intenção.

Por sua vez, o nosso camarada do «Diário Popular» Abel Pereira fez entrega ao sr. presidente da Camara, da importancia de 1.549 escudos, enviados áquele jornal por leitores, e Trabucho Alexandre entregou, por sua vez, um cheque no valor de 25.367$60, produto da subscrição aberta pelo «Diário Ilustrado» e do torneio miniatura que o mesmo jornal promoveu, de colaboração com o Ateneu da Madre de Deus.

Como estas cifras em cheque não podiam naquele momento ser divididas, foram apenas simbólicamente entregues ás viuvas, ficando ainda, na realidade, em poder do sr. coronel Ribeiro Viana, que, depois de levantar do banco a referida importancia procederá á sua distribuição.

Em seguida, o sr. brigadeiro França Borges, depois de ter beijado a filhinha orfã de João Francisco, entregou um livro editado pela Camara («Casas da Camara»), luxuosamente encardenado, ao empresário Vasco Morgado.

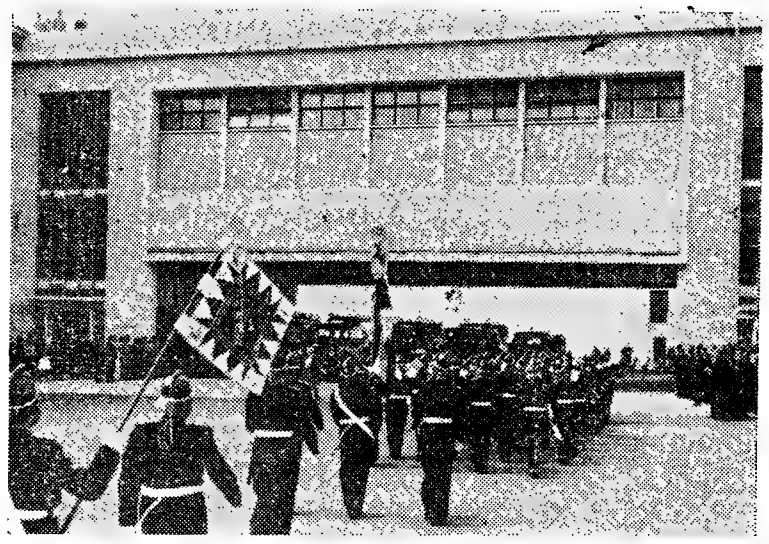
Vários exemplares idênticos serão oferecidos aos artistas João Villaret, Rui de Carvalho e Paulo Renato, como agradecimento do Município pela sua intervenção naquela generosa iniciativa.

A' actriz Laura Alves vai ser entregue pessoalmente pelo sr. brigadeiro França Borges, um objecto de prata. Finda esta breve cerimónia, o sr. presidente da Camara, acompanhado pelas entidades oficiais; dirigiu-se para uma ampla tribuna armada no corpo Norte do edifício, ornamentada com plantas e coberta por um toldo, entre as bandeiras nacional e da cidade. Daí assistiu á segunda parte do festival, que começou por exercícios de barra e paralelas, em que intervieram elementos da classe especial de ginástica; classe de ginástica educativa e saltos de mesa alemã, plinto e «jeep». Ao todo, com elementos em parada.

Seguiu-se uma interessante demonstração de extinção de fogo em barraca e em tanques com gasolina, com o emprego de nevoeiro, espuma e pó seco.

Depois, veio o numero mais substancial do testival: um simulacro de incêndio num prédio de três fachadas, composto de rés-do-chão, 1.º, 2.º e 3.º andares, ocupados respectivamente por casa de venda, escritório, depósito de drogaria e produtos farmcêuticos.

A origem do sinistro teria sido um curto-circuito na instalação eléctrica do prédio, próximo da caixa da escada, o qual houvera derretido a tubagem do gás, dando origem á propagação rápida do incêndio. Comunica-se este á escada, ao 2.º e ao 3.º andares e até já ao madeiramento do telhado.



A fachada do novo quartel

Dado o alarme, comparece o material do aquartelamento mais próximo, ordenando o chefe de serviço o salvamento de três empregados, que não puderam atingir a escada da propriedade. Simultaneamente, determina o início do ataque, mandando transmitir á C. T. C. o pedido de reforço de material e pessoal.

Em pleno ataque, verifica-se a desagregação de rebocos e estuques em diferentes pontos das paredes mestras, desabando a clarabóia e parte da escada do prédio até ao segundo andar, pelo que o chefe de serviço se vê obrigado a ordenar a retirada de pessoal e material.

Aparecem então ás janelas dois bombeiros, que, por se terem afastado para o interior, não ouviram o toque de retirada, e não podem utilizar a escada da propriedade.

Abre-se enfim a tela de saltos, meio de salvamento que, nessas circunstancias, é utilizado.

Depois de uma escalada à Casa Escola e de se terem presenciado também jogos de água, com 20 agulhetas de nevoeiro a banda de musica tocou o hino da cidade, encerrando-se o festival com a formatura em continência.

Antes de se retirar, o sr. brigadeiro França Borges felicitou o sr. coronel Ribeiro Viana pelo aprumo e pelo grau de eficiência do pessoal, demonstrado através do que lhe fora dado presenciar com o maior agrado.

Jaime Ferreira

FALECEU

Sua família participa este doloroso transe e que o funeral se realiza amanhã, 25, pelas 15 horas, da Rua de S. Bento, 311, 1.º, para o cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA ALVES

Jaime Ferreira

FALECEU

PAULINO FERREIRA, FILHOS, LDA. participa o falecimento do seu sócio gerente, Sr. Jaime Ferreira e que o seu funeral se realiza amanhã, 25, pelas 15 horas, da Rua de S. Bento, 311, 1.º para o cemitério dos Prazeres.

João Capello Jalles

Os sócios gerentes da Livraria Portugal cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu consócio e amigo cujo funeral se realiza pelas 11 horas do dia 25, da Rua Tomás da Anunciação, 2-1.º, Dt. para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

João Capello Jalles

Os empregados da Livraria Portugal cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu estimado patrão e amigo e que o funeral se realiza dia 25, pelas 11 horas, da Rua Tomás da Anunciação, 2-1.º, Dt.º para o cemitério dos Prazeres.

PONTE DE ROL
TORRES VEDRAS

D. Maria da Conceição Vaza dos Santos

FALECEU

Maximiano Vaza dos Santos, José Maximiano Vaza dos Santos, Maria Paula Vaza Cruz e filhas e Maria da Cruz Vaza e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua esposa, mãe, irmã e tia, e que o seu funeral se realiza amanhã, 25, pelas 13,30 da sua residência para o cemitério local.

Joana Augusta Cardoso de Sá Simões

FALECEU

Jaime Eduardo de Sá Simões seus filhos, noras, irmãos, genro, sobrinhos, cunhados e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida mulher, mãe, sogra, irmã, tia, cunhada, avó e parente, cujo funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência, na Rua Heliodoro Salgado, n.º 60, r/c., para o cemitério do Alto de S. João

TRATA AGÊNCIA MACHADO DA COSTA

CARRIS

SERVIÇO DE AUTOCARROS

A partir de Domingo, 25 de Outubro, a carreira 21-A, Restauradores - Largo Frei Heitor Pinto, passa a ter o seguinte itinerário:

Avenida da Liberdade, Avenida Fontes Pereira de Melo, Praça Duque de Saldanha, Avenida da República, Avenida dos Estados Unidos da América, Avenida do Rio de Janeiro e Largo Frei Heitor Pinto.

HORÁRIO

DIAS ÚTEIS

P. dos Restauradores — L. F. H. Pinto		L.º H. Pinto — P. dos Restauradores	
Horas	Intervalos	Horas	Intervalos
7.22 às 8.16	18 m.	7.04 às 7.58	18 m.
8.16 » 10.11	9 »	7.58 » 9.52	9 »
10.11 » 17.12	15 »	9.52 » 17.00	15 »
17.12 » 20.23	9 »	17.00 » 20.45	9 »
20.23 » 21.02	15 »	20.45 » 21.28	15 »
21.02 » 1.13	22 »	21.28 » 0.46	22 »
DOMINGOS e FERIADOS			
7.54 às 11.39	15 m.	7.30 às 11.15	15 m.
11.39 » 21.53	11 »	11.15 » 21.31	11 »
21.53 » 1.10	22 »	21.31 » 1.10	22 »

Lisboa, 24 de Outubro de 1959

A ADMINISTRAÇÃO

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

do publico num numero cheio de «suspênse».

A alegria gritada e veloz do cinema italiano, a longa cara de Totó, o gesticular malicioso de Alberto Stopa, a sátira dramática de Renato Rascel, a bonomia gorda de Aldo Fabrizi, estão todos no numemero de Los Celles, célebres palhaços italianos. E' um numero novo. Uma revelação. A sua comicidade é nova, poderosa interminável, contagiante.

Na cúpula cintilante do Coliseu, onde já se exibiram os maiores nomes do trapezismo, surgem agora os Samaritas, verdadeiros diabos do ar. Os seus corpos, flexuosos, musculados, perfeitos, desenham na escada aérea figuras revolucionárias no trapezismo. Foram para eles as palmas vigorosas do publico.

E eis-nos chegados ao fim. O circo provou a sua vitalidade e o seu poder de atracção. A multidão que ontem enchia o Coliseu, a que encherá esta casa nos dias mais próximos, foi atraida pelo apelo do Circo, que é a voz da sua juventude. Porque o Circo pertence a todos. — P.

Atrás do reposteiro

—No Teatro Monumental é provável que seja reposta a peça de Edgar Neville, «O baile».

—Na próxima semana, inaugura-se em Evora, uma nova temporada do teatro desmontável da companhia Rafael de Oliveira.

—O Teatro Avenida so reabrirá quando o actor João Villaret, que se encontra doente, esteja restabelecido.

—Do Hospital de S. Luís, onde foi sujeita a uma intervenção cirurgica, teve alta a actriz Guida de Carlo.

—Estão a escrever uma nova revista, destinada a um dos teatros do Parque Mayer, os autores teatrais Anibal Nazaré e António Cruz.

—Os artistas Maria Sidónio e Tony de Matos, que residem no Rio de Janeiro, vão inaugurar uma casa tipica portuguesa.

—No Coliseu do Porto é apresentado amanhã, pelo artista Odyr Odilon, um novo programa no espectáculo do «Tico-tico no Coliseu».

—O Teatro de Arena de S. Paulo estreou-se no Rio de Janeiro com o original de Gianfrancesco Guarnieri, «Eles não usam «black-tie», também autor da peça «Gimba», em cena no Capitolio.

—O cómico brasileiro Grande Otelo, que já esteve para vir a Portugal, é agora a primeira figura da companhia que vai estrear no Teatro Recreio do Rio de Janeiro a revista «Te futuco... num futucal».

—Consta que o empresário Vasco Morgado vai organizar o elenco que no Teatro Monumental, há-de ensaiar a comédia musicada «Boa noite, Bettina».

No Tivoli

prossegue o êxito do Teatro Cacilda Becker

Cacilda Becker e Fredi Filemann numa cena de «Pega fogo».

Para poder apresentar todo o seu reportório, o Teatro Cacilda Becker, em virtude da curta temporada que faz entre nós, vê-se obrigado a retirar do cartaz, em pleno êxito, a peça de Ariano Suassuna, que todas as noites numeroso publico tem aplaudido na sala do Tivoli.

Amanhã, ás três horas da tarde, realizar-se-á uma «matinée» a preços reduzidos com o «Auto da Compadecida» que, á noite, terminará a sua carreira, em virtude de na segunda-feira não haver espectáculo, para montagem do novo programa a estrear na terça-feira com as peças «Poil de Carotte» (Pega Fogo) de Jules Renard, na qual Cacilda Becker tem uma notável criação, e «Protocolo», de Machado de Assis, uma história deliciosa, encenada por Ziemöinsky e vestida por Nilson Penna.

No Trindade

O Teatro Nacional Popular inaugura esta noite a sua 3.ª temporada

Ribeirinho

Francisco Ribeiro, director do Teatro Nacional Popular, apresenta esta noite, no Trindade o primeiro espectáculo da sua 3.ª temporada de Lisboa. A ultima terminou com um acontecimento espectacular e que ficou histórico nos anais do teatro português: «A Espera de Godot», de Beckett. Esta que hoje começa abre com uma peça sensacional a famosa «Lucy Crown». Extraída de um romance de Irwin Shaw com o mesmo título, por Jean-Pierre Aumont, «Lucy Crown» é uma peça que vai entusiasmar o publico. Primorosamente encenada por Francisco Ribeiro, com cenários de José Barbosa, «Lucy Crown» tem nos dois principais intérpretes Carmen Dolores e Assis Pacheco, que actuam como artistas convidados á frente do elenco do T. N. P. constituido por Canto e Castro, Armando Cortês, Luís de Campos, Carlos Wallenstein, José Amaro, Mário Pereira, Lucia Mariani, Teresa Cottinelli Telmo, Armando Caldas, Florbela Queirós e João Lourenço.

Primeiras exibições

«Amor e boxe», no Eden

A frescura, a juventude, a claridade do cinema italiano revelam-se neste filme graicioso e leve, espirituoso e picante que o Eden estreou ontem. «Amor e boxe», interpretado por um grupo de caras novas da Cinecitá é uma sátira, um folhetim que tem a consciência de o ser, uma colecção de «gags» saborosos como anedotas ignoradas e vagamente proibidas.

Maurizio Arena, Inge Schöner, Franca Rame e Edoardo Nevola são os actores desta película alegre como uma gargalhada, ligeiro como a taça de champanhe que os actores bebem sem pagar ou pagando pouco, belo como o rosto surpreendente de «Laura», a heroina. «Amor e boxe» é exactamente o que o título nos diz. Não tem outras intenções nem podemos responsabilizá-lo pela sua voluntária fragilidade.

Um rapaz que bem parecia ser lisboeta, frívolo e simpático, com um coração adolescente e incerto, que divide em três partes, para o boxe, para Laura e para todas as outras raparigas, é o protagonista da película. A sua aventura através do amor e do boxe divertiu o publico que não queria outra coisa. Divertir não é suficiente mas tem o seu lado positivo.

Bons documentários. — *Visor 70.*

Imagem do dia

O famoso romance de George Olnaet, «O GRANDE INge Ohnet, «O GRANDE INgerações e gerações e actualmente se exibe nas «matinées» do TIVOLI numa admirável adaptação cinematográfica — entra hoje em 2.ª SEMANA. O publico apaixonou-se por esta película em Tecnirama e Tecnicolor, aliás, admirávelmente interpretada pelo grande actor português de categoria internacional ANTÓNIO VILAR e VIRNA LISA.

Coliseu

O espectáculo do povo: Circo! O maior cartaz de Lisboa. A festa das crianças. Amanhã à tarde às 16 horas

O Coliseu dá ao publico o que o publico quer — o Circo. Um festival do riso. Novidades internacionais. Uma parada triunfal. Desconcertantes malabaristas. Sensacionais trapezistas. Uma deslumbrante bailarina aramista. Cães acrobatas. Inacreditáveis ciclistas. A loucura de um automóvel. Duas hilariantes parelhas de palhaços — os Sala e os Mendez. O dia grande das crianças. A' noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos. Não necessita ficar em casa por causa do seu filho mais pequeno. Ele também pode vir. O circo pertence a todos. Amanhã, espectáculos, á tarde, ás 16 horas, com entrada gratuita a todas as crianças até aos 10 anos, devidamente acompanhadas, e ás 21 e 30.

Anna Magnani

regressou a Itália

após cinco anos nos Estados-Unidos

NÁPOLES, 24 — A actriz italiana Anna Magnani, depois de cinco anos de permanência nos Estados Unidos, onde filmou «The Fugitive Kind», ao lado de Marlon Brando, regressou á Itália, a bordo do paquete «Cristofore Colombo».

Falando aos jornalistas a propósito do filme «The Fugitive Kind»— a adaptação da lenda de Orfeu e Euridice aos nossos dias e ambientada numa terra do Mississipi — declarou. «Trata-se da historia de uma mulher que vive num inferno. Uma mulher que tem todos os complexos, que caracterizam as mulheres do Sul. Sente-se apática, sem vontade de viver. Quando, subitamente, se cruza na sua existência o Orfeu dos nossos dias. Um lindo rapaz, com uma voz maravilhosa, que lhe consegue devolver a alegria de viver. Evidentemente, como na lenda, o filme acaba em tragédia».

Mais adiante acrescentou: «Estou absolutamente convencida de que este filme é uma obra de arte cinematográfica e creio que será galardoado; é um trabalho de grande envergadura, bem dirigido e bem interpretado. Marlon Brando e Joanne Woodward são artistas de primeira classe e estou satisfeita com a minha participação neste filme, a convite de Tennessee Williams, a quem estou ligada por uma grande amizade e gratidão».

Depois, os jornalistas perguntaram-lhe a sua opinião de mulher sobre Marlon Brando. Magnani respondeu: «Além de ser bonito, Marlon Brando é um verdadeiro homem. Tem qualquer coisa a mais do que os outros. Por isso as mulheres adoram-no».

Anna Magnani confirmou que no próximo ano voltará aos Estados Unidos para interpretar mais duas películas, uma delas extraida de um romance de Cronin. «No entanto, ainda não assinei contratos, pois gosto sempre de conhecer antecipadamente o argumento que vou interpretar».

Ao ser interrogada se iria filmar na Itália, a actriz respondeu: «Sim, possivelmente em Fevereiro vou trabalhar num filme cujo argumento foi extraido de dois contos de Moravia, «O riso da alegria» e «Ladrões na igreja». Não sei quem vai interpretar o papel masculino, mas gostaria de voltar a filmar com Marlon Brando». — (A. N. I.).

Maria Callas

triunfou em Berlim

BERLIM, 24 — A soprano Maria Callas teve nesta cidade mais um triunfo — duplo, aliás, pois estava ainda fresca a impressão causada pelo adiamento do concerto no dia 3 de Outubro.

A Callas cantou acompanhada pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim, sob a regência do maestro Nicola Rescigno.

A soprano greco-norte-americana terminou o concerto mergulhada em flores e sob os calorosos aplausos da multidão que enchia o Titania. — (A. N. I.).

Adiadas as filmagens da película «La Prima Donna»

MONACO, 24 — Por «motivos familiares», Maria Callas só poderá ir ao Mónaco, em Abril de 1960, para interpretar um dos papéis do filme «La Prima Donna».

O início das filmagens estava marcado para o mês de Janeiro ou Fevereiro, mas, segundo uma declaração prestada á Imprensa por Joseph von Ferenczy, a cantora quer esperar, antes de assinar o contrato, que o tribunal italiano se tenha pronunciado sobre a sua situação matrimonial.

Pela sua participação nesta película, Maria Callas receberá 500.000 dólares (14.500 contos).—(A. N. I.).

VIDA MUSICAL

Juventude Musical Portuguesa

Amanhã, ás 11 horas, no cinema Tivoli, realiza-se o primeiro concerto da temporada da Juventude Musical Portuguesa, em que colabora o duo Jean Pierre Rampal e Veyron-Lacroix, que executará sonatas para piano e flauta, de Bach, Tellemann, Haydn e Poulenc, e quatro romanzas de Schubert. Este programa será apresentado pelo crítico dr. José Blanc Portugal.

VIDA RELIGIOSA

Igreja de S. João de Deus

Amanhã, na igreja de S. João de Deus, realiza-se a cerimónia de juramento dos novos dirigentes dos organismos da Acção Católica daquela paróquia. Após esta cerimónia, os dirigentes apresentarão cumprimentos ao prior José Teodoro Marques da Silva.

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR

Garantida pela Fábrica contra todos os defeitos de fabrico

ESC. 39$00

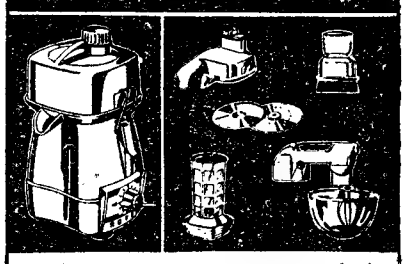
Soc. Pollux, Limitada

R. Fanqueiros, 276

DESCONTO PARA REVENDA

ROTEL

A MÁQUINA DE COZINHA UNIVERSAL COM MÚLTIPLAS APLICAÇÕES



★ Bate massas, claras, etc., ideal para os seus bolos.

★ Extrai sumos de legumes e frutos, ideal para a sua saúde.

★ Liquidificador, ideal para batidos, sopas, purés, etc.

★ Corta-legumes, ideal para saladas.

★ Moe café.

E TUDO.. POR UM PREÇO RAZOÁVEL! E AINDA.. COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

NÃO DEIXE DE EQUIPAR A SUA COZINHA COM ESTE PRECIOSO E ÚTIL AUXILIAR.

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO

REPRESENTANTES

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L.DA

Av Fontes Pereira de Melo, 45 Telefone 731111 — Lisboa

Delegação em Coimbra: Av. Fernão de Magalhães, 32 - 2.º — Telefone 25829

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

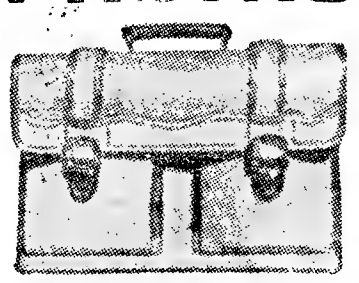
Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Camara Municipal de Barreiro e Moita, em todos os dias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de uma modificação do troço da linha aérea a 30 kV Coina-Montijo I, entre a subestação de Coina e o apoio n.º 57, com aumento de comprimento de 180 m.; troço da linha aérea a 30 kV Coina-Montijo II, com apoios comuns com a linha Coita-Montijo I entre a subestação de Coina e o apoio n.º 57, com 7853 m., nas freguesias de Palhais, Alhos Vedros e Moita, nos referidos concelhos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 20 de Outubro de 1959.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção
VASCO DA GAMA BRANDÃO

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio

A Comprido—R Madalena 97

O PORTO pelo telefone

Prisão de duas espanholas

PORTO, 24 — Na madrugada de hoje foram presas na Rua do Almada, por se terem envolvido em desordem e ainda por faltarem ao respeito e injuriarem o agente de autoridade que as deteve, as artistas de variedades Francisca Brosseta, de 29 anos, solteira, e Antonita Ascribano, de 21 anos, solteira, ambas de nacionalidade espanhola, que trabalham num «dancing» daquela artéria.

Antes de recolherem ao Aljube, passaram pelo Hospital da Misericórdia, onde receberam tratamento de escoriações várias, no corpo e no rosto.

Mulher atropelada

Na Avenida Fernão de Magalhães, uma bicicleta conduzida pelo electricista Silvino Cruz Oliveira, colheu a sr.ª D. Tomásia Maria Lima, de 53 anos, residente na Calçada da Póvoa, 20, que sofreu ferimentos pelo corpo, ficando internada no Hospital da Misericórdia.

O ciclista também recebeu tratamento de diversas escoriações.

Queda grave

Na Escola Técnica Gomes Teixeira, caiu de um corrimão e fracturou o cranio o estudante Manuel José Canejo Fernandes Almeida, de 12 anos, morador na Avenida Marechal Gomes da Costa, S. Mamede, que recolheu ao Hospital da Misericórdia.

Roubo do interior de uma furgoneta

O sr. Elísio Mesquita dos Santos, residente na Rua Alvaro Castelões, 473, queixou-se á Polícia por lhe terem furtado a sua furgoneta, estacionada á porta da sua residência. O referido veículo apareceu, mais tarde, na Rua Conde de Abranches, mas os gatunos tinham levado do seu interior grande numero de cabeças de fogarciros a petróleo, no valor de 5 contos e trezentos escudos.

Caiu numa fossa

Recolheu ao Hospital da Misericórdia o menor de 2 anos, Fernando Moreira dos Santos, residente em Canidelo, Gaia. Caíra a uma fossa. Embora não apresente ferimentos, ficou internado e em observação.

Bacalhau da Terra Nova

De regresso dos bancos da Terra Nova e Gronelandia, entraram, esta manhã, em Leixões, os arrastões bacalhoeiros «Aviz» e Terra Nova», cada um com cerca de quinze mil quintais de bacalhau frescal.

«Yacht» inglês arribado a Leixões

A fim de se reabastecer de combustíveis e géneros frescos arribou a Leixões o «yacht» inglês «Gay-Cor-Ait», em viagem de recreio.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «Eles, elas... e os meninos»
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30: «A Revolta dos Cossacos».
COLISEU — Ás 21 e 30 — «Corações destroçados».
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «O terror dos bárbaros»
TRINDADE — A's 15 e 30 — 21 e 30 — «O grande amor de Goya».
ALIANÇA DE OURO — A's 15 e 30 — 21 e 30 — «Os mistérios de Paris».
S. JOÃO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Um americano em Paris».
ALE HERCULANO — A's 21 e 30 — «A mulher que sabia sofrer».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Olhos negros».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «O morto voltou».

O 117.º aniversário

do Grémio Lisbonense

Incluida nas comemorações do 117.º aniversário do Grémio Lisbonense, uma das mais prestigiosas agremiações culturais e recreativas da capital, haverá amanhã, ás 11 horas, na sede, uma distribuição, pelo seu Fundo de Beneficência «Os Pelicanos», de vestuário a 24 meninas, dos 5 aos 10 anos, ás quais será servido um beberete.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

catástrofes psíquicas e somáticas, sendo as ultimas mais graves do que as primeiras.

O conjunto de manifestações psicodinâmicas ajuda-nos a melhor compreender a face somática dos fenómenos psíquicos, isto é, a totalidade da vida humana, os quatro pontos cardiais da existência. A razão dessa totalidade, a da estrutura psiquica e somática, fàcilmente se poderá descobrir porque um processo psíquico se manifesta, nalguns casos, através de aparatosas alterações somáticas.

A visão psicossomática consiste (Alexander), na tentativa de compreender a significação existencial da vida humana, no exame detalhado e escrutinador da sintomatologia concreta.

Qual o sentido da existência de cada um de nós? O homem tem a missão de actualizar a vida, tornando-se mais homem a cada momento, no desenrolar das horas e das emoções. Os animais desdobram-se através das gerações. Não podem dispor de si livremente. São prisioneiros da cadeia da evolução. O homem executa-se a si próprio, reajustando a liberdade à existência, ao quotidiano, recreando e renovando a mensagem que contém em si.

Todos os problemas do «eu» determinam o sentido da vida, sua finalidade e acções. Tem cada homem uma missão peculiar a cumprir e cada uma delas o seu carácter privativo. O absurdo existencial traduz desvio perigoso, afastamento da missão ímpar. A existência real e positiva implica (seria longo meditar alto) a criação de valores.

Cada um tem de aceitar a realidade (a sua e a dos outros) e limitar-se nela. Preencher totalmente a vida não é mais do que oferecer o supérfluo aos outros, Só assim o homem estabelecerá contacto vivo e permanente com o seu semelhante, vindo a propósito dizer que o erro que conduz às guerras nasce do desvio desta doutrina basilar.

Não se torna necessário procurar mais longe ou embeber-se das complicadas teorias de Carp. A realidade viva e eterna está no Decálogo, na filosofia transcendental e simples dos Dez Mandamentos. Os cinco primeiros, alinhados com os segundos, completam-se. A ordem de leitura é, pois, dupla: uma simples e compreensivel, a outra transcendental e ocultista.

O «próximo» é, portanto, condição necessária à existência do «eu», segundo o filósofo Marcel, existencialista desviado na trajectória do divino.

O problema do «próximo» inclui (fácil é de concluir) o do «nós», em cujo conjunto existe «cada um».

A vida psíquica exige renovação constante, através do diálogo com o semelhante, isto é, com a realidade exterior.

A realização total obtém-se mercê da reciprocidade com o meio, reciprocidade que favorece ou entorpece o desenvolvimento pleno da personalidade. Esta constitui, em última análise, a maior de todas as realizações do indivíduo. A adaptação adquire-se pela liberdade de decisão.

A estruturação e o desenvolvimento da personalidade implicam individualização dentro da colectividade, condicionada a permanente relação com o agregado social e o semelhante. Não se contradizem, completam-se.

Na total realização do seu destino o homem tem de participar do meio, mantendo com ele intercâmbios biológicos.

A psicodinâmica de Freud vive estruturalmente ligada a fenómenos biológicos (o destino da biologia, segundo Rostand, está muito para além do estudo do primário das algas!). Para o doutrinador de Viena, os instintos não são mais do que «estímulos somáticos» internos, em ebolução contínua.

Na vida psíquica do homem actuam incontáveis influências, que se podem explicar no campo da biologia. A psicanálise teve o grande mérito de demonstrar como tais influências, assimiladas em zonas que se situam longe no inconsciente, se encontram na base do comportamento do indivíduo. Para outros autores, porém, entre eles K. Horney, o ângulo biológico não poderá explicar a soma final de todas as actividades psicodinâmicas. Em sua essência íntima, o problema é mais complexo, segundo o demonstrou Iracy Doyle.

O meio exerce acção decisiva no desenrolar dramático da existência humana. Adler («Alfred Adler et son Oeuvre», por Herta Orgler, Paris, 1955), discípulo de Freud, julgou encontrar a razão totalitária das actividades psíquicas no sentimento da comunidade. Mais tarde, Horney, Fromm e o próprio Alexander («Réalité de l'âme», por Esther Harding, Boudry-Neuchâtel, 1952) desviaram-se da doutrina essencial e procuraram a explicação nas tendências culturais do meio, tendências que teriam acção marcante na estrutura da constelação psicodinâmica («The Infirmities of Genius», por Dr. W. R. Bett, Londres, 1952).

Quando Murphy, Kinckholm e Murray se ocupam da personalidade, alinham, em parte, com Adler, e responsabilizam as relações sociais e o próprio meio. O homem, porém, não é só um total biológico e social. É mais alguma coisa (maior valia do indivíduo), um ser espiritual, facto que lhe criou novas responsabilidades. Como tal, o homem possui a liberdade e a responsabilidade de organizar e arrumar a seu modo a vida que trilha e a existência interior, emprestando-lhe valor absoluto, pois o homem vive em relação constante com o absoluto. O subconsciente espiritual exige religiosidade inconsciente. Tudo isto é mais importante do que um gráfico de estatística, realizado hoje com toda a facilidade por um «robot» cibernético, sem alma, sem ideal, sem clima e mensagem. Aqui, a matemática não consegue atingir a soleira da filosofia. Fica aquém, privada de um golpe de asa.

Van de Loo, referindo-se ao somático, afirma que o corpo participa de todas as situações existenciais: assimila-as e dá-lhes forma. O corpo constitui um centro de contacto, de actividade, expressão e referência em relação ao mundo exterior. Todas as funções psíquicas se encontram integradas no soma.

Goldstein, descendo fundo no problema, vai mais longe: afirma que todas as modificações corporais são feitas de processos parciais, elaborados por mecanismos locais. As alterações psicodinâmicas correspondem a esquemas de reacções somáticas e as potencialidades (psicodinâmicas) são paralelas a essas reacções.

Selye emoldura o panorama em questão, afirmando que os processos somáticos, elaborados pelas secreções das supra-renais, representam uma defesa contra toda e qualquer ameaça ao organismo vivo.

Corpo, espírito, defesa e sofrimento, vida e morte — mistério insondável e profundo. Quando a criatura humana desce, em sondagens sucessivas, em demanda do mistério, o homem já não está e só o corpo repousa.

A tranquilidade apenas poderá ser alcançada quando uma única palavra encerrar o significado de todos os vocábulos. Até lá só o verbo poderá ser Graça, roçando o mistério.

A. d'E.

CARRIS

SERVIÇO DE AUTOCARROS

A partir de Domingo, 25 do corrente, a carreira N.º 5 é desdobrada em duas carreiras circulatórias (N.º 5 e 5 A) que obedecerão aos trajectos e horários seguintes:

CARREIRA N.º 5

RESTAURADORES-P. Marquês de Pombal-Av. António Augusto de Aguiar-R. Filipe Folque-Av. Luís Bivar-Av. Conde Valbom-R. Marquês Sá da Bandeira-Av. de Berna-Av. Cinco de Outubro-Av. Julio Diniz-Campo Pequeno-Av. Óscar Monteiro Torres-R. Augusto Gil-Av. João XXI-Praça do Areeiro-Av. Padre Manuel da Nóbrega.

No sentido AREEIRO-RESTAURADORES, os autocarros seguem por Av. S. João de Deus-Av. Sacadura Cabral-Campo Pequeno (lados Norte e Poente)-Av. de Berna-Av. Conde de Valbom-R. Filipe Folque-Av. António Augusto de Aguiar-P. Marquês de Pombal-RESTAURADORES.

HORÁRIO

Dias úteis

RESTAURADORES-AREEIRO		AREEIRO-RESTAURADORES	
Horas	Intervalos (Minutos)	Horas	Intervalos (Minutos)
7.51 ás 12.11	24	7.27 ás 11.47	24
12.11 » 15.23	16	11.47 » 14.59	16
15.23 » 17.39	24	14.59 » 17.15	24
17.39 » 21.07	16	17.15 » 20.43	16
21.07 » 1.20	23	20.43 » 1.00	23

Domingos e Feriados

8.33 ás 1.03	22	8.11 ás 1.03	22

CARREIRA N.º 5 A

RESTAURADORES-P. Marquês de Pombal-Av. António Augusto de Aguiar-R. Filipe Folque-Av. Luís Bivar-Av. Conde Valbom-R. Marquês Sá da Bandeira-Av. de Berna, Av. Sacadura Cabral-Av. S. João de Deus-Campo Pequeno-Av. Padre Manuel da Nóbrega.

No sentido inverso, os autocarros seguem pela Praça do Areeiro-Av. João XXI-R. Augusto Gil-Av. Óscar Monteiro Torres-Campo Pequeno-Av. de Berna-Av. Conde Valbom-R. Filipe Folque-Av. António Augusto de Aguiar-P. Marquês de Pombal-RESTAURADORES.

HORÁRIO

Dias úteis

RESTAURADORES-AREEIRO		AREEIRO-RESTAURADORES	
Horas	Intervalos (Minutos)	Horas	Intervalos (Minutos)
7.39 ás 12.03	24	7.15 ás 11.39	24
12.03 » 15.31	16	11.39 » 15.07	16
15.31 » 17.31	24	15.07 » 17.07	24
17.31 » 21.15	16	17.07 » 20.51	16
21.15 » 1.04	23	20.51 » 0.41	23

Domingos e Feriados

8.22 ás 11.14	22	8.00 ás 0.52	22

Lisboa, 24 de Outubro de 1959.

A ADMINISTRAÇÃO

Em ALHANDRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECILIO AUGUSTO COSTA

Tropas indianas
— fala-se numa divisão
foram destacadas para Ladakh

(Continuação da 1.ª página)

de que assumiu agora posição muito mais rígida.

Os dirigentes indianos continuam a aguardar a resposta de Chu-En-Lai á extensa carta que Nehru lhe enviou em 26 de Setembro. Essa resposta, se chegar depressa, será a unica via para avaliar as intenções profundas de Pequim.

O Governo da India esteve ontem reunido em sessão extraordinária, ao que parece para se ocupar do espinhoso assunto. Diz-se que o primeiro-ministro Nehru manifestou inquietação, tendo posto em relevo o facto dos dirigentes chineses nada terem feito que justifique as suas declarações publicas de que desejavam resolver de modo pacífico os seus litígios com a India.

A versão indiana do incidente

O comunicado oficial do Governo indiano acerca do incidente relata que este se deu na região de Chang Chenmo, sessenta quilómetros no interior do território da India. Dois agentes de Polícia, em patrulha nas proximidades da garganta de Kong Ka, em 20 do corrente, não regressaram da missão. Em sua busca partiu um destacamento da força principal. Como as buscas não tivessem dado resultado, organizou-se outra patrulha no dia seguinte de manhã. Afigura-se que esta patrulha foi surpreendida por fogo subito e nutrido de tropas chinesas instalações atrás de uma colina. Os Indianos ripostaram, mas foram esmagados pelos Chineses, mais numerosos e armados com morteiros. Morreram 17 Indianos, e mais 3 ficaram gravemente feridos.

O comunicado de Nova Delhi indica ainda que o Governo de Pequim não podia ignorar a fronteira tradicional nesta região, pois esta foi descrita pelo Governo indiano em nota enviada ao ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, depois dos incidentes anteriores. O Governo indiano ficou muito surpreendido ao receber ontem, do Governo de Pequim, um memorando com um relato dos acontecimentos em completa contradição com os relatórios recebidos antes pelo Governo da India. Este rejeitou o protesto contido no memorando do Governo chinês, pediu que fosse imediatamente posto em liberdade o pessoal indiano detido pelos Chineses, e que as tropas chinesas retirassem da região onde se deu o incidente. Além disso, o Governo da India reserva-se o direito de pedir a Pequim uma idemnização apropriada quando se avaliar exactamente a extensão dos prejuizos sofridos.

Consta de fonte segura que o destacamento que partira em busca dos dois agentes desaparecidos se compunha de 70 homens. Não se sabe ainda quantos conseguiram voltar, nem se soldados chineses também morreram no recontro. — (F. P.).

Comentários da Imprensa indiana

NOVA DELHI, 24 — O jornal «Statesman», comentando o incidente indo-chinês no qual morreram 17 polícias indianos, atacados por soldados chineses, escreve hoje, em especial, o seguinte: «Se a resposta da China ao nosso protesto não for satisfatória, talvez seja difícil para o Governo indiano resistir á pressão da opinião que pede o rompimento das relações diplomáticas com a China. Estes acontecimentos podem provocar uma campanha e pressões no Governo da India, para que este adopte uma linha de acção firme». — (F. P.).

Não será motivo para uma guerra — declarou Nehru

NOVA DELHI, 24. — Nehrú, num discurso proferido hoje, numa reunião do Partido do Congresso, em Meerut, declarou que o recente incidente na fronteira «não será motivo para uma guerra com a China».

Entretanto, círculos autorizados de Nova Delhi declaram, depois de salientar que o Governo indiano já enviou para a fronteira novos reforços de tropas, que se fazem conjecturas sobre a possibilidade de um corte de relações diplomáticas, entre a União Indiana e o regime de Pequim. — (A. N. I.).

Os ministros
dos Negócios Estrangeiros
da França e da Espanha
encontram-se nos Pireneus

PARIS, 24. — O ministro francês dos Negócios Estrangeiros partiu esta manhã, em avião, para Biarritz, a fim de entabular conversações, em Bidassoa, na fronteira dos Pireneus, com o ministro das Relações Exteriores da Espanha.

Círculos autorizados parisienses dizem ser provável que, durante o encontro dos dois ministros, na ilha dos Faisões, rodeada pelas águas do rio Bidassoa e situada em território espanhol, sejam discutidos assuntos que se relacionam com problemas de interesse para os dois países, incluindo os da possível entrada da Espanha para a N. A. T. O., as relações com o Marrocos, a legislação de carácter social e relativa aos trabalhadores franceses e espanhois que exercem a sua actividade nos respectivos territórios vizinhos, as escolas francesas na Espanha, e, possívelmente, o problema dos refugiados espanhois que se encontram na França.

A visita de Couve de Murville coincide com as comemorações do terceiro centenário da assinatura do «Tratado dos Pireneus», que pôs termo ao ultimo grande conflito entre a França e a Espanha. — (A. N. I.).

A reunião em Paris
dos chefes de Governo ocidentais
deve ser anunciada em breve
para a primeira semana de Dezembro

WASHINGTON, 24 — Nos círculos oficiais norte-americanos declara-se que é de esperar para breve a notícia de que os chefes de Governo ocidentais vão reunir-se em Paris na primeira semana de Dezembro. Nessa reunião procurará chegar-se a uma posição absolutamente unificada perante o problema da realização da conferência no mais alto nível.

Os observadores políticos locais não prevêem que o encontro entre os dirigentes ocidentais e do Leste possa vir a realizar-se antes do mês de Fevereiro. Persiste aqui a impressão de que os dirigentes norte-americanos se convenceram a aceitar esta data depois da declaração do presidente de Gaulle sobre a data da conferência.

Nos círculos oficiais afirma-se claramente que é de prever uma agenda muito vasta, com os dirigentes ocidentais prontos a discutir todos os problemas com Kruchtchev. Acrescenta-se que esta opinião é a que de Gaulle sempre tem defendido, não lhe parecendo de aconselhar uma conferência no mais alto nível apressadamente preparada e destinada apenas a discutir o problema da Alemanha e a crise de Berlim.

Concorda-se nos mesmos círculos que a convocação da conferência no mais alto nível para fins de Fevereiro ou princípios de Março dará, de facto, maiores possibilidades para o estabelecimento dessa vasta agenda de que haverá a esperar muito maiores e sólidos resultados do que de uma conferência mais próxima.— (A. N. I.).

Comentando a notícia do «Paris-Jour», círculos parisienses salientaram, esta manhã, que é possível que seja essa uma das razões que levaram o presidente de Gaulle a recusar-se a tomar parte numa conferência no mais alto nível entre o Leste e o Ocidente, antes da Primavera, visto que, nessa altura, já a França possa, talvez, pertencer ao «clube atómico».

A maioria da Imprensa de Paris, tanto das direitas como das esquerdas, presta hoje caloroso acolhimento ao comunicado oficial, em que foi anunciado que o chefe do Governo russo virá á França, a fim de conferenciar pessoalmente com o presidente de Gaulle.

O «Aurore» afirma, em editorial: «A notícia só pode causar regozijo». — (A. N. I.).

Os pontos de vista do Canadá

OTAWA, 24 — O ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros parte esta noite, em avião, para a Europa, devendo avistar-se com o presidente de Gaulle e o ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha.

Círculos de Otawa dizem ser provável que Green aproveite a oportunidade para expor os pontos de vista do Governo do Canadá sobre as projectadas conversações em alto nível.

Howard Green irá também a Londres, onde tenciona demorar-se três dias, durante os quais será recebido pela rainha Isabel e conferenciará com o primeiro-ministro Harold MacMillan. Selwyn Lloyd e conde de Home. — (A. N. I.).

Paris e Nova York
lutam com armas desiguais
contra os piratas da moda

NOVA YORK, 24. — Enquanto os ditadores da moda em Paris se queixam á Polícia quando os seus desenhos são roubados, os seus colegas americanos limitam-se a «encolher os ombros».

Mas a pirataria da moda toma, em ambos os lados do Atlantico, o aspecto de uma luta de «capa e espada». Os desenhadores prodigalizam-se em esforços para manter as suas criações no maior sigilo, até que as colecções sejam produzidas, mas os ladrões das modas utilizam-se de uma rede de espionagem. A causa do mal é o dinheiro; o que uma mulher paga por um modelo de afamada origem com 300 a 600 dólares, pode outra conseguir dias ou semanas depois por 40.

Há muitos casos de cópias legais, pois que é permitido aos clientes de armazens ou lojas de modas produzir em massa um modelo comprado. Mas ao menos o criador recebe o dinheiro pelo seu trabalho.

São as cópias ilegais o que irrita os chefes da moda. Aos Franceses é dada protecção pelo Governo, e ainda recentemente a Polícia prendeu a senhora Helene Kastner Srubar, jornalista vienense, acusada de fazer esboços das colecções parisienses mais recentes e vendê-los para Nova York.

Daniel Gorin, no Sindicato da Moda de Paris, queixa-se de que os ultimos modelos de Paris aparecem á venda em lojas americanas ainda antes de haverem sido expostos em Paris.

Enquanto isto se passa em França, nos Estados Unidos os desenhadores não gozam da protecção da lei. Todavia, eles têm os seus métodos eficientes para frustrar intenções de roubos. Alguns revistam o pessoal ao fim das horas de trabalho, muitos conservam as suas criações fechadas em local só acessível ao desenhador e seus cooperadores directos. Quando um manequim passa pelo salão de trabalho, o costureiro, para não correr riscos, cobre-o com uma saca de musselina atada ao pescoço.

Comentando o recente incidente em Paris, vários desenhadores americanos disseram que os roubos nos Estados Unidos se restringem aos dos copiadores que mandam as mulheres ou as secretárias comprar uma criação «Pauline Trigere», «Morell» ou «Luís Esteves» e a reproduzem em massa. — (A. N. I.).

Prevê-se para Fevereiro a explosão da bomba atómica francesa

PARIS, 24 — A explosão da primeira bomba atómica da França está prevista para a primeira semana de Fevereiro de 1960.

Referindo-se á fase de adiantamento dos planos dos cientistas franceses, o «Paris-Jour» afirmava esta manhã, que, embora não possa ser determinada uma data exacta, visto que dependerá das condições atmosféricas, tem-se como certo que a experiência da primeira bomba atómica francesa será levada a cabo durante os primeiros dias de Fevereiro.

O elevado preço das noivas
leva os jovens amorosos
descendentes de Jacob
ao rapto das bem-amadas

BEERSHEBA (ISRAEL), 24. — O preço médio de uma noiva nesta região é equivalente a 30 contos, o que, por vezes, obriga os jovens amorosos a utilizarem estratagemas para fugir ao pagamento dessa quantia.

O pagamento da noiva é costume antigo que já vem dos tempos bíblicos, em que Jacob trabalhou e poupou durante 14 anos para poder desposar Raquel, mas nos ultimos tempos a influência dos costumes ocidentais tem feito surgir nas jovens casadoiras uma certa rebeldia na aceitação do costume.

Um dos métodos de não pagar a noiva até tem o seu quê de romantico: é raptá-la. Outro, pelo contrário, é de base excessivamente prosaica: consiste em efectuar uma troca recebendo a noiva e oferecendo a irmã para casar com o futuro cunhado.

Said Ifnish amava Fátima, mas não conseguia poupar o suficiente para pagar a elevada quantia pedida pelo padastro da jovem. Um dia, quando Fátima se dirigia á fonte, foi raptada, de nada valendo a perseguição intentada pelos guerreiros da tribo El-Huzeil, do deserto do Negeva, da qual Fátima fazia parte.

Os tutores obtiveram uma decisão judicial favorável á restituição de Fátima. Os noivos apelaram, apresentaram provas de que eram casados, e a decisão foi anulada, o que, por certo, constitui grave precedente na opinião dos pais que têm filhas casadoiras nas tribos da região.

No método «prosaico» as coisas nem sempre são tão fáceis. A Polícia do distrito de Tiberia encontra-se perante um caso difícil, em que estão empenhadas pressões de duas tribos da região.

Andawi, de uma tribo beduína da Galileia, casou com a jovem Hasana El-Hamar, de uma tribo muçulmana. Deu em troca a sua irmã, que casou com o irmão de Hasana, muçulmano, portanto.

Ao fim de dois anos, a irmã de Andawi ainda não tinha dado um filho ao seu marido, facto que, segundo o rito muçulmano, o autorizou a dizer-lhe três vezes «estás divorciada» e a pô-la fora de casa.

O pai de Hasana é que não ficou pelos ajustes. Tinha ficado sem a filha e agora ficava sem a nora.

Deu ordem á filha Hasana que regressasse á casa paterna. O genro Andawi já se prontificou a pagar a própria mulher, mas o sogro afirma que, entetanto, já a negociou por um preço extra a outro Beduíno.

Para complicar o problema legal surge, agora, o nascimento de um filho ao casal Andawi. A Polícia de Tibéria está a organizar cautelosamente o processo antes de tomar a delicada decisão. — (A. N. I.).

O 3.º casamento
do xá da Pérsia

(Continuação da página central)

o amor á primeira vista. Os grandes olhos verdes de Soraya, que haviam de tornar-se famosos em todo o Mundo, seduziram o xá do Irão. Nevava em Teherão em 12 de Fevereiro de 1951, no momento em que Soraya, em frente de um espelho de ouro maciço, como manda a tradição, proferiu o «sim» que a autorizava a subir ao Trono do Pavão. Foi um romance de amor, e todos os augurios eram favoráveis. Pelo pai, Soraya pertence a uma das mais importantes famílias persas, os Bakhtiars, que dominam ao sul de Ispahan os jazigos de petróleo donde sai a riqueza do Irão. Mas, tal como Fawzia, Soraya teve dias de angustia. As agitações de Mossadegh abalaram o trono, a ponto de os soberanos terem tomado o caminho do exílio. Mas as coisas voltaram á ordem, e, em 1953, Soraya podia olhar o futuro com confiança. Havia, porém, uma sombra neste quadro aparentemente radioso. A união continuava estéril. Ginecólogos ilustres, consultados em várias capitais, pronunciavam-se negativamente quanto á possibilidade de Soraya dar filhos ao xá do Irão. A felicidade deu lugar á tristeza. E em 14 de Março do ano passado, o xá e Soraya separavam-se de comum acordo para garantir a continuidade da dinastia.

Rosas vermelhas para o soberano... do seu coração

O imperador perdeu uma esposa que amara apaixonadamente e lhe fora leal nas circunstancias trágicas do regime de Mossadegh. Soraya perdeu muito mais do que isso. A imperatriz dos olhos verdes ainda não esqueceu a felicidade perdida sem remédio. Pensou ficar em Roma, onde estivera durante o seu primeiro exílio. Mas, da segunda vez, a atitude da alta sociedade italiana não foi tão amável como da primeira. Um breve idílio com o príncipe Orsini teve o unico e triste resultado de colocar Soraya entre as actrizes de cinema, cujas peripécias amorosas são motivo de notícias e fotografias nos jornais e revistas. Claro que não era o seu lugar. Soraya vive agora retirada em Colónia, junto do pai, embaixador do seu país em Bonn. Cada vez que há um feriado persa, Soraya manda um ramo de rosas vermelhas ao homem que já não é seu marido mas continua a ser o seu soberano. — (F. P.).

PORTUGAL
em 5.º lugar no Campeonato Mundial de «snipes»

PORTO ALEGRE, 21 — A 4.ª regata do Campeonato Mundial de «Snipes» foi ontem ganha por Paul Elvstrom (Dinamarca) que revelou ser o grande favorito para o título de campeão, na posse do espanhol Alonso Allende.

A ordem de chegada, por nações, foi a seguinte:

1.ª, Dinamarca; 2.ª, Bermudas, 3.ª, Cuba; 4.ª, PORTUGAL; 5.ª, Japão; 6.ª, Bélgica; 7.ª, Espanha; 8.ª, Brasil; 9.ª Estados Unidos e 10.ª, Argentina.

Portugal ocupa o 5.º lugar na classificação geral, com 3.827 pontos. (A. N. I. e F. P.).

UM BRASILEIRO
no Lusitano de Évora

EVORA, 24 — (Pelo telefone) — No avião da Panair, chegou ontem a Lisboa, encontrando-se já em Evora, o jogador de futebol Joabel Alves Vieira, de 24 anos de idade, que alinhava a médio de ataque do Santa Cruz, do Recife.

Esta tarde, será firmado o contrato com o Lusitano de Evora.

RECEIA-SE
que tenha morrido
um navegador solitário
no Mar do Norte

COPENHAGUE, 24. — Receia-se que o electricista suíço Hans Peter Bucher, que tentava dar a volta ao Mundo num barco de borracha, tenha perecido no Mar do Norte.

Bucher embarcou em 14 deste mês, em Cuxhaven (porto do norte da Alemanha, na foz do Elba), mas não chegou ao primeiro porto de escala, que era Antuérpia.

A descoberta, na praia de Henne — na costa ocidental da Jutlandia — de um barco de borracha encalhado, em que se encontraram documentos com o nome de Bucher, leva a crer que o navegador solitário perdeu a vida no grande temporal que soprou no Mar do Norte, domingo passado. — (F. P.)

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 24 de Outubro ganhou o general Pétain a batalha de Artois

HA TRINTA ANOS

«Em Sevilha, o Chefe do Estado visitou esta manhã a Catedral e o Bairro de Santa Cruz» — noticiava o «Diário de Lisboa» em 24 de Outubro de 1929, acrescentando que ao banquete, no Hotel Afonso XIII, tinham assistido as infantas D. Luísa, irmã da Rainha D. Amélia; D. Maria das Mercês e D. Dolores, filhas do infante D. Carlos, que também assistiu com o infante D. Jaime, filho de Afonso XIII, e o general Primo de Rivera com suas filhas Carmen e Pilar».

CONCERTOS

A's 18 e 15, no Teatro de S. Carlos, realiza-se um concerto em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro António de Almeida, e os solistas Jean Pierre Rampol e Robert Veyron-Lacroix.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio Rural; 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Boris Sarbek; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores transmitido do Pavilhão dos Desportos. No intervalo: Terras de Angola; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 18: Temas portugueses; 18 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 3.º concerto da série organizada pela E. N. e o Teatro Nacional de S. Carlos. No intervalo: Noticiário regional e musica de Chopin; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: «Cantos da Prisão», de Dallapiccola: 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata n.º 3, em dó maior, op. 2», de Beethoven; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «A Gruta de Fingal», abertura de Mendelssohn; 1.º acto da ópera «Ernani», de Verdi; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile da Carpa; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto programa de divulgação; 23 e 31; Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Musica do cinema; 20: Ritmos e canções; 20 e 15: Programa «football»; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, «Esta Semana Aconteceu»; 21 e 5, programa juvenil: «O ouvido e a audição» (filme da «Enciclopédia Britanica»); concurso «Viagem interplanetária» e o filme «A chegada de Robin dos Bosques», com Richard Greene; 22 e 5, canções, por Ana Maria, acompanhada pelo conjunto de Shegundo Galarza; 22 e 30, actualidade desportiva; 22 e 50, telejornal.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TIVOLI — A's 21 e 45 — «Auto da compadecida».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «Lucy Crown«.
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delirio em Lisboa».
CAPITOLIO—Ás 21.45 — «Gimba».
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

S. LUIS — «Deus sabe quanto amei».
S. JORGE — «Os olhos da testemunha».
IMPERIO — «A Revolta dos Cossacos».
EDEN — «Amor e boxe».
POLITEAMA — «Capitão Paul Jones».
MONUMENTAL — «No Sul do Pacifico».
ODEON — «Amores reais».
ALVALADE — «Deus sabe quanto amei».
CONDES — «Os dez mandamentos»
ROMA — «Voltou a avó Isabel».
AVIS — «Eddie, o sedutor».
OLIMPIA — «Cavaleiros malditos».
RESTELO — «Gigi».
PROMOTORA — «Lazzarella».
JARDIM — «Cow-boy (Como nasce um bravo)».
IDEAL — «Jerusalém libertada».
S. JOSÉ (Sacavém) — «A terra dos homens maus».
CAMPOLIDE — «Os gigantes dominam».

CONCURSO

para cartazes

aberto pela «Gravura»

A «Gravura» (Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses) abriu concurso entre artistas portugueses, ou estrangeiros residentes em Portugal, para o cartaz que anunciará a «Exposição de Gravura Contemporanea Portuguesa» a realizar na 2.ª quinzena de Novembro, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa.

As dimensões do cartaz serão de 50/35 cm. sendo a superfície utilizada de 40×35, descontando, portanto, uma faixa de 10 cm. de altura destinada á impressão dos dizeres. O cartaz deverá ser executado em: litografia, madeira ou linóleo, e deverá ter um máximo de 3 cores ou impressões.

Os concorrentes apresentarão uma prova do seu trabalho, efectuado em qualquer dos três processos indicados, não sendo portanto admitidas maquetas realizadas noutro material. Para a realização técnica «Gravura» facultará a assistência necessária.

A entrega dos trabalhos será feita na Sede de «Gravura» Travessa do Sequeira, 4-r/c. até ao dia 5 de Novembro de 1959.

Serão atribuidos dois prémios, o 1.º de 3.000$00, e o 2.º de 1.500$00, ficando as matrizes dos trabalhos premiados propriedade de «Gravura».

O juri será constituido pelos pintores Fernando Azevedo e Julio Pomar e arq. Conceição Silva.

Está igualmente aberto concurso, dentro do mesmo prazo e sujeito ao mesmo juri para a realização de uma gravura original que ilustrará a tiragem especial do catálogo da referida exposição; esta gravura poderá ser realizada em qualquer dos processos normais (água-forte, água-tinta buril, ponta-seca, xilogravura, etc.).

As dimensões deverão permitir a sua inclusão numa folha de papel com as dimensões de 26×20 cm.

Será atribuido um prémio unico, no valor de mil escudos, ficando a matriz do trabalho premiado, propriedade de «Gravura».

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 24 (Quarto minguante) — 0 e 42 (3m,22).
Dia 25 — 9 e 10 (3m,36); 22 (3m,23).
Dia 26 — 10 e 26 (3m,41); 23 e 15 (3m,36).

BAIXA-MAR

Dia 25 — 2 e 25 (1m,83); 15 e 20 (1m,75).
Dia 26 — 10 e 26 (3m,41); 23 e 15 (3m,36).

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e outros atractivos, nas seguintes agremiações, esta noite: Associação de Beneficência Luís Braille, Casas dos Açores, da Comarca de Arganil e do Concelho de Gouveia; amanhã, á tarde: Casas do Algarve e do Alentejo, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Academia 1.º de Setembro de 1867, Concentração Musical 1 de Junho de 1914.

SERÃO PARA TRABALHADORES

No Pavilhão dos Desportos, ás 21 horas.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana—Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 77034; **Sagres — Av. Luís Bívar, 69-71, Tel. 47213;** Latina—Av. António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256, Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

FEIRA DAS MERCÊS

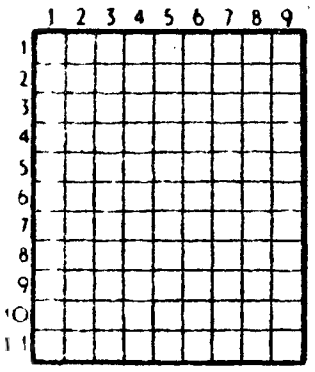
A Empresa Eduardo Jorge, comunica que nos dias 18, 25 e 26 do corrente, efectua carreiras eventuais de autocarros entre Benfica-Mercês, Belém-Mercês, Montelavar-Mercês e Almargem-Mercês (e vice-versa).

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em BUCELAS na AGÊNCIA DE PUBLICAÇÕES.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3804



HORIZONTAIS: 1 — Porto de Atenas. 2 — Língua antigamente falada ao Sul do Loire. Pronome possessivo. Símbolo químico do bromo. 3 — Salário de soldado. Oceano. 4 — Redimira. 5 — Doença que dificulta a respiração. Desmoronar-se. 6 — Penhor. 7 — Aqui está. 8 — Cólera. Pronome pessoal. 9 — Escorregara por um declive. 10 — Prendei com as gavinhas. Tem urgência. 11 — Maligna. Reduza a farinha. Artigo definido.

VERTICAIS: 1—Assopras. Frequentarem. 2 — Julgas. Correia com que se prende o cão. 3 — Calcula. Pega. 4 — Prefixo de negação. Embarcadouro na estação do caminho de ferro. Cheguei. 5 — Move os remos. Verseja. 6 — Pronome pessoal. Voz imitativa de pancada forte ou queda. Satélite da Terra. 7—Imperfeitos. Grande quantidade. 8—Cidade de Itália. Toa. 9—Vagabundeara. Origens.

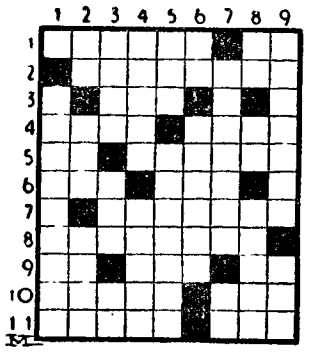
Solução do problema n.º 3803

HORIZONTAIS: 1 — Rembrandt. 2 — Ária. Leia. 3 — Variava. 4 — Mar. Aba. 5 — As. Ror. Oc. 6 — Pé. Em. 7 — Mac. Mal. 8 — Ba. Uro. AC. 9 — Alas. Vaga. 10 — Carabinas. 11 — Orem. Aaro.

VERTICAIS: 1 — Rã. Mas. Baco. 2 — Ervas. Malar. 3 — Miar. Pã. Are. 4 — Bar. Recusam. 5 — Ido. 6 — Ala! Removia. 7 — Neva. Má. Ana. 8 — Diabo. Lagar. 9 — Tá! Aço. Caso.

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1755



HORIZONTAIS: 1—De solução difícil ou impossível. Artigo (pl.). 2 — Ocasione. 3 — Ensejo. 4 — Lugar onde se secam e malham cereais. Capaz. 5 — Símbolo químico do cromo. Moluscos bivalves, de que algumas espécies produzem o nácar e a pérola. 6 — Chefe etíope. Agora. 7 — Convocas. 8 — O maior numero (pl.). 9 — Frequentar. Gracejar. A si. 10 — Em tempo nenhum. Possuem. 11 — Enfunam-se. Certa.

VERTICAIS: 1 — Censura. 2 — Utensílio de padejar. Raiva. Jarro (planta). 3 — Escavar. Nome vulgar de um macaco americano. Descoberto. 4 — Motivo. Suja. 5 — Rezo. Apresentem aspecto agradável. 6 — Senhor (abrev.). Encantar. 7 — Marca prazo. Pronome pessoal. 8 — Gemido. Basta! Repassem ao fogo. 9 — Sebentos. Ave pernalta.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1754

HORIZONTAIS: 1 — BOM. SERÁS. 2 — Id. Resume. 3 — Silo. Mi. 4 — SE. MORTO. 5 — Asile. Ana. 6 — Mérida. 7 — Aia. Inata. 8 — Zás. Tem. 9 — Os. ESTÁS. 10 — Nu. Idos. 11 — Avô. Glosa.

VRTICAIS: 1 — Bis. Amazona. 2 — Odisseias. 3 — Leiras. Nó. 4 — Ró. Li. Eu. 5 — Se. Médias. 6—Esmo. An. Til. 7 — Ruira. Atado. 8 — Má. Tn. Tesos. 9 — Seroaram. Sá.

(Provérbio: BOM SERÁS SE MORTO ESTÁS).

A semana do contribuinte

Código da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações

— Da determinação da matéria colectável;

— O imposto sobre as sucessões e doações.

Mobiliários

Nas transmissões por morte, quando não houver arrolamento judicial dos mobiliários, presumir-se-á, sem admissão de prova em contrário, a existência de mobílias, dinheiro, jóias e mais objectos de uso pessoal ou doméstico, necessários para perfazer, com os bens da mesma espécie que foram relacionados, um valor mínimo equivalente ás seguintes percentagens do activo restantes da sucessão:

Até 100 contos	1
De mais de 100 a 1000 contos...	2
De mais de 1000 a 5000 contos ..	3
De mais de 5000 a 10000 contos	4
De mais de 10000 contos	5

— Art.º 26.º.

Relação dos bens

A relação dos bens conterá a indicação dos valores que o apresentante lhes atribuir, salvo tratando-se de imóveis, ou de estabelecimentos comerciais e de quotas e partes sociais, quando haja balanço, partilha ou liquidação, ou dos bens referidos nas regras 1.ª (moedas nacionais ou estrangeiras sem cotação) e 5.ª (acções, títulos e certificados da dívida e outros papéis de crédito) do § 3.º do artigo 20.º e na regra 12.ª do artigo 31.º (moedas nacionais ou estrangeiras *com cotação* nas praças de Lisboa e Porto).

— Art.º 68.º.

Agenda do leitor

— Ascensores:

— Comunicar á Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos os nomes das firmas encarregadas da conservação, lubrificação e afinação dos ascensores existentes nos prédios, sempre que se verifique a aquisição de prédios ou haja mudança de firmas responsáveis.

— Imposto profissional;

— Empregados por conta de outrem;

— Cessação.

— Participar na competente secção de finanças, no prazo de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício de profissão.

— Art.º 2.º e seus §§ do Decreto n.º 17730.

O 111.º aniversário

da Sociedade Incrível Almadense

Prosseguem, em Almada, as comemorações do 111.º aniversário da Sociedade Incrível Almadense.

Hoje, ás 22 horas, celebra-se a «Noite de Outono» para eleição da «Miss Outono-1959», com o concurso do conjunto «Blue Star Melody».

Na noite de 30, haverá concerto pela banda da «Incrível», sob a regência do maestro Francisco Gomes da Costa.

Um Finlandês deseja

corresponder-se com Portuguesas

De Kokemäki, na Finlandia, escreveu-nos o estudante Esko Alm, de 18 anos, solicitando, por intermédio do «Diário de Lisboa», correspondência com raparigas portuguesas, em inglês. O seu endereço é: Kokemäki, The Garden of Kavinaa, Finlandia.

JULGAMENTO NA HAIA

Os advogados portugueses

vão principiar decerto a bater — e a bater forte e feio

HAIA, 24 (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria) — E' difícil, agora, no Tribunal Internacional de Justiça, a posição dos Portugueses; difícil e delicada, depois das vinte audiências preenchidas pela réplica indiana.

Difícil, porque os advogados do Governo indiano se limitaram a referir e a repetir, infatigàvelmente, os argumentos expostos no contra-memorial e na tréplica, argumentos já analisados e já rebatidos pelos Portugueses, quer na sua réplica escrita, quer agora, durante as vinte e cinco audiências ocupadas com as suas alegações.

Delicada, também, porque, ao longo da réplica oral indiana, os advogados do Governo de Nova Delhi — alguns desses advogados, pelo menos — reincidiram na falta de escrúpulos que tem caracterizado a sua actividade, truncando citações, mutilando documentos, apresentando como suas opiniões que contradizem tudo quanto até hoje eles têm ensinado nas universidades de que são professores. Ora os Portugueses não podem deixar de apontar essas «liberdades» de alguns dos juristas eminentes chamados pela União Indiana em seu auxílio, mas é evidente que o farão constrangidos e desgostosos, pois nunca é agradável provar que é desonesto um homem com fama de honesto ou que é incoerente uma criatura tida na conta de autoridade em matéria de direito internacional.

Por isso, mas só por isso, se nos afigura ser delicada e difícil a posição dos Portugueses, agora que retomam o uso da palavra.

Os Portugueses, por outro lado, foram, na primeira parte do julgamento, inexcedíveis de correcção, foram de uma perfeita cortezia para com «os seus estimáveis, os seus ilustres contraditores». Mas o seu exemplo, infelizmente, não foi seguido pelo procurador-geral da India, nem pelo prof. Waldock; até mesmo «sir» Frank Soskice se excedeu, em algumas passagens da sua exposição. Ora, se acaso não nos sentíssemos, não seríamos, na verdade, filhos de boa gente. Significa isto, porém, que temos a partir de hoje — sem quebra da linha que vimos desde o princípio mantendo — que retorquir ás alusões desprimorosas e que devolver as grosserias de que fomos alvo.

Não poderão os Portugueses ser, portanto, tão breves quanto desejariam. Não tencionam alongar-se desnecessàriamente, mas não podem nem devem consentir que passem sem reacção nossa as inexactidões e as incorrecções. Terão, pois, que ocupar talvez umas seis, talvez umas oito audiências...

Em 1957, tivemos, quando do debate oral sobre as objecções preliminares indianas, um saboroso «match» Waldock contra Waldock. Para agora, já anunciámos há dias como provável um «match» Guggenheim contra Guggenheim. Mas é de prever também que se tenha, de novo, um Waldock contra Waldock, tanto mais que este professor de Oxford — tão singularmente exaltado no seu anticolonialismo — dá pano para mangas...

De qualquer modo, os Portugueses têm que agitar estas águas, têm que trazer a este julgamento — que soçobrou, durante a réplica indiana, em aborrecimento e em tédio — algo de vivo e de novo, que interesse os juízes e que desperte os jornalistas.

Da parte dos Indianos, houve ainda duas tentativas de provocar um pouco de emoção, mas ambas se malograram.

A primeira foi quando Setalvad apresentou o brigadeiro Singh, adido militar da União Indiana em Paris e portador de grande maleta amarela, recheada — segundo nos foi dito — de documentos secretos de carácter militar, que os Portugueses não podiam ler e que o tribunal não podia publicar, mas que poderiam ser examinados por um perito a designar pelos juízes.

Naturalmente, foi explicado a Setalvad que não estamos já na fase do processo em que se podia apresentar novos documentos — e que, em todo o caso, o tribunal só pode tomar conhecimento daquilo que possa ser dado também a conhecer a Portugal.

Por consequência, regressaram a Paris, quer o brigadeiro, quer a sua misteriosa maleta.

Depois, os Indianos encheram de bailarinas, uma tarde, a sala de audiências. Foi, não há duvida, um formoso espectáculo. Os «saris» de cores rutilantes, as pesadas joias de oriental desenho, as flores rubras e amarelas nos cabelos cor de asa de corvo, as marcas da casta na testa das lindas raparigas que constituiam uma companhia de «ballet», indiana, em exibição do casino-teatro de Cheveninga — tudo isso formou inesquecível e belo conjunto. Mas os juízes não gostaram. Era teatral em demasia — era como se os Portugueses tivessem mandado vir para o tribunal, com os seus trajos e com os seus bastões, os «pauliteiros de Miranda».

Agora, vamos, sim, principiar decerto a bater — e a bater forte e feio — mas sem «pauliteiros». — (A. N. I.).

Fala o prof. Galvão Teles

HAIA, 24 — O juiz-presidente do Tribunal Internacional de Justiça, que é o magistrado norueguês Klaestad, abriu ás 10 horas e 30, a quadragésima sexta audiência do julgamento do litigio entre Portugal e a União Indiana.

O prof. Galvão Teles entrou imediatamente no uso da palavra, iniciando-se assim a resposta portuguesa á réplica indiana.

Depois do prof. Galvão Teles, que lê a introdução á resposta portuguesa, falará hoje ainda, nesta mesma audiência, o prof. Maurice Bourquin.

Na sua introdução, disse o prof. Galvão Teles:

«Seria para nós, advogados de Portugal, como que uma tentação acompanhar «pari passu» os argumentos dos nossos distintos antagonistas e destrui-los um a um, ponto por ponto. Não teriamos o menor receio de nos lançar nessa via.

«Simplesmente, não se torna de maneira nenhuma necessário fazê-lo, e por isso não o faremos, para não ocupar inutilmente o precioso tempo do tribunal.

«Na nossa primeira intervenção, que preencheu um total de vinte e cinco sessões, tivemos a preocupação de apresentar desde logo o conjunto da nossa argumentação, com as minúcias que nos parecem dispiciendas, mas com toda a amplitude que as circunstancias requeriam. Na execução de um plano definido, esforçámo-nos por desenvolver uma argumentação completa e permanentemente documentada. Procurámos assim habilitar o tribunal a fazer juizo sobre as razões que nos assistem, e os nossos adversários a produzirem com segurança a sua contra-argumentação.

«Ditas as ultimas palavras da resposta da União Indiana, sinceramente cremos que a posição portuguesa se mantem intacta.—(A.N.I.).

RESERVAS DA A. F. L.

Os jogos desta tarde

Benfica—Belenenses

Jogo no Estádio da Luz, com rasoável assistência. As equipas formaram:

BENFICA — Barroca; Marques e Jurado; Sidónio, Saraiva e Inácio; Flávio, Santana, Mendes, Peres e Vieira Dias.

BELENENSES—Fernandes; Rosendo e Bento; João, Castro e Carlos Silva II; Alemãozinho, Miguel Martinho, Cunha Verbo e Estevão.

ARBITRO — Rogério de Melo Paiva.

O Benfica começou o encontro abertamente ao ataque e ganhou um «canto» nos primeiros minutos, que no seguimento deu ensejo a uma recarga de Sidónio... a rasar a trave.

Prosseguindo no seu domínio, os «encarnados» dispuseram de nova oportunidade de golo, aos 10 minutos, quando Mendes obrigou Fernandes a uma defesa, da qual saiu magoado.

No ultimo quarto de hora jogou-se nos dois meios campos, mas o Benfica sempre mais perigoso nas suas avançadas conseguiu numa recarga partentosa de Santana fazer o unico tento da primeira parte, aos 41 minutos.

Torriense—Olivais

TORRES VEDRAS, 24. — (Pelo telefone). — Jogo no campo das Covas, com rasoável assistência. Os grupos formaram:

TORRIENSE — Pinheiro; Margaça 2.º e Portas; Belchior, Gilberto e Margaça 1.º; Jerónimo, Carlos António, Cecilio, Brás e Narciso.

OLIVAIS — Nobre; Laranjo e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Gaspar; Samnuel, Augusto, Pinho e Santos.

ARBITRO — José Pinheiro de Abreu.

A primeira parte, com um futebol de fraco nível e sem vivacidade, decorreu com ligeira vantagem dos locais. Todavia, o unico golo marcado, quando iam decorridos 30 minutos foi marcado pelo lisboeta Eugénio, a concluir um «canto» marcado por Samuel.

Arroios—Estoril

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto», com reduzidíssima assistência. Os grupos formaram:

ARROIOS — Machado; Matos Cordeiro e Veiga; Peres, Quintela e Maximiano; Couto, Brandão, Sá, Patrício e Roque.

ESTORIL — Carvalho; Nogueira e Ferreiro; Aragão, Ferreira e Martins; Matos, Barbosa, Monteiro, Gonçalves e Felix.

Arbitro — Oliveira Martins.

Ao intervalo, 0-0 — resultado que traduzia bem as possibilidades reveladas pelas duas equipas.

Atlético—Oriental

Jogo na Tapadinha, com regular assistência. Os grupos formaram:

ATLETICO—Jajan; Tomé e Campos; Coelho, Henriques e Correia; Esteves, Mega, Marques, Fernandes (Tomás) e Pinto.

ORIENTAL — Arnaldo; Seborro e Pereira; Cordeiro 2.º, Silva Costa e Carapinha; Libório, Nelson, Fernando, Postiço e Roque (Vasco).

Abitro: Salvador Passos.

Nos primeiros 10 minutos o Atlético dominou. Depois até á meia hora houve equilíbrio — altura em que Mega fez um golo. Marques, aos 42 minutos fixou o resultado da 1.ª parte em 2-0 para o Atlético.

AS 16 HORAS

UM AUTOMÓVEL

atropelou gravemente um trabalhador rural

ÉVORA, 24 — (Pelo telefone) — Esta tarde, na estrada de Montemor-o-Novo a Évora, no sitio de Abaneja, ao quilómetro 254, um automóvel conduzido por um individuo de apelido Mourão, que se julga pertencer ã Empresa de Construção Ibérica que em Évora está a edificar o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, atropelou o trabalhador rural José Bernardino Prates Bengalinha, de 27 anos, solteiro, natural da freguesia de S. Matias e residente no Monte do Pai-Cão. O ferido, em estado gravíssimo, foi transportado ao hospital da Misericórdia de Évora pelo dr. José Luís Cabral.

PASSAGENS DE MODELOS

CONVITE

LAURA CAMPOS

Apresenta em 27 e 28 de Outubro, pelas 16 horas, nos seus salões da Av. Alm. Reis, 2-1.º, Dt.º a sua colecção em PELES.

Com a colaboração de

LAURA SOBRAL

chapéus

Reserva de lugares Telef. 44870

Não esqueça minha senhora!

SABÃO ACTIVADO

Sonasol

BRANCURA NOVA!

para a sua roupa

O SABÃO DA LAVADEIRA

CIESA 55-1

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 67 Diario de Lisbôa

O QUE PENSA DOS LUNIKS DAS VIAGENS INTERPLANETÁRIAS E DO DESTINO A DAR À LUA?

Eis o tema dominante do ano. As nações fazem concorrência entre si, como as empresas de sabões e vaticinam-se resultados fictícios no aspecto de valor positivo e concreto.

A ciência, que, a pouco e pouco, se tem vindo apoderando de todas as possibilidades humanas e até mesmo desumanas, toma agora conta definitiva do espaço, entregando ao homem um Espaço e um Planeta... que de nada lhe servirão, senão talvez para exacerbar os ódios e as violências entre uns e outros.

Já não poderemos olhar as estrelas calmamente, sem sentir que elas já estão violadas?...

Grande e pobre Natureza que serás sacrificada pelo aço, pelas fórmulas, pela mão de ferro, pela loucura dos homens!

Eis, na verdade, o tema dominante, que nos encanta e nos affige, ao mesmo tempo.

E, por ser o tema dominante, iniciamos hoje um demorado inquérito onde hão-de depor diversas personagens, a fim de fazermos uma ideia do que se pensa da «**Loucura Lunar**» e do destino dos homens, face a essa loucura. Como teremos ocasião de verificar nem todos dramatizam o problema, antes pelo contrário, ele toma, por vezes, para alguns, uma faceta humorística e, outras, inspira a sátira.

WALDEMAR MONTEIRO

Pelo que me consta, já está formada uma companhia para explorar a luz do luar —, que teremos de pagar a «tanto» por kwh!

Ao dr. Luís de Oliveira Guimarães perguntámos:

— Qual a sua opinião sobre as viagens interplanetárias?

— A melhor possível — respondeu-nos. — Eu não quero outras para as férias. Permitem-nos, além de outras aventuras, ver as «estrelas» por dentro, e não se imagina o que é uma «estrela» por dentro, sobretudo quando é nova e bonita...

— E qual a sua opinião sobre o «Lunik II»?

— É tão lunático como o primeiro...

— Na sua opinião, qual o destino a dar á Lua, quando for atingida pelos homens?

O dr. Oliveira Guimarães respondeu-nos:

— A avaliar pelo que os homens têm feito na Terra, sob determinados aspectos, não auguro muito bem do que irá suceder á Lua, quando os homens lá chegarem. O que poderia ser uma lua de mel, irá, por certo, ser uma lua de fel. Uma coisa que acaba, sem duvida, é o luar, pelo menos o luar grátis... Pelo que me consta, já está formada uma companhia para explorar a luz do luar —, que teremos de pagar a «tanto» por kwh! Porque será que os homens não atingirão, antes, Vénus, com os seus foguetões? Vénus já está habituada a eles. É uma tradição de família...

(Continua na página central)

LUIS DE OLIVEIRA GUIMARAES

Questões de família (2)

É o homem veio do macaco ou o macaco veio do homem?

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE PARA PODAR A ÁRVORE GENEALÓGICA E ACTUALIZAR O BRAZÃO

Ficámos no numero anterior numa encruzilhada de caminhos: somos descendentes ou ascendentes do macaco ou nem uma coisa nem outra?

Como deslindar a meada?

Em 1926 o sr. Schultz, biologista germano-americano, inclinou-se para aquela hipótese de «nem uma coisa nem outra». Que opinião defendia o cientista? Que o homem e os macacoides não são parentes directos, mas colaterais, isto é, primos. Provenientes de um tronco comum, foram-se afastando conforme as adaptações a diferentes tipos de vida: no homem deu-se um formidável desenvolvimento cervical, o que lhe deu uma enorme superioridade quanto ao intelecto; ao macaco uma especialização na vida arborícola. As palavras do sábio são particularmente incisivas:

«Está amplamente provado que muitas partes do corpo humano são menos especializadas do que as partes correspondentes do corpo de outros primatas e mantiveram-se, por conseguinte, mais originais e primitivas, tanto do ponto de vista filogénico como do outogénico».

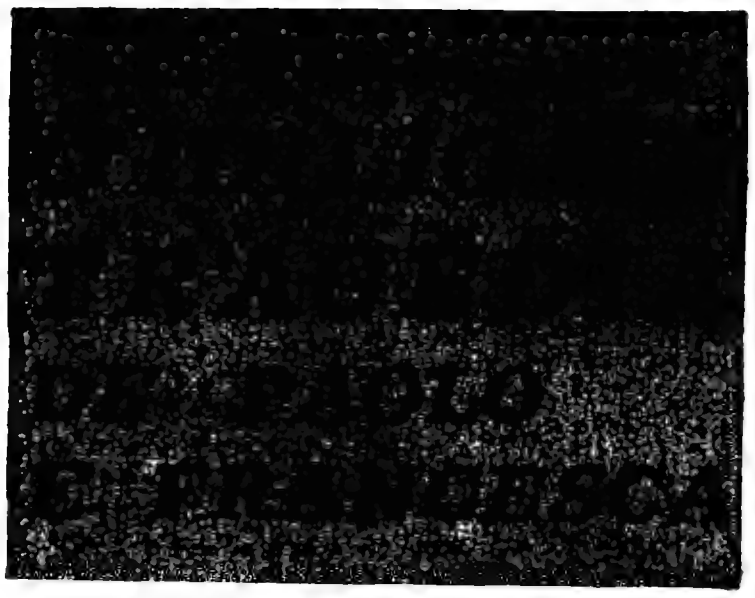
Eis uma face um pouco diferente do problema. A aceitar-se a hipótese, teríamos de podar a nossa árvore genealógica e actualizar o brasão: primatas, sim, mas não macacos melhorados.

O homem é um macaco no estado larvar?

Bock, biólogo holandês, veio então a terreno com uma nova teoria. Segundo ele, o homem seria fruto de um fenómeno de «neotonia» que já se verificara noutros animais. Aqueles a quem tal fenómeno atinge são constrangidos a viver (toda a vida) num estado larvar: sob esta forma inacabada vai até ao ponto de se reproduzir. O caso mais típico deste fenómeno é o do axototl ou amblistoma, salamandra do México que geralmente não atinge a maioridade (facto que nunca lhe permite assistir a filmes para maiores de 17 anos); tem a forma de peixe cabeçudo e vive, durante gerações e reproduz-se na água. Subitamente, certos indivíduos transformam-se em adultos, perdem as guelras e tornam-se anfíbios.

Tratava-se neste caso de neotonia de uma carência de hormonas e uma injecção de extractos de ti-

(Continua na página central)

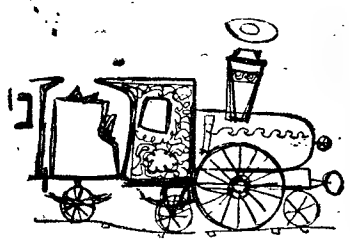


Se descermos, com Dante, ao Inferno da sua Divina Comédia, por entre rolos de fumo e labaredas altaneiras, por entre vapores de enxofre, por entre milhares de almas atormentadas, podemos descobrir duas almas jovens, enlaçadas estreitamente que nem os fogos do inferno conseguem separar. Duas almas diáfanas, transparentes e virginais, comparadas, por Dante com duas «pombas atingidas pelo desejo, asas abertas e imóveis, que voam para o ninho impelidas por um só querer».

Estas almas pertencem a Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, dois jovens cuja paixão, em vida, atingiu uma pureza e transparência e violência incomparáveis e que a morte não logrou separar.

Vamos, com Dante, até ao cenário deste drama medieval, ocorrido em Itália: na verdejante planície do Pó, ergue-se altaneiro, o castelo de Gradara, por sobre a pequenina vila agachada, medrosa, a seus pés. E para lá das suas torres rectangulares, para lá dos grossos muros canelados, para lá da ponte-levadiça, muito para além, a vastidão verde, as ricas terras suavemente corcovadas, a perder de vista até mergulhar, lá longe no espelho

(Continua na 3.ª página)



Pequena biografia dos nossos combóios

por JOAQUIM CAMPINO

Data do ano 1844 a primeira tentativa de construção dos nossos caminhos de ferro com a fundação da Companhia de Obras Publicas que se propunha construir as nossas estradas e vias férreas.

Um ano depois da sua constituição é-lhe concedida a construção da primeira linha férrea nacional no percurso de Lisboa á fronteira espanhola, publicando-se nesse mesmo ano as «Bases para a construção dos Caminhos de Ferro em Portugal».

Esta primeira tentativa havia de falhar, não tanto por lhe faltar os meios financeiros necessários, mas, particularmente, porque se reacenderam no País as lutas políticas e a guerra civil. Só oito anos depois, com a «Regeneração» e sob a interessada direcção de Fontes Pereira de Melo — sem duvida o mais ardoroso defensor dos meios de transporte — os nossos projectos dos caminhos de ferro recebem o impulso necessário e decisivo:

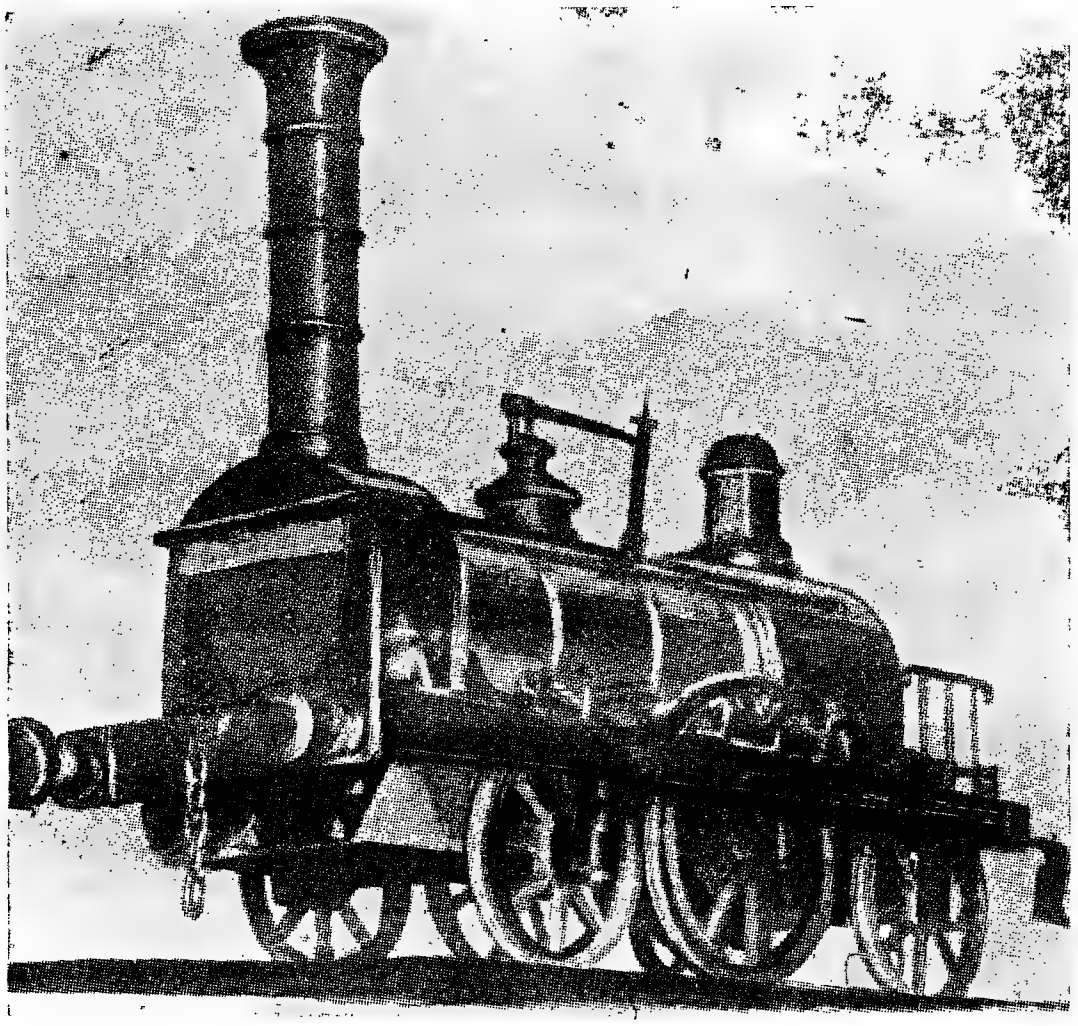
A 6 de Março de 1852, abre-se concurso para a construção da referida linha; e a 10 de Agosto do mesmo ano a concessão é dada ao inglês Hardy Hislop, que representava a Companhia Central Peninsular de Caminhos de Ferro, formada pouco depois com maioria de capitais britanicos e que terá, posteriormente, á sua frente o financeiro português conde de Farrobo.

Extinta esta Companhia em virtude da denúncia do contrato por parte do Estado e malograda a tentativa de sir Morton Pets — outro inglês profundamente interessado nos nossos vários projectos — é, finalmente, criada a Real Companhia dos Caminhos de Ferro (mais tarde transformada na actual C. P.), que foi dirigida pelo capitalista espanhol marquês de Salamanca e onde o capital internacional, particularmente o francês, aparece já em grande força em competição com o britanico.

A 3 de Fevereiro de 1853 é aprovado o projecto da Companhia Peninsular e a 7 de Maio desse ano começam os trabalhos do primeiro troço, Lisboa-Santarém, confiado inicialmente á firma inglesa Waring, Brothers & Shaw. Nestes trabalhos chegaram a ocupar-se mais de dois mil operários, o que significava que a construção das vias férreas era, então, a mais importante actividade industrial do País.

Finalmente, no dia 28 de Outubro de 1856, o rei D. Pedro V inaugurou a primeira linha férrea portuguesa, aberta a exploração entre Santa Apolónia e Carregado numa extensão de 36 quilómetros.

Assim, o primeiro comboio circulou no País 42 anos após George Stephenson conseguir que a sua primeiro locomotiva arrastasse 4 vagões de 30 toneladas na mina de carvão de Willington e bastante depois de circularem na grande maioria dos países da Europa e da América.



Construção ou exploração da primeira linha férrea nos vários países

Inglat.	1821	Dinam	1848
Franç.	1822	Suécia	1849/51
Áustr.	1826	Canad.	1850
E. U.	1829	México	1850
Bélg.	1834/5	Peru	1850
Alem.	1834/7	Chile	1852
Russia	1837/8	fndia	1853
Cuba	1837	Norue.	1853
Itália	1839	PORT.	1853/6
Suíça	1844/8	Egipto	1856
Holan.	1845	Grécia	1857
Espan.	1846/7	Turq.	1857

A actividade e a exploração dos nossos caminhos de ferro não confirmaram todas as opiniões mais optimistas dos seus defensores, mas segundo Oliveira Martins «o fomento das comunicaçõpes, tendo por elemento mais destacado a construção dos caminhos de ferro, foi no terceiro quartel do século XIX, juntamente com a política de créditos, o grande factor de movimento e de vida duma sociedade que teria caido, de outro modo, em pouco sã estagnação».

A fase principal da expansão das nossas vias férreas vai até ao fim do século, data em que quase toda a rede nacional das grandes linhas de ligação estava pràticamente concluida. Desde o seu início até 1880 as nossas vias cresceram, em média, pouco mais de 50 quilómetros por ano.

Com uma extensão de 1.685 quilómetros de rede em exploração, no ano de 1884 os caminhos de ferro transportaram já de mercadorias, 75.926 toneladas, e de passageiros, quase 2 milhões e meio. No ano de 1890 o total da rede em exploração atingia 2.071 quilómetros e transportou 2.316.058 toneladas de mercadorias e perto de 6 milhões de passageiros.

Vencido que foi o período correspondente á crise de 1890 e 1895 e que originou uma redução profunda nas mercadorias transportadas, os nossos caminhos de ferro retomavam a sua marcha progressiva, para no ano de 1900, no total dos 2.356 quilómetros que constituiam as nossas linhas férreas, as mercadorias transportadas subirem a mais de 2 milhões e meio de toneladas e, aproximadamente, 12 milhões de passageiros.

Como fenómeno típico da época da expansão mercantil, a construção e exploração dos caminhos de ferro era uma necessidade absoluta e por isso também no nosso País ele não podia deixar de ter triunfado e de ter constituido mesmo, nesse tempo, o fulcro da nossa actividade material.

Em ALHOS VEDROS o «Diário de Lisboa» é vendido por Manuel de Sousa Melro

CUIDADO!

Aspirina Sim, mas Cuidado! (3)

Neste aspecto de perturbação endócrina, as observações mais extraordinárias foram efectuadas por dois médicos ingleses num jovem que sofria de reumatismo articular , agudo sendo igualmente diabético. Ora o tratamento com a aspirina não só atenuou as anquiloses artríticas como baixou a taxa de açucar no sangue do rapaz!

Muito perturbados, os dois médicos iniciaram a mesma experiência noutros sete diabéticos; interromperam o tratamento de insulina a que estavam sendo submetidos, para lhes ministrar «apenas», comprimidos de aspirina. Com grande admiração verificaram que esta actuava tão bem quanto a insulina. Várias associações médicas requerem um inquérito mais rigoroso que, actualmente se está a efectuar.

Por sua vez e quase simultaneamente, pesquisadores americanos vieram demonstrar que doses diárias de aspirina reduzem a formação de cálculos renais, cerca de 50 por cento. Outros ainda concluiram que a aspirina tem, também, acção benéfica no tratamento de certas doenças da pele.

Em Inglaterra, os drs. James Reid e Sproull, do Conselho de Pesquisas Médicas de Glascow, depois de observarem 35 pacientes, acabaram por afirmar que a aspirina em fortes doses é um bom anti-coagulante e mantem o sangue fluido, até nas pessoas com tendência para tromboses.

Um outro médico americano observou que a aspirina foi espantosamente eficaz em mais de 300 casos de insolação.

A acção desta quase-panaceia sobre o equilíbrio vegetativo é responsável por todos estes sucessos? Não sabemos ainda. Resta-nos esperar o resultado do inquérito que está a efectuar-se.

Mas o que é inegável, pelo menos os médicos o dizem, é que não podemos deixar de notar que as diabetes, a formação de cálculos renais, e até certas doenças da pele estão ligadas, em certa medida, a modificações humorais.

Encontramo-nos aqui num dos postos avançados da medicina onde se prepara, ás apalpadelas, a ciência do futuro.

Um facto, porém, podemos concluir como certo desde já: a aspirina é um medicamento espantoso — *e que ainda não parou, talvez, de espantar...*

QUEM NUNCA TE VIU COIMBRA

Os teus olhos
Quem nunca te viu Coimbra
Rainha do choupal
Menina e moça

7 LEN 3019
A VOZ DO DONO

INTÉRPRETE:

ANGELO FERNANDES

Na solidão pensar em ti anima
ó Coimbra sem par, flor das cidades.
Os rapazes, tão bons nessas idades
(antes que a vida ponha a mão em [cima)
Alegres cantam nos teus arrabaldes

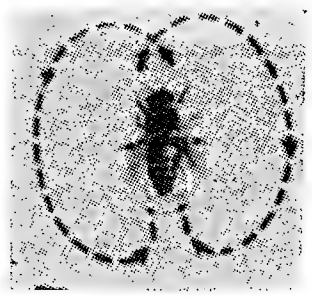
António Nobre «Despedidas»

Cremos que é bem conhecido o facto de os fados de Lisboa e de Coimbra se parecem muito pouco. Separa-os a distancia que vai da Mouraria do Vimioso, dos «cafés de camareiras» e «daquela gente condenada á revelia» até á Universidade veneranda de Luís de Camões e do «doctor eximios». Num, há a poesia acre da viela fatalista; o outro, que nasceu nos passos de Santa Clara, onde um Rei Poeta fazia sofrer docemente uma Rainha Santa, veste-se da prata das noites do Choupal e do oiro do amor-sentimento.

Angelo Fernandes, que interpreta superiormente estes fados de Coimbra, vai certamente ser aclamado pelo publico inteligente como o continuador dos Menanos e Betencourts.

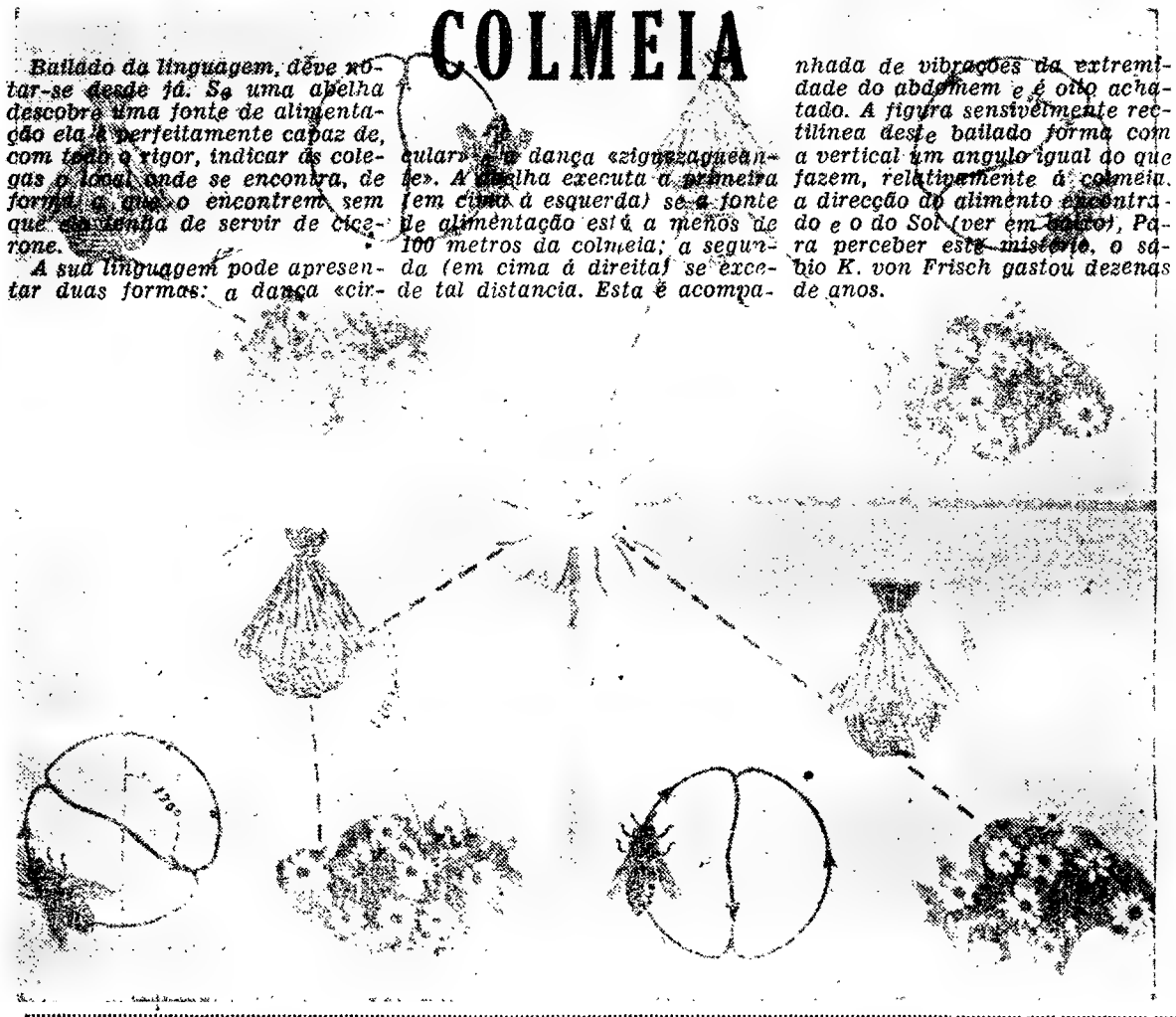
Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Amada, 94 — Lisboa.

O GRUPO DE BAILADOS DA COLMEIA



Bailado da linguagem, deve votar-se desde já. Se uma abelha descobre uma fonte de alimentação ela é perfeitamente capaz de, com todo o rigor, indicar às colegas o local onde se encontra, de forma a que o encontrem sem que ela tenha de servir de cicerone.

A sua linguagem pode apresentar duas formas: a dança «circular» e a dança «zigzagueante». A abelha executa a primeira (em cima à esquerda) se a fonte de alimentação está a menos de 100 metros da colmeia; a segunda (em cima á direita) se excede tal distancia. Esta é acompanhada de vibrações da extremidade do abdomem e é oito achatado. A figura sensivelmente rectilinea deste bailado forma com a vertical um angulo igual do que fazem, relativamente á colmeia, a direcção do alimento encontrado e o do Sol (ver em baixo). Para perceber este mistério, o sábio K. von Frisch gastou dezenas de anos.



O idílio e a tragédia de Paola e Francesca

(Continuação da 1.ª página)

adriático que rebrilha no horizonte...

Foi neste cenário de beleza que, no séc. XIII, viveu Francesca. Natural de Rimini, a cidade marítima dali distanciada uns vinte quilómetros, casou muito nova ainda, com Gianchiotto Malatesta. Casamento sem amor, segundo parece forjado pelo pai de Francesca para pôr fim ás rivalidades entre as duas famílias — Malatesta e Polenta — levaria a jovem noiva para ocastelo altaneiro. O marido, desgracioso e doentio, tinha um irmão de tão grande beleza que lhe valeu a alcunha de o «Belo». Não seria a beleza que fez notar este jovem da idade de Francesca. Ele era, além disso, meigo, sonhador e tímido... mas nunca pela cabeça lhes passou atraiçoar a honra de Gianchiotto. Os dois jovens tinham o mesmo gosto de percorrer, sem fim, as muraihas do castelo e olhar a pradaria estendida a seus pés e remirar o espelho longínquo das águas; ambos gostavam de ler romances de cavalaria, incendiados de coragem, de valentia, de amores inflamados de damas raptadas...

Uma tarde, talvez o Sol se pusesse nesse momento incendiando o céu e a terra, Paolo lia em voz alta a história sempre viva de Lançarote. Por várias vezes esta leitura lhes atraira os olhos um para o outro: «...e quando o sorriso da rainha Guenievre fora beijado pelo amante...» então, Paolo, trémulo, beijou os lábios de Francesca. E nesse dia nada mais leram. A chama, porém, estava acesa. Nada poderia, agora, apagá-la, ou mesmo apenas ensombrá-la. Embora lutassem para abafar aquela paixão veemente, embora procurassem vencê-la, para se vencerem—o amor que os devorava era mais forte que a vontade de ambos. Todas as noites, Paolo vinha encontrar-se com a sua bem-amada. Tomava mil precauções, tinha o escuro por cumplice, por ajudante uma escada de corda e um alçapão aberto no soalho do quarto de Francesca. Mas uma noite—Gianchiotto já andava desconfiado, a felicidade é dificil de esconder — o marido entrou no quarto. Enlouquecido pelo ciume, de espada em punho, lançou-se sobre o irmão que tentou fugir. Em vão. Paolo é forçado a defender-se. E Francesca, para evitar aquele duelo fratricida e defender o amado, lança-se entre os dois irmãos desavindos pelo mesmo amor. Neses momento, a espada de Gianchiotto, de um só golpe, ligou Paolo e Francesca, num abraço para toda a eternidade...

A escada cumplice de Paolo ainda lá está; também o bau dos vestidos de Francesca e o guarda-jóias que dir-se-ia acabou de ser remexido pelas jovens mãos apaixonadas. E há quem diga que, nas noites de luar, duas almas por ali vagueiam, transparentes e leves, enlaçadas, saudosas de uma felicidade tão cedo destruida, mas bendizendo a morte que os levou no mesmo instante, unidos num só abraço permitindo-lhes um amor que, em vida, lhes era interdito.

E outros pares de amorosos por ali passam, na simples curiosidade de ver as muralhas onde Paolo e Francesca passearam, os vestidos que ela vestiu, o quarto onde dormiu para sempre... O amor é de sempre. E uma coisa bela. Desde que o Mundo é Mundo eles e elas amaram-se, deram filhos ás vindouras gerações de apaixonados. Na maioria dos casos, estes amores não pertencem á História. Pertencem áqueles de quem a história e a lenda, ao mesmo tempo, se apossaram. E depois de apanhados pela história e a lenda, os poetas e os musicos, os dramaturgos e os romancistas tornaram-no imortal. De tal maneira que nem podemos dizer, á distancia, o que é verdade e o qu e é ficção. De resto, nem interessa. Interessa saber que, perturbadas ou convulsas as épocas em que viveram, perseguidos ou não por preconceitos familiares, escorraçados da sociedade ou acalentados por ela — o amor ficou como uma realidade que, no fim de séculos, nos faz humedecer os olhos quando pensamos em Romeu e Julieta, em Tristão e Isolda, em Ulisses e Penéplope, em Heloisa e Abelard, em Laura e Petrarca, em Dante e Beatriz...

CH-0459

CAFÉ HAG

1º Qualidade

2º — 1 [illegible] em cada 5 latas de CAFÉ HAG SOLÚVEL

O destino que vão dar à Lua...

Os magnates americanos possivelmente já pensaram em instalar na Lua potentes electroreclames para anunciar máquinas de fazer a barba ou cigarros com filtros absorventes das nicotinas.

(Continuação da 1.ª página)

O jornalista Manuel do Nascimento responde á nossa pergunta:

— Que pensa dos «Luniks»?...

— A pensar de coisas da Lua ou com ela ligadas — responde-nos — considero os «Luniks» como uma das grandes etapas da Humanidade. A precisão científica dos foguetões lunares demonstra que o homem pode chegar muito longe... mesmo mais longe do que actualmente se espera e demonstram também que só um trabalho de equipa em condições excepcionais pode levar os cientistas e os técnicos a grandes realizações. Creio, ainda, que o alcance científico da viagem do «Lunik II» está para além de tudo o que se possa imaginar.

MANUEL DO NASCIMENTO

— O que pensa das viagens interplanetárias?

— Pro enquanto nada. Mas se me fosse possível equacionar, diria: o mesmo que o homem comum de 1500 pensava dos descobrimentos marítimos. O Mundo virou, ou melhor, estamos numa viragem de todas as coisas, mesmo de todos os interesses. Nunca pensei ir á Lua, talvez por comodismo. Sinto, contudo, que tanto este como os outros astros serão um bom campo de experiências para a Humanidade.

— Qual acha que seja o destino a dar á Lua, uma vez atingida pelos homens?

— Você põe-me em face de um problema em que eu ainda não tinha pensado. Se destino se entende como «fado», ela seguirá o seu fado que é o de canção de horas mortas. Continuará a servir de pano de fundo aos poetas dos versos impossíveis, aos namorados que procuram os bancos do jardim e aos contemplativos para em noites de Agosto andarem de nariz no ar. Mas poderá servir para muito mais... Será um admirável ponto estratégico para os lunáticos que só de lá poderão ver bem a figura que outros lunáticos fazem cá na Terra. Os magnates americanos possivelmente já pensaram em instalar na Lua potentes electroreclames para anunciar máquinas de fazer a barba ou cigarros com filtros absorventes das nicotinas; os hoteleiros sonharão com grandes hoteis; os agentes de viagens baterão-se para conseguir o exclusivo; os belicistas farão planos á mesa de «café» que começarão assim: quem tiver o domínio da Lua terá o domínio do Mundo... Se destino pretender significar tragédia, entendo que a pobre não contrariará aquelas leis da gravitação universal, os princípios de Keppler, sei lá... A minha física já deve estar muito desactualizada.

— «O que desde já lhe posso afirmar é que a grande viagem dos Russos serviu, pelo menos, para dar á Imprensa de todo o Mundo, á procura de sensação a todo o preço, assunto para renovar as páginas um tanto standardizadas das suas colunas impressas já muito batidas com assuntos pré-fabricados e demasiado sabidos...».

«Com respeito aos foguetões cósmicos, lembram-me as barracas de tiros das feiras, onde as meninas covidam o passeante a vir dar um tirinho.

Com os seus setenta anos sempre jovens, dr Ramada Curta recebeu-nos e disse-nos o seguinte a respeito do assunto para o qual o abordámos:

— Essas experiências têm a vantagem, a capacidade de mostrar como os conhecimentos científicos estão em progresso.

«Utilidade não têm nenhuma. A ideia de ir a qualquer planeta, satélite ou não, é uma maluquice que confina com a esquizofrenia. A vida humana e até mesmo a simples vida é incompatível com as condições conhecidas dos astros planetas sem atmosfera ou com atmosfera de anidrido carbónico e doutros gases, e com temperaturas que vão desde o zero absoluto até muito acima da água a ferver.

«Isto mostra-nos que os homens endoideceram. Chega a haver mulheres com filhos pequenos que se declaram orgulhosas por terem os maridos e pais dos filhos dispostos a serem astronautas.

«Quanto a mim mereciam essas mães e esposas ser presas

«Com respeito aos foguetões cósmicos, lembram-me as barracas de tiros das feiras, onde as meninas convidam o passeante a vir dar um tirinho.

«Como manifestação de saber daqueles que acertam, isso é um trunfo humano. Mas, ir lá, pensar nisso, é uma estupidez ou uma loucura. E uma das coisas que eu mais

DR. RAMADA CURTO

admiro é a estupidez, sobretudo a estupidez dos homens inteligentes... porque há dessa».

O Mistério do Cavaleiro

POR **ALFREDO BRAZ**

E' certo que a moda na França de Luis XV, onde os cortesãos usavam sapatos de salto alto, rendas e perucas empoadas, era de molde a alimentar certos equivocos. Mas a estranha carreira do célebre cavaleiro D'Eon, guerreiro, diplomata e... «dama de honor», excede tudo o que até hoje se conhece em matéria de «confusão de sexos».

No registo de D'Eon, nascido em Tonnerre, a 5 de Outubro de 1728, consta que ele foi o filho — não a «Charles. Geneviève, Louis, Aumont, intendente dos feudos privados do rei. Contudo, uma miniatura anónima existente no «Cabinet des Estampes» deixa subsistir a duvida sobre o sexo do misterioso cavaleiro. Não que seja possível tirar qualquer ilação do seu belo e delicado rosto, sexualmente neutralizado pela «maquillage» do século XVIII, mas antes por causa da inscrição da referida estampa, que convém transcrever «in extenso»: «Charles. Geneviéve. Louis. Auguste. César. André, Timothée DEON DE BEAUMONT. «Née» a Tonnerre. Ancien advocat au Parlament. Censeur Royal, Capitaine de Dragons, Chévalier de Saint-Louis, Ministre Plénipotentiaire de France à la Cour d'Angleterre».

Não vale a pena traduzir todos os nomes e títulos, porque nenhum deles pode identificar o sexo do seu possuidor. Também o facto de o nosso herói ostentar, entre tantos outros, o nome de «Geneviève» nada significa, porque um cavalheiro desse tempo podia muito bem chamar-se «Genoveva», tal como um cidadão de hoje pode chamar-se José Maria. A história de França dá mesmo notícia de um hirsuto guerreiro que se chamava «Ana» de Montmorency, e era condestável. Só interessa, pois, assinalar a tradução da palavra «Née» (nascida), em vez de «Né» (nascido). Quer dizer, um homem — admitamo-lo de momento — que foi todas essas coisas que ali se dizem, entre elas capitão de dragões, «nascida» em Tonnerre.

Esta confusão sobre o sexo de D'Eon principiou quando Luís XV teve a ideia de utilizar as qualidades do jovem cavaleiro numa audaciosa manobra diplomática. A França estava então envolvida na guerra dos Sete Anos, em que a Inglaterra e a Prussia lutavam aliadas contra a França e a Austria. As relações diplomáticas entre as cortes francesa e russa encontravam-se interrompidas e o chanceler Bestuchev, valido da Imperatriz Isabel, detestava a França e vigiava para que nenhum diplomata dessa nação pudesse aproximar-se da soberana. Ora D'Eon, a despeito da sua perícia nos exercícios de cavalaria e no manejo das armas, possuia uma figura franzina, um rosto imberbe de feições delicadas e, o que era ainda mais importante, um marcado talento de intriguista. E assim, de conivência com o astuto monarca francês, logrou apresentar-se na corte russa metamorfoseado em mulher e ser admitido no palácio imperial como «dama de honor». Consta mesmo que o «cavaleiro-donzela» de tal modo soube conquistar a simpatia e a confiança da imperatriz que teria logrado, graças a algumas intrigas bem urdidas, derrubar o ministro Bestuchev. O certo é que quando D'Eon se apresentou de novo na Russia, desta vez com trajes masculinos e invocando a sua qualidade de irmão da terna donzela que havia sabido ganhar a amizade de Isabel Petrovna, já pôde dirigir-se ao novo ministro Woronzov, conhecido pelas suas tendências francófilas. O enviado francês foi recebido em audiência solene pela imperatriz, que decerto o achou muitíssimo parecido com a irmã, e as relações entre a França e a Russia foram reatadas.

Ao regressar o jovem cavaleiro a Versailles, após tão retumbante êxito, o «roi bien aimé» — assim

Costa Cabral
e o caminho de ferro

Dias depois da célebre travessia de Nova York a Albany, através do Hudson, encontrava-se Fulton sob o convés do seu «Clermont» fazendo os preparativos para o regresso, quando um desconhecido, subindo a bordo, se lhe dirigiu perguntando:

— Vai para Nova York com o seu barco?

— Vou sim — respondeu Fulton.

— Então não se importa de me levar como passageiro até Nova York?

— De modo algum, uma vez que está disposto a correr os mesmos perigos que nós.

— E quanto me custa a viagem? — inquiriu o desconhecido.

— Seis dólares — respondeu Fulton, depois de alguns momentos de hesitação.

— Aqui os tem — replicou o passageiro estendo-lhe a importancia pedida.

Fulton contemplou durante alguns momentos em silêncio as moedas que acabava de receber.

— Não foi o que me pediu? — perguntou o passageiro que julgou ter-se enganado.

— Foi — respondeu Fulton, de lágrimas nos olhos. — Desculpe, mas estava a pensar que estes preciosos seis dólares são precisamente a primeira recompensa que recebo dos meus longos anos de estudo sobre a navegação a vapor. Gostaria de os poder gastar consigo a comemorar o facto, mas sou demasiado pobre para me poder dar a esse capricho.

E dizendo isto abraçou comovidamente o primeiro passageiro do seu barco — o primeiro que navegou a vapor sem incidentes e a pleno rendimento.

J. C.

O perigo das grandes velocidades...

Costa Cabral foi o iniciador dos caminhos de ferro, principal instrumento com que depois se operou a restauração da riqueza nacional; e a sua ideia de construir uma linha entre o Porto e Lisboa e outra de Lisboa a Badajoz era considerada pelos políticos da oposição a doidice de um vidente. O conde de Lavradio, na Camara (sessão de 3 de Fevereiro de 1846) assegurava que entre Lisboa e Porto não haveria, ao ano, mais de seis mil passageiros; e Cabral perguntava-lhe: «E se forem trezentos mil? — Isso não é possível, porque não há no País viajantes para tanto movimento».

Oliveira Martins, «Portugal Contemporaneo».

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas até aviso em contrário.

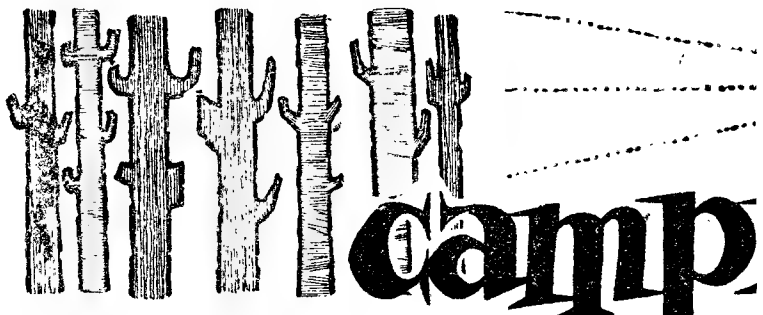
O primeiro passageiro

Foi em 1837 que em França pela primeira vez um comboio fez o percurso de Paris a Saint-German num total de 18 quilómetros.

O acontecimento foi memorável, pois, a distancia foi percorrida á velocidade «impressionante» de 41 quilómetros á hora, isto é, gastaram-se nada mais nada menos do que 28 minutos na viagem!

Esta velocidade foi, então, considerada uma verdadeira loucura e a viagem levantou a opinião pública em França e a tal ponto foi considerada perigosa que «o rei Luís Filipe e os seus filhos não participaram na viagem inaugural para evitar que arriscassem a vida em tal aventura».

Sim, porque a preciosa vida do rei e dos seus descendentes não podia correr o perigo de desintegração dada a velocidade vertiginosa prevista...



Por FERNA

O CAMPISMO *português atingiu a sua fase de maior expansão nos anos de 1944 a 47, vivendo uma época plena de actividades.*

Quando, mais tarde, surgiu a Federação Portuguesa de Campismo (imposta pela organica do desporto português) o numero de filiações crescia desmedidamente, exigindo enorme esforço para manter um impecável movimento de secretaria que a todos atendesse.

A par disso, começou a subida das escadarias ministeriais... Urgia obter terrenos para acampar, parques de campismo bem apetrechados, permanência nas matas-nacionais.

O crescimento dos campistas obrigava necessáriamente a criar-lhes condições para as suas actividades, a oferecer-lhes vantagens para a sua «carta de campismo» (então tornada obrigatória).

— Foi esse então, um mal do crescimento...

NÃO *exageremos... Todavia, convém que te explique, que muitas vezes os esforços dos dirigentes não eram compreendidos: nem pelos poderes publicos, nem pelos próprios campistas.*

Vencer a rotina, sempre foi entre nós, coisa difícil. E neste caso, pedirem-se parques de campismo, era como que pedir a Lua ou o Sol. Depois, há sempre a parte burocrática a vencer, há sempre os papéis que vão amarelecendo sobre as secretárias...

A grande primeira conquista da Federação, foi conseguir obter para os seus filiados a autorização de acampamentos nas matas-nacionais. A «carta de campismo» começava a ser um documento com validade!

Depois, as abordagens ao S. N. I. foram muitas e constantes. Interessava a construção de parques organizados, com boas instalações sanitárias, com água abundante, campos para jogos, etc.

Coube, no entanto, ao Clube de Campismo de Lisboa, montar, com

D'Eon

chamado, não pelo amor do seu povo, mas pelo exorbitante numero das suas amantes — deu-lhe uma boa recompensa e pretendeu continuar a aproveitar-lhe os dotes diplomáticos. D'Eon, porém, talvez receoso de ser destacado como «dama de honor» para qualquer outra corte da Europa, optou por um «intermezzo» guerreiro e distinguiu-se pela sua bravura nos campos de batalha. Por fim teve D'Eon que resignar-se a aceitar o cargo de secretário da embaixada francesa em Londres, onde o duque de Nivernais estava incumbido de acabar com a funesta guerra dos Sete Anos. A tarefa do secretário não era menos difícil que a do ministro e de tal maneira dela se desempenhou D'Eon que breve o nomeavam ministro residente.

O jovem diplomata representava em Londres a política pessoal e secreta de Luís XV, mas a poderosa madame Pompadour, pouco confiada nas qualidades intelectuais do seu augusto senhor, fez enviar a Inglaterra um embaixador oficial, o conde de Guerchy, homem mediocre e sem iniciativa. Não tardou muito o rompimento entre o novo embaixador e o seu ajudante, que passaram a digladiar-se ferozmente para gáudio da corte inglesa.

Luís XV, receoso de que a sua política subterranea chegasse ao conhecimento do Governo britanico, tanto mais que sabia ter este oferecido a D'Eon um milhão e duzentas mil libras pelos documentos secretos em seu poder, chegou a pedir a extradição do diplomata. A corte inglesa, interessada e divertida com a luta entre os dois franceses, respondeu que as leis do país a impediam de satisfazer o pedido do rei de França. Então Luís XV entrou em negociações com o rebelde e ofereceu-lhe doze mil libras de pensão anual, caso ele acedesse a contemporizar com o em-

(Continua na 7.ª página)

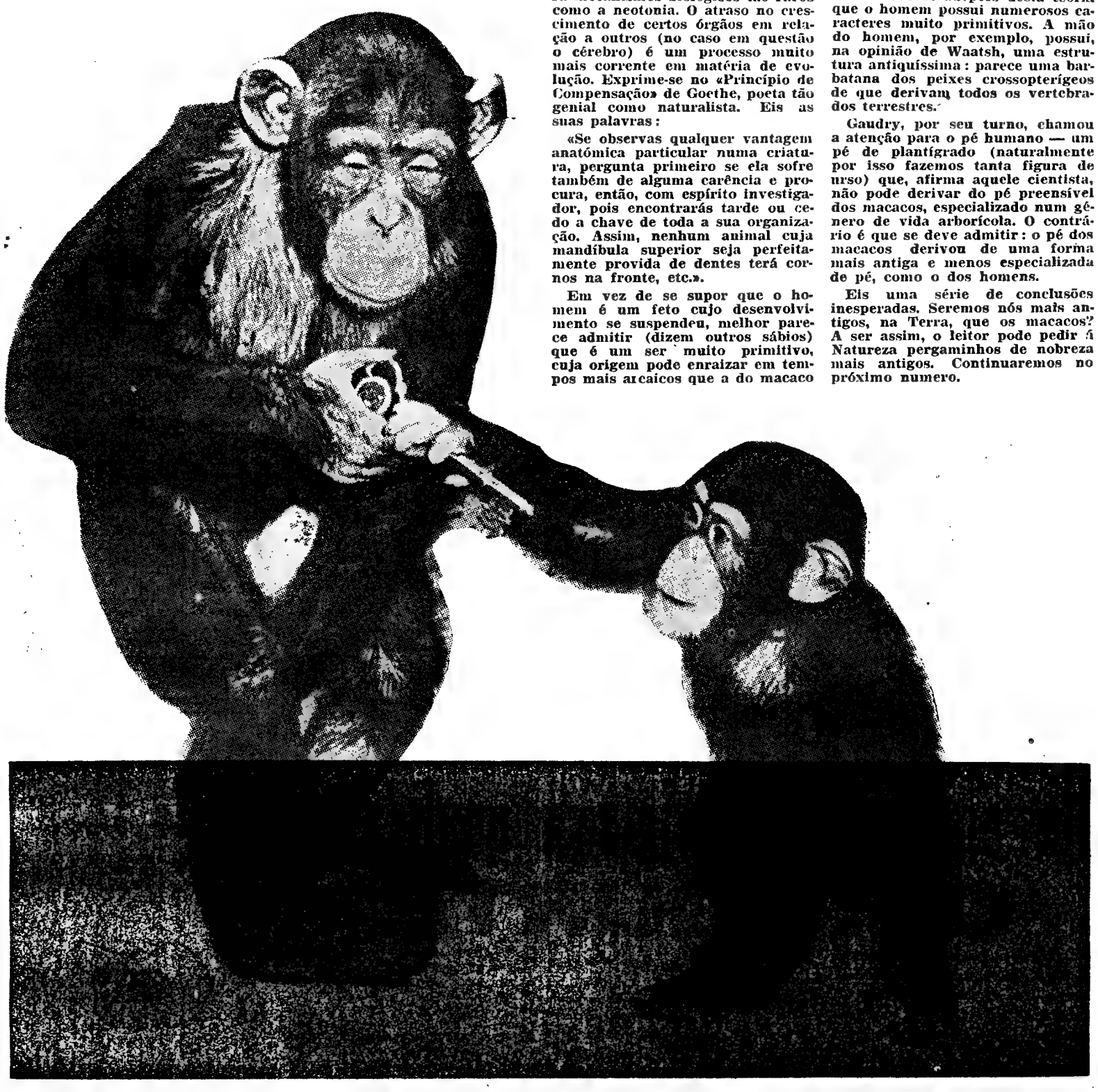
O HOMEM VEIO DO MACACO OU O MACACO VEIO DO HOMEM?

(Continuação da 1.ª página)

roideias tornava os mancebos nuns homenzinhos.

Tal seria segundo Bock, o caso do homem. Mas quê? O leitor já descobriu? Não é possível E eu digo «dentes de siso» só tarde ou nunca surgem.

2.º — Na nossa espécie a soldadura dos ossos do cranio faz-se muito depois de, nos animais, já haver terminado.



O homem é um ser muito primitivo

Não é indispensável, para explicar a origem do homem, apelar para mecanismos biológicos tão raros como a neotonia. O atraso no crescimento de certos órgãos em relação a outros (no caso em questão o cérebro) é um processo muito mais corrente em matéria de evolução. Exprime-se no «Princípio de Compensação» de Goethe, poeta tão genial como naturalista. Eis as suas palavras:

«Se observas qualquer vantagem anatómica particular numa criatura, pergunta primeiro se ela sofre também de alguma carência e procura, então, com espírito investigador, pois encontrarás tarde ou cedo a chave de toda a sua organização. Assim, nenhum animal cuja mandíbula superior seja perfeitamente provida de dentes terá cornos na fronte, etc.».

Em vez de se supor que o homem é um feto cujo desenvolvimento se suspendeu, melhor parece admitir (dizem outros sábios) que é um ser muito primitivo, cuja origem pode enraizar em tempos mais arcaicos que a do macaco e até de todos ós mamíferos em geral.

Mais uma hipótese, claro, esta do homem mais antigo na Terra do que todos os mamíferos.

Afirmam os adeptos desta teoria que o homem possui numerosos caracteres muito primitivos. A mão do homem, por exemplo, possui, na opinião de Waatsh, uma estrutura antiquíssima: parece uma barbatana dos peixes crossopterígeos de que derivam todos os vertebrados terrestres.

Gaudry, por seu turno, chamou a atenção para o pé humano — um pé de plantígrado (naturalmente por isso fazemos tanta figura de urso) que, afirma aquele cientista, não pode derivar do pé preensível dos macacos, especializado num género de vida arborícola. O contrário é que se deve admitir: o pé dos macacos derivou de uma forma mais antiga e menos especializada de pé, como o dos homens.

Eis uma série de conclusões inesperadas. Seremos nós mais antigos, na Terra, que os macacos? A ser assim, o leitor pode pedir á Natureza pergaminhos de nobreza mais antigos. Continuaremos no próximo numero.

ismo

ANDO DE ALMEIDA

os seus próprios recursos e o esforço enorme dos seus associados, os dois primeiros parques de campismo portugueses: um em Carvalhos (que foi recentemente assaltado e destruído pelo novo proprietário daquele terreno) e o da Costa da Caparica, que vem funcionando eficientemente.

Mas isto é já a história dos nóssos dias...

FABRICAMPO L.DA
Avenida Almirante Reis, 50-A

go que não é possível por isto: o sr. Bock arranjou esta ideia esquisita: «nós somos um feto de macaco nascido antes do tempo e que sentindo-se bem disposto na sua situação de feto, acabou por assentar arraiais. Depois, invulgarmente precoce, acabou por reproduzir-se».

Parece a letra de um fado.

Como defendia o sábio a sua hipótese?

Com várias observações muito convincentes:

1.º — A dentição completa, tanto nos primatas como restantes mamíferos, coincide sempre com a puberdade. Ao contrário, nos homens

3.º — Os pêlos ficaram, no homem, em estado embrionário.

4.º — O macaco começa por ter (em pequeno) um cranio redondo que se alonga com a idade; entre nós, a evolução faz-se em sentido um pouco inverso.

Será legítima a hipótese? Por que explicar a nossa tragédia de seres humanos á luz de espécies animais que sofrem metamorfoses, como é o caso dos batráquios? E' verdade que nós também sofremos metamorfoses, sobretudo as que se designam com o poético título de viragem de casaca; mas trata-se de fenómenos muito diferentes.

Nélita

quer dormir descansada

A primeira vez que a mãe da Nélita saiu á noite e a deixou entregue á avózinha para a deitar, a pequenita chorou e passou uma noite bastante agitada. Mais vezes aconteceu o mesmo, e a mãe acabou por compreender que a Nélita se convencia de que a mãe não ficava de noite em casa, visto que a não via entrar, por já estar a dormir.

Para evitar semelhante equívoco que tanto fazia sofrer a sua pequenina, a mãe saiu algumas vezes após o jantar mas sem se demorar, regressando quando a menina ainda não estava adormecida. Desta maneira a Nélita, convenceu-se de que embora a mãe saísse á noite com o pai voltava sempre e, como de costume, dormia no quarto ao lado do seu. Assim, sempre que era necessário, passou a ir para a cama acompanhada pela avozinha, sem protestos, e adormecia descansada.

O QUE FICOU POR LER

DA RÚSSIA...

A quadragésima

● Abriu com 325 estudantes a universidade estatal de Novossibirque — a 40.ª da União Soviética.

Diamantes frescos

● No extremo norte soviético, no rio Anabar, uma expedição do Instituto de Geologia do Arctico descobriu um novo jazigo diamantífero que vai juntar-se ao já descoberto no rio Vilgniche.

Desenhos duradouros

● Na Quirguízia meridional, nas Montanhas de Samaly-Tacs, a 3 mil metros de altitude, descobriram-se 42 mil desenhos gravados na rocha e representando cenas de caça, veados, serpentes, etc.

Os desenhos que parecem ter sido feitos por povos oriundos da India, datam de dois mil anos antes de Cristo.

DE ITÁLIA...

Diz respeito a Portugal

● Na Imprensa italiana afirma-se a criação, em Portugal, de uma industria de automóveis que, associada a «Alfa-Romeo», tomaria o nome de *F. A. P.* (Fábrica de Automóveis Portugueses).

Medidas

● A Procuradoria da Republica formou uma comissão de magistrados para estudar as providências a tomar nos casos de turbulência juvenil. A Comissão já terminou os seus trabalhos, mas guarda-se sobre estes reserva absoluta.

PARA COMER

Photo Roger Monnet

Um alimento de primeira qualidade: O IOGURTE

«O iogurte é um alimento vivo que combate a fadiga e o envelhecimento devidos aos micróbios intestinais parasitários que provocam envenenamentos crónicos do intestino grosso» — tais são as palavras do professor Metchnikoff, laureado com o Prémio Nobel da Medicina.

Estará o iogurte na origem da longevidade dos Bulgaros, os mais antigos e os seus maiores consumidores?

Os camponeses bulgaros preparam o iogurte com leite de ovelha, fervente, deitando-o em terrinas de grés misturando este leite com fermento bulgaro e mantendo o recipiente á temperatura necessária, envolvendo-o, durante a noite, em panos de lã. De manhã desembrulham as vasilhas e põem-nas ao fresco. Auxiliados pelo longo hábito, eles fabricam assim um excelente iogurte.

Em França, o consumo de iogurte é cada vez maior: sobremesa de todas as idades, com açucar ou sem ele, perfumados ou não, com doce ou sem doce, com mel ou sumo de frutos.

Também no nosso País se verifica, cada vez mais acentuado, este hábito. Contudo, não está espalhado como seria para desejar, pelo preço do iogurte que representa uma quebra no orçamento familiar.

Para olhar á economia doméstica, há que fabricar o iogurte em casa. O que é simples e muito económico. Encontram-se á venda vários aparelhos para fabricação do iogurte.

Pensando nos benefícios do iogurte — o «brevet» de longa vida, como os Franceses já lhe chamaram — vale a pena o sacrifício dessa despesa que, de resto se faz uma só vez, sendo depois imediatamente compensada pela economia do consumo.

Para fazer um bom iogurte

Como em tudo, para se sair bem, minha senhora, alguns princípios terá de observar:

1.º — É indispensável a mais escrupulosa higiene na preparação do iogurte, e as vasilhas devem seh esterilizadas;

2.º — O modo de emprego do aparelho deve ser seguido á risca, lendo com atenção as instruções juntas. Nada de invenções que quase sempre saem mal. Nos aparelhos eléctricos, deve olhar-se ao tempo de trabalho, desligando imediatamente após esse tempo;

3.º — Qualquer leite serve, desde que seja fervido, esterilizado, completo, parcialmente ou inteiramente cremoso (para os hepáticos e os regimes de emagrecimento), concentrado ou em pó;

4.º — Se gosta do iogurte expesso, deixe ferver cerca de 1/4 de hora;

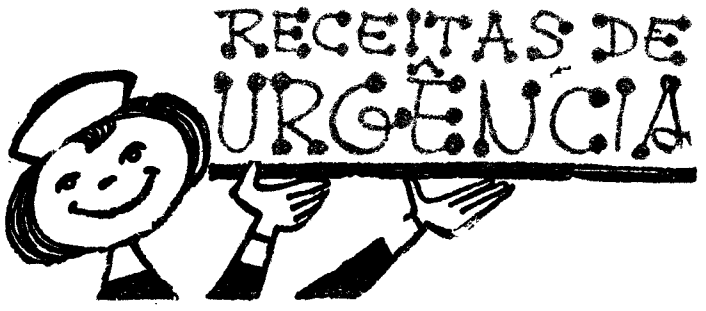
5.º — O fermento deve ser fresco. Com facilidade se encontra nas farmácias. Deve ser utilizado imediatamente. Em seguida, deitar-lhe dentro um pouco do iogurte anterior (quando preparar, pense logo em deixar 2 ou 3 colheres de café para a vez seguinte. Mas não usar como fermento um iogurte com mais de 8 dias;

6.º — Com o fermento bulgaro que tiver comprado, é necessário renovar esta utilização todos os meses ou, o que é melhor ainda, todos os 15 dias; obter-se-á, assim, um produto de qualidade;

7.º — Conservar os boiões de iogurte em sitio fresco, pois os fermentos não são atingidos pelas temperaturas baixas. Deixá-los ao abrigo de cheiros e longe das moscas. Os boiões tapados evitam estes inconvenientes;

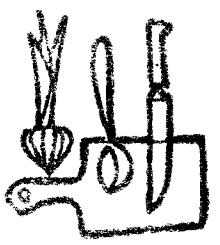
8.º — Consumir, não gelado, mas fresco para os adultos; e á temperatura ambiente para as crianças.

RECEITAS DE URGÊNCIA



«FLAN» DE MAÇAS (COM LEITE CONDENSADO)

Para 6 pessoas: Para forrar a torteira: 200 gramas de farinha, 100 de manteiga ou margarina, meia colher de sal, 1 colher de sopa de



açucar, meio copo de água (mais ou menos), 500 gramas de maçãs.

Para o creme: 2 colheres de sopa de farinha, 2 de açucar, 3 ovos inteiros, 2 gemas, meia lata de leite condensado açucarado, 4 colheres de sopa de água.

Preparar uma pasta, juntando todos os elementos primeiros e misturando grosseiramente e muito de-

pressa (quanto menos se mexer a massa melhor). Forrar uma torteira. Dispor as maçãs de maneira regular e bem apertada, deitar por cima a seguinte composição: desfazer a farinha e o açucar, os ovos inteiros e as gemas. Juntar á mistura o leite e água morna. Deixar cozer em forno brando. Come-se frio ou quente.

ESCALOPES DE PORCO

Cortar os escalopes com cerca de 150 gramas. Ponha num prato contendo 50 gramas de manteiga e 125

de toucinho magro cortado em pedaços pequenos. Levar ao lume por instantes, apenas; temperar com sal e pimenta, 4 colheres de vinho branco seco. Tapar a vazilha e deixar estar em lume brando cerca de 15 minutos. Tirar os escalopes e juntar ao molho duas colheres gran-

des de pão ralado, 4 de sumo de tomate e voltar a pôr a carne neste molho e levar ao lume durante 5 minutos. Colocar os escalopes na travessa e deitar no molho o sumo de meio limão. Servir quente.

SOPA DE TOMATE COM TAPIOCA

4 cebolas grandes, 6 tomates cortados em pedaços, 1 litro e 3/4 de água para 4 pessoas. Sal e pimenta.

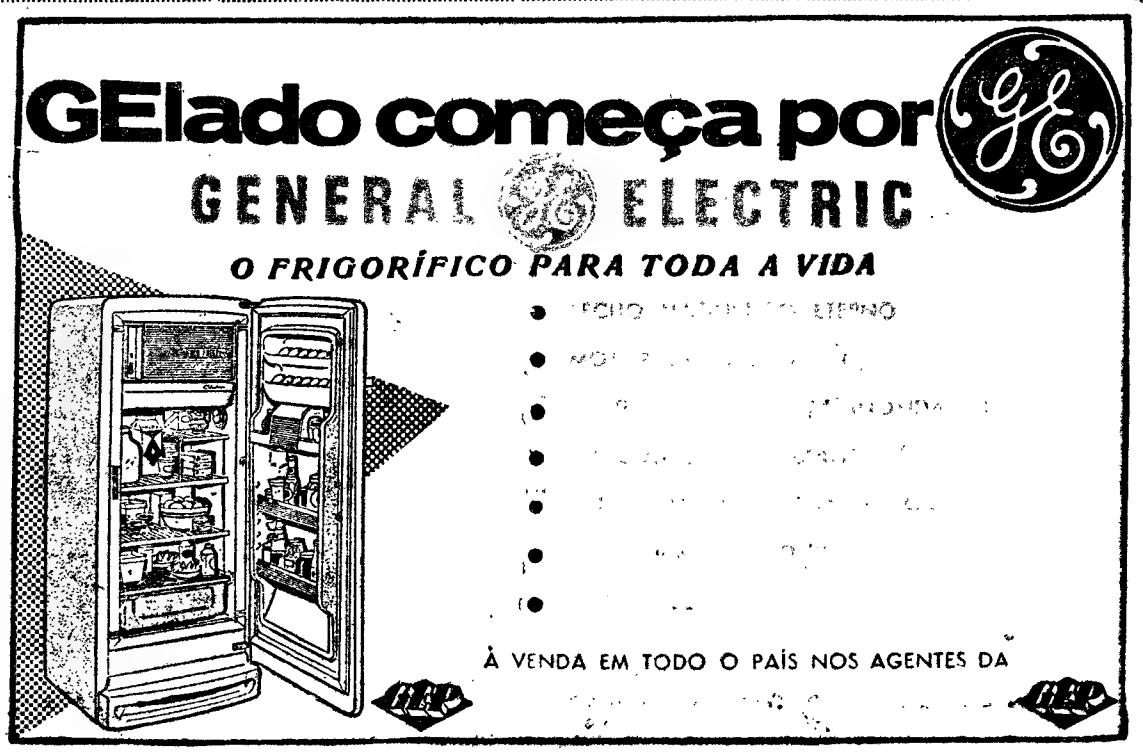
4 colheres de sopa de tapioca.

Cortar as cebolas ás rodelas e levar a alourar com azeite. Quando louras, deitar o tomate em pedaços e deixar ferver durante 15 minutos. Salgar e apimentar ao paladar. Passar pelo passador. Levar ao lume novamente e estando a ferver, deitar com cuidado a tapioca, para não criar grumos. Re-

tirar um pouco do lume para esta operação e voltar a lume brando mexendo sempre, durante 20 minutos. Juntar uma colher de natas ou na falta destas um pouco de leite.

O LEITE CONDENSADO

Ao pequeno almoço, no café do meio-dia, para o lanche das crianças e dos trabalhadores o leite condensado revela-se muito prático tanto para a cozinha como para a confecção de sobremesas, bolos, «bonbons» que ele enriquece com o seu valor energético e sabor cremoso.



PEQUENA ANTOLOGIA DO FANTÁSTICO E DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Stefan Wul é, sem duvida, o «grande caso» da ficção científica francesa. Mordaz e irónico, por vezes de uma violência inaudita, é especialista nos fins inesperados. Consegue transpor as situações mais absurdas para um ambiente aparentemente normal, servindo-se desse jogo de posições para uma virulenta crítica á sociedade actual.

Este conto é típico dessa sua peculiar ironia. Encontramos aqui a sátira á sabedoria dos grandes conhecedores da arqueologia, que se atribuem uma completa infalibilidade de conhecimentos.

Por STEFAN WUL

A PERITAGEH

O antiquário deu duas ou três voltas em torno da coisa. Ansioso, o marítimo amachucava o boné nas mãos, balançando-se ora num pé ora noutro. O antiquário deu-lhe uma olhadela, beliscou a bochecha e suspirou:

— Disse que trouxe isto de...

— Da Terra — concluiu o marítimo. — É um objecto de arte, não é verdade? Deve valer um dinheirão!

O antiquário olhou-o severamente:

— Sabe que a importação de objectos terrestres é proibida sem uma licença especial.

O homem do espaço balançou-se ainda mais.

— Pensei que poderíamos chegar a um acordo.

— Faz-me correr um grande risco.

Sentindo que o seu eventual comprador se desinteressava, o marítimo apressou-se a espevitá-lo.

— Não tenha receio — disse, piscando o olho. — Se este objecto estivesse radioactivo, eu já estaria morto há muito tempo.

— Não falo disso — disse o comerciante, — mas das sanções em que eu poderei incorrer por detenção de um objecto não declarado.

O marítimo tomou um ar lúgubre; sentia fugir-lhe o negócio. Uma grande cólera se apoderou subitamente dele. Apontou com um dedo para a coisa.

— Isto vale um dinheirão! — repetiu. — E vou dizer-lhe porquê. Porque o senhor não sabe o que é.

Apontou sucessivamente para vários objectos nas vitrinas:

— Um vaso de Horb, um esqueleto de macaco de Urano, um peitoral venusiano, um colar sidariano em dentes de Krótang, um plano...

— Piano — corrigiu o antiquário.

— Como queira, uma coisa de fazer musica dos tempos antigos! Não me lixe... Caixas de conservas em ferro, um lança-raios de abordagem...

O comerciante acalmou-o com um gesto.

— Já sei, já sei; não vale a pena fazer um inventário da minha loja. Onde quer chegar?

O marítimo ficou um momento de dedo no ar, boca aberta, com o fio das ideias perdido pela interrupção. Depois, tocando duramente com o indicador no peito do seu interlocutor, continuou:

— ...A isto! Quero chegar a isto. Tenho visto muito e conhecido muita bugiganga nas minhas viagens, mas como este — e bateu com a mão no objecto misterioso —, nunca vi nenhum.

Virou-se subitamente para o outro e disse-lhe, mesmo junto ao nariz:

— E você também não! Não pense que me enfia o barrete. Que é isto, ein? Vá, diga lá!

— Mas... — gaguejou o comerciante — ...um móvel... uma cadeira metálica meio partida e toda enferrujada.

— Uma cadeira metálica, uma fiz! Mil créditos, para me ver livre de si.

Sem uma palavra, o marítimo começou a empacotar o seu objecto, para o levar. O antiquário sentiu um vácua no peito.

— Faço-lhe nota que vai ter grandes dificuldades em vender um objecto de contrabando.

— Sei disso — disse o marítimo, continuando a fazer o embrulho — Mas, mesmo assim, são três mil créditos ou nada.

O antiquário enguliu em seco:

— Dois mil créditos, para lhe ser agradável, mas é a minha ultima oferta.

— Você tem essa cara de querer ser agradável ás pessoas! — Resmungou o outro, amarrando a guita mais lentamente — confesse que isto lhe interessa! Não vou nisso. Isto vale três mil.

— Vá para o diabo! — disse o comerciante, virando-lhe as costas.

Sem se impressionar, o marítimo meteu o pesado pacote debaixo do braço e encaminhou-se para a porta. Mesmo á saída, disse:

— Dois mil e quinhentos!

Vermelho de cólera, o antiquário abriu o confre e alinhou as notas no balcão. De olho alegre, o marítimo pousou o pacote e estendeu a mão para o dinheiro.

* * *

O antiquário fez entrar o perito na loja. Este extasiou-se:

— Tem uma magnífica colecção de latas de conserva; os meus cumprimentos!

O antiquário deu uma risadinha satisfeita:

— Muito obrigado. Veja como as cores estão bem conservadas. Estas cores vivas são o que há de melhor para decorar casas de jantar.

O perito demorou-se a acariciar com os seus longos dedos de artista aqueles valiosos objectos. Murmurou várias vezes «magnífico» e depois, virando-se para o antiquário:

— Falou-e de um... um quê?

— Exactamente. Terei grande dificuldade para lhe dar um nome, espero a sua opinião. Se desejar...

A sua mão delicada apontava para a sala vizinha.

Assim que passou o umbral, o perito ficou extasiado perante a coisa. Depois aproximou-se lentamente, de mãos nas algibeiras, e ficou pensativo durante um bom minuto.

— Onde arranjou isto? — perguntou.

O antiquário tossiu, corou um pouco e disse:

— Encontrei-o na cave, entre velharias sem valor. Apressei-me a consultar os livros do antigo proprietário, mas não encontrei nada. E' pena que tenha morrido, senão já saberia o que é. Mas talvez mesmo nem ele soubesse que tinha um tesouro na cave. Declarei a descoberta ás autoridades. Está registada desde ontem... Limpei a ferrugem...

O perito já não o ouvia.

— Objecto terrestre! — declarou — Do vigésimo século da era dita cristã, sem duvida. Sente-se já uma vontade de simplificação na ornamentação. Objecto de série, fundido. Inclino-me para um objecto de utilização doméstica. Estes festões em metal...

— Para que serviria?

— Vamos tentar saber — disse o perito, tirando um microscópio do bolso do colete —. Mas o senhor colocou-o com certeza de pernas para o ar.

— Como o sabe?

— Pôs os suportes filiformes no chão. Ora os objectos de utilização doméstica nunca eram, praticamente, fixos no chão, nessa época. Esses suportes não devem lógicamente ficar nessa posição, serviam para suportar outra coisa no ar. Esta máquina não está completa.

— Uma máquina?

— ...Doméstica! Senão, não teria qualquer espécie de ornamentação.

O perito apontou a objectiva do seu aparelho para um pé do objecto. Na outra extremidade do espectroscópio o ecran acendeu-se, mostrando a textura do metal.

— O metal está quebrado; não me enganei. Todas estas estrias irregulares prova que repousava, e foi até várias vezes arrastado, no solo.

O perito esforçou-se por colocar o objecto na posição correcta. Depois observou com o espectroscópio todos os cantos da coisa, acompanhando as suas observações com reflexões como: «movimento rotativo alterno, rotativo simples, caixa da rótula, biela».

Finalmente meteu o aparelho no bolso do colete e endireitou-se.

— Máquina antropomotriz!

— O quê, no século XX?

— Sem duvida. No princípio do século XX, até mesmo a electricidade apenas entrava timidamente nos costumes. Devia-se trabalhar sentado em frente desta máquina... e pedalar! O desgaste do metal nas caixas do eixo indica um movimento rotativo alterno.

Contente consigo mesmo, o perito sorriu.

— Peça unica! — disse — Inestimável! O museu dar-lhe-á uma fortuna por ela!

— Um harmónio, um instrumento de musica. Uma espécie de piano de vento: O teclado desapareceu, assim como os foles, mas afirmo que isto é um instrumento de musica.

— Não será uma máquina rolante?

— Tss, tss — negou o perito, com superioridade —. Tenho a prova. Sabe ler os velhos caracteres?

— Bem... — hesitou o antiquário, um pouco envergonhado.

O perito designou uma letra que ornava a barra ligando os dois painéis de apoio.

— Isto é um S, isto é... quero dizer que este sinal exprime o som «S». Os outros caracteres foram quebrados durante não sei que atribulações, mas encontrei os pontos de fractura. Ligando-os em imaginação, reconstitui a marca da fábrica. Temos, assim, sucessivamente, os caracteres S. I, N, G, E, R: SINGER. O que significa nas antigas línguas anglo-saxónicas: «cantor». Aí está a prova!

* * *

Algumas semanas mais tarde, a secção de musica de Uranopolis orgulhava-se com a posse de uma máquina de coser estropiada.

O MISTÉRIO DO CAVALEIRO D'EON

(Continua na página central)

baixador, mas também esta vantajosa proposta chocou com uma teimosa resistência.

O embaixador Guerchy, colocado em cheque pela rebeldia do seu ajudante, resolveu, entretanto, aproveitar-se da conhecida aventura de D'Eon na corte russa para dele se vingar, insinuando que o belicoso cavaleiro não passava afinal de uma donzela disfarçada com trajos masculinos, e chegando mesmo a fazer circular uma estampa onde aparecia «la chevalière D'Eon» vestido de mulher: enormes brincos, penteado estilo Trianon e uma espada á cinta.

Mas a morte de Luís XV trouxe uma solução á prudência dos dois diplomatas, porque o fláccido Luís XVI teve o mérito de encontrar em Beaumarchais — o conhecido autor das comédias «O Barbeiro de Sevilha» e as «Bodas de Fígaro» — o agente capaz de resolver essa situação tão desprestigiante para a França.

D'Eon, colocado frente a frente com o comediógrafo, teria procurado utilizar em seu proveito a lenda espalhada por Guerchy, apresentando-se a Beaumarchais como uma pobre e indefesa dama, vítima de uma torpe maquinação dos seus inimigos. O seu cínico antagonista, fingindo acreditar na farsa, aproveitou-se da circunstancia para encerrar definitivamente D'Eon no seu papel de mulher. Concedeu-lhe em parte o que ele pedia: uma renda vitalícia e um salvo-conduto para entrar em França; mas impôs-lhe como condição «sine qua non» que reconhecesse por escrito pertencer ao sexo feminino e se comprometesse a, de futuro, usar sempre saias e não voltar a vestir-se de homem em caso algum.

O certo é que D'Eon aceitou todas as condições impostas por Beaumarchais e voltou ao seu país, resignado a vestir para sempre o traje de mulher. Vingou-se, no entanto, fazendo contrastar os seus vestidos com os modos e a linguagem próprios de um granadeiro, o que, no dizer de madame Campan, «lhe dava um ar singular e a pior fama».

Em Paris cometeu D'Eon tais excentricidades, que a Polícia real, em 1779, o convidou a retirar-se para as suas propriedades de Tonnerre. Mas a soturna vida provinciana não convinha a um temperamento a que os trajes femininos não tinham conseguido reprimir a natural fogosidade, e esse cavaleiro de «triste figura» voltou a Inglaterra sob o aspecto de uma dama de meia-idade.

Ao contrário do que seria de esperar, D'Eon não se retirou então para uma discreta penumbra, antes continuou a frequentar a sociedade londrina com que estava relacionado, chegando a tomar parte em sessões de esgrima assistidas pelo próprio príncipe de Gales, como se pode verificar num quadro pintado por Robineau, onde D'Eon aparece vestido de mulher e lançando-se a fundo sobre um adversário em traje masculino.

E foi em Londres que, em 1810, tendo falecido o enigmático cavaleiro D'Eon, os médicos tiveram oportunidade de esclarecer definitivamente o palpitante mistério. Não há duvida de que ele pertencia ao sexo masculino, pelo menos fisiológicamente falando.

ALFREDO BRÁS

Mais um grande livro de GIOVANNI PAPINI

JUÍZO UNIVERSAL

Obra bíblica, grandiosa, que é um «verdadeiro juízo universal» de homens e de ideias

*

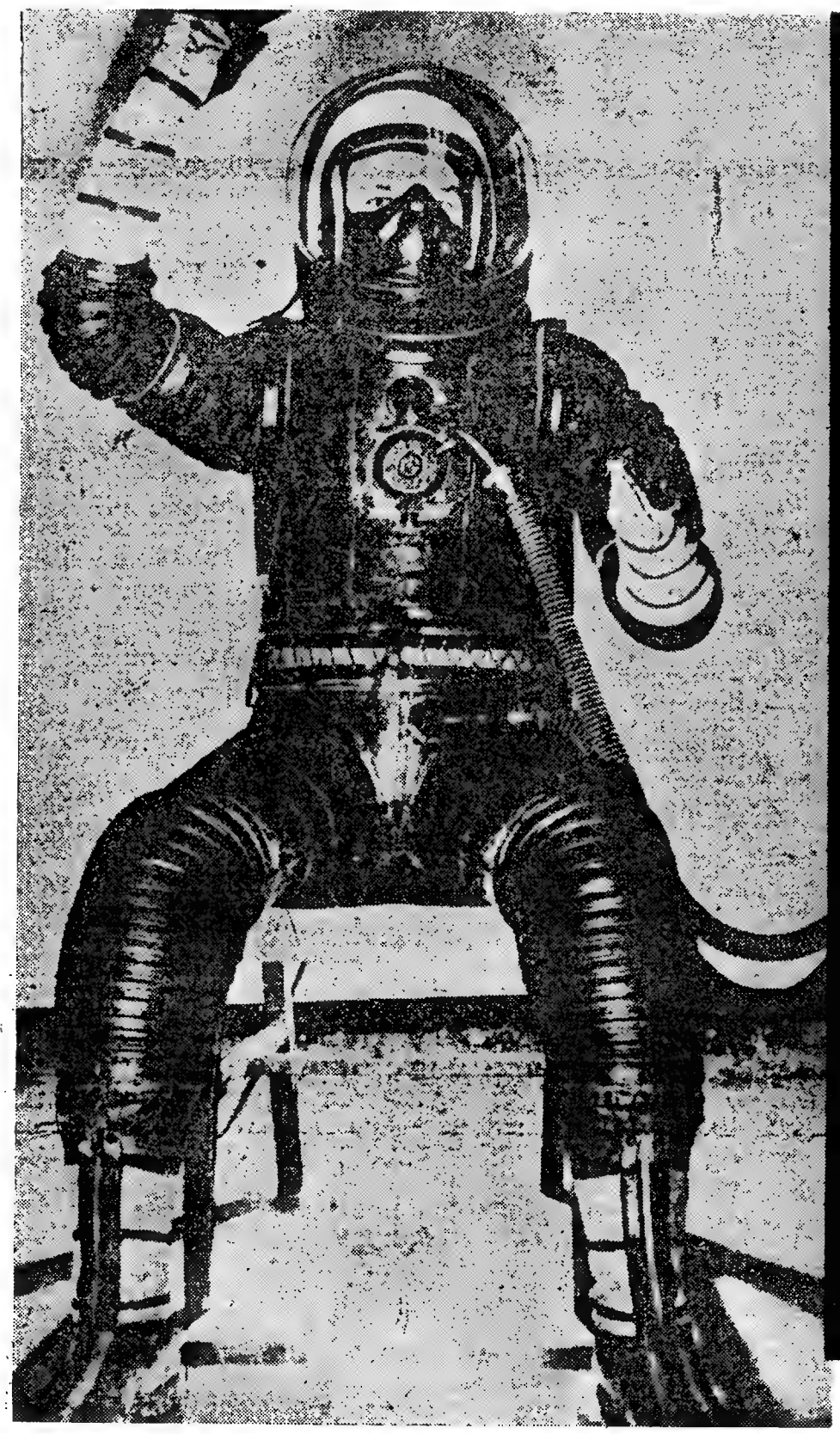
NA COLECÇÃO MINIATURA

PANAIT ISTRATI

na sua obra-prima

*

Depois do Lunik II ★ Nas estradas interplanetárias



Imaginem uma destas bolazitas de borracha presas á mão por um elástico. Enquanto girarem com a mão, o elástico distende-se e o elástico é arrastado num movimento de rotação. Suspendam agora o movimento: a bola girará cada vez mais lentamente, depois imobilizar-se-á. Eis, se quiserem, uma imagem do Sputnik. O foguetão lunar é uma bola que partiu o fio invisivel da gravidade que a ligava á Terra. Libertou-se.

2—QUE NOS TRAZ DE IMEDIATO ESTE EXITO. QUANTO A CONHECIMENTOS OU PRECISOES UTEIS?

Antes de mais, veio confirmar a audácia dos que sonharam atingir a Lua. O seu sonho não era desmedido. Significa, também, que a Terra deixou de ser um corpo celeste isolado no sistema solar e que, em definitivo, estamos no tempo em que o homem pode legitimamente considerar que a sua pátria comportará vários corpos celestes: a Luà, Vénus e Marte.

Uma estadia em Jupiter ou Saturno, planetas cobertos de amoníaco ou de metano liquido, não seria, evidentemente, muito recomendado aos terráqueos.

O foguetão lunar soviético resolveu já, em algumas horas, problemas até aqui sem resposta. Vai-se poder conhecer a composição do embrião da atmosfera que reina em torno do disco lunar.

A partir das 14 e 30 h. do dia 13 de Setembro, desde a altura em que o foguetão chegou á zona preponderante da Lua e durante as horas que precederam a sua alunagem, ele não deixou, á medida que se aproximava do nosso satélite natural, de transmitir as informações esperadas. O dia 13 de Setembro é, assim, um dos mais extraordinários momentos da História humana. Poderemos compará-lo ao dia em que um homem soube reproduzir na Terra o fogo que via no Sol. Eis o momento em que pode pensar em estabelecer relações normais entre o nosso planeta e outros. Vai ser possivel criar nestes planetas condições de vida terrestre.

3—APRECIOU-SE DEVIDAMENTE UM TAL ÊXITO, CUJA POSSIBILIDADE AINDA HA BEM POUCO SE AFIGURAVA IMPENSAVEL A MAIOR PARTE DAS PESSOAS?

Sim. Desde o lançamento do primeiro Sputnik sabia-se que o «campo lunar» estava, desde então, no dominio das possibilidades. Só o prazo era discutido.

LEONIDAS SEDOV
pai do Bebé-Lua

Ponham na ideia o numero de descobertas, de progressos adquiridos pelo homem em poucos anos! O que se passa na astronáutica passa-se em todas as técnicas; o homem adapta-se rápidamente aos mais extraordinários progressos.

E' verdade, porém, que faz parte do destino de cada geração a não apreciar, talvez devidamente, o que o seu século lhe oferece e que se torna indispensável um certo recuo para avaliar tudo o que tal feito cientifico e técnico tem de formidável.

No prazo de dois anos apenas, temos satélites artificiais da Terra, roçamos a Lua, possuimos dois satélites do Sol e... E chegámos, finalmente, com um objecto lançado por nós, á Lua!

1—QUE PROGRESSOS REPRESENTAM A REALIZAÇAO E O SUCESSO DO LUNIK II EM COMPARAÇAO COM O FOGUETAO DO SPUTNIK?

NÃO se trata, em ambos os casos, do mesmo foguetão. E' difícil entrar em pormenores técnicos, mas eis os dois elementos essenciais de comparação. Em primeiro lugar, o motor propriamente dito. O foguetão que lançou a estação lunar é, grosso modo, nove vezes mais potente que o do Sputnik II, o da Laika. Para dar uma ordem de grandeza: a sua potência equivalia a 100 milhões de cavalos.

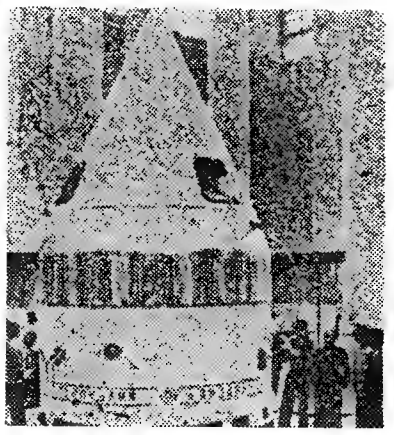
Em segundo lugar, o foguetão do Sputnik era composto, á partida, por um conjunto de três reactores, de que não se exigia extrema precisão, visto o container (ultimo andar do foguetão onde se condiciona a aparelhagem científica e o unico destinado a atingir o objectivo de determinada órbita) se destinar a satélite terrestre.

Ao foguetão do Lunik II exigia-se, pelo contrário, uma enorme precisão. Todo o problema do tiro na Lua e do êxito reside no trabalho do primeiro andar do foguetão, desempenhando os restantes a função de lemes. Sabe-se que o foguetão cósmico foi guiado do solo durante o periodo de aceleração (alguns minutos) que permite atingir a velocidade de 40 mil quilómetros/hora.

Depois da aceleração do container, o engenho, livre, dirigir-se-ia só. Faltava-lhe o leme. O leme dum barco apoia-se na água; o engenho lunar tinha de expulsar gazes que serviriam de apoio aos lemes. Influindo a atracção lunar na direcção, era também preciso, na altura em que o engenho atingisse a zona onde tal atracção é preponderante, que o desvio fosse registado e em seguida corrigido por aparelhos que enviariam ao leme as necessárias rectificações.

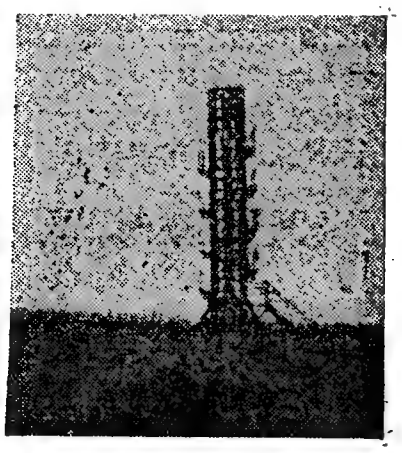
Importava, especialmente, que o foguetão não se transformasse noutro Sputnik rodando em torno da Terra ou perdendo-se no espaço.

O foguetão cósmico destinava-se a ser um objecto lunar e, para que rápidamente se libertasse da influência terrestre era de extrema importancia que, nos 20 minutos a seguir ao lançamento, ele pusesse resolutamente em cheque a interferência da gravitação do nosso planeta.



O ultimo andar do foguetão lançado em 2 de Janeiro

No Planetário de Moscovo em 12 de Setembro, espera-se atentamente o lançamento



Torre de lançamento de foguetões

NO PRÓXIMO NÚMERO:

PERSPECTIVAS QUE SE ABREM: A CIÊNCIA COM O ÊXITO DO LUNIK II

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 17

EM PORTUGAL — O Presidente do Conselho recebeu os delegados do Instituto Nacional do Trabalho em Portugal. ✻ O Presidente da Republica assistiu á abertura das aulas na Universidade de Coimbra. ✻ No aeroporto de Lisboa um avião sobrevoou o local três horas para uma aterragem de emergência. ✻ Foi inaugurado o novo ano da Academia Portuguesa de História. ✻ Apresentou a demissão o eng. Guimarães Lobato, vice-presidente da C. M. L.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris foram tomadas precauções por ameaças contra os partidários da política argelina do Governo. ✻ Adenauer recebeu mensagens de Eisenhower e Kruchtchev, podendo ser com elas inaugurada nova política. ✻ Morreu o general Marshall que será sepultado em Arlington, o cemitério dos herois. ✻ Há boatos de desacordos entre Eisenhower e Nixon. ✻ As sentinelas do palácio de Buckingham passaram a estar dentro do gradeamento do palácio.

DIA 18

EM PORTUGAL — Em todo o País se realizaram as eleições das Juntas de Freguesia. ✻ De Paris regressou o prof. João Cid dos Santos. ✻ A fundação Gulbenkian vai conceder um subsídio de 500 contos ao Hospício de Caridade, de Viana do Castelo ✻ Em Ponta Delgada foi inaugurada a nova estação de combustíveis da Mobil Oil Portuguesa. ✻ Na Figueira da Foz efectuou-se a primeira prova para a escolha de Miss Portugal. ✻ No campeonato de futebol de Portugal: Benfica, 1-Guimarães, 1; Porto, 2--Belenenses, 3; Sporting, 5--Leixões, 1. ✻ Chegou ao Caramulo o prof. Gregório Marañon.

NO ESTRANGEIRO — Diz-se navais, a que assiste o minispôs uma conferência em alto nível para Novembro. ✻ O antigo ministro trabalhista lord Ogmore filiou-se no Partido Liberal. ✻ As imagens que o «Lunik III» obteve da Lua já foram transmitidas para a Terra, segundo se anuncia em Moscovo. ✻ Volta a desmentir-se o possível casamento da princesa Maria Gabriela de Saboia com o xá da Pérsia.

DIA 19

EM PORTUGAL — Anuncia-se a criação em Lisboa de um serviço de informações fiscais para os contribuintes. ✻ Em Coimbra começou a reunião luso-espanhola de endocrinologia. ✻ Em declarações ao diário «A Província de Angola», o Presidente do Conselho manifestou a sua esperança no futuro da província. ✻ O Presidente da Republica recebeu os alunos do Colégio Militar. ✻ Em Lisboa esteve o príncipe Bernardo da Holanda. ✻ Abriu o ano lectivo no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. ✻ Na Rua de S. Lázaro, em Lisboa, um táxi atropelou onze pessoas.

NO ESTRANGEIRO — Em toda a França foi lançada uma vasta operação para acabar com a vaga de terrorismo de Argelinos. ✻ Em Paris ou Londres reunirá uma conferência de chefes de Governo para preparar a reunião de alto nível. ✻ Os cientistas americanos vão lançar um satélite á órbita de Venus. ✻ As alpinistas que tentavam a escalada do Himalaia desistiram, depois da morte da francesa Claude Kogan, e da belga Claudine Van der Stratten, mortas dias antes. ✻ No Congo Belga continua a luta entre duas tribos.

DIA 20

EM PORTUGAL — No Atlantico decorrem os exercícios navais, a que assste o ministro da Marinha. ✻ O ministro do Interior visitou a Imprensa Nacional de Lisboa. ✻ Esteve em Lisboa o ministro dos Estrangeiros da Holanda. ✻ Foi inaugurada no S. N. I. uma exposição de bordados de Castelo Branco. ✻ Na Póvoa de Varzim abalroaram duas traineiras, havendo um morto e vários feridos.

NO ESTRANGEIRO — O dr. Womher von Braun, autor do «V2» alemão, dirigiu um apelo para acelerar o ritmo da corrida americana para o espaço. ✻ O chanceler Adenauer declarou aceitar o convite para ir a Londres conferenciar com MacMillan. ✻ Em França há indícios de uma conspiração extremista para derrubar o Governo. ✻ Em Génova, devido aos temporais, foi declarado o estado de emergência. ✻ O caso de Chessman, condenado á morte e esperando execução, está a suscitar o maior interesse em todo o Mundo.

DIA 21

EM PORTUGAL — Foi nomeado subsecretário de Estado da Industria, o eng. Vargas Moniz. ✻ O sr. Presidente da Republica presidiu á abertura do ano lectivo no Colégio Militar. ✻ Encerrou os seus trabalhos a reunião luso-espanhola de endocrinologia. ✻ O prof. Gregório Marañon foi feito doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra. ✻ Anuncia-se a reorganização das comissões municipais de assistência. ✻ No Hospital do Ultramar foi inaugurado o ano cultural. ✻ No Sporting, que jogou com amadores brasileiros, estreou-se o jogador peruano Seminário.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que de Gaulle reunirá em Paris, com Kruchtchev, a convite do primeiro. ✻ Foi suspensa a execução de Chessman condenado á morte; autorizada nova revisão do processo. ✻ Na Haia terminou a réplica indiana ás alegações portuguesas. ✻ De Havana se anuncia nova conspiração contra Fidel Castro. ✻ Em San Diego, Califórnia, faleceu o almirante Frederick Horner. ✻ Richard Butler, ministro do Interior e presidente do Partido Conservador britanico casou pela segunda vez.

DIA 22

EM PORTUGAL — Ao chegar a Lisboa, no regresso de Angola e Moçambique, o subsecretário de Estado da Educação Nacional, sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, afirmou que, «em todas as províncias da grande Casa Lusitana, se respira o mesmo ambiente profundamente português. ✻ O Chefe do Estado empossou o sr. eng.º Vargas Moniz, no cargo de subsecretário de Estado da Industria. ✻ Com a presença dos ministros da Defesa Nacional e altas patentes, foi inaugurada a sede provisória do Secretariado dos Serviços Sociais das Forças Armadas. ✻ Foram a leilão, no Palácio Ficalho, os livros da biblioteca do falecido professor e director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, dr. Francisco António Correia. ✻ Em trágicos desastres de viação, houve dois mortos e um ferido, em Montemor-o-Novo; um homem morto na estrada de Odemira e outro, um ciclista, que chocou com uma camioneta, na estrada de Monchique a Alferce.

NO ESTRANGEIRO — A opinião, em Washington, sobre o encontro de Gaulle-Kruchtchev, é de que esse contacto evitaria a solução de continuidade no diálogo entre os dois blocos. ✻ Anuncia-se que Kruchtchev concorda com Eisenhower para uma conferência a alto nível, em Dezembro. ✻ Caryl Chessman, condenado á morte e que numa prisão norte-americana se tornou escritor famoso, prepara a sua reabilitação, aproveitando novo adiamento da execução da sentença, cujo cumprimento é exigido pela autoridade superior do Estado da Califórnia. ✻ Luta aérea sobre Havana causou vítimas e Fidel Castro prendeu o herói da revolução, major Humberto Matos. ✻ Diz-se que a China Popular está a adoptar uma política de conciliação na sua política externa.

DIA 23

EM PORTUGAL — Com a presença do Chefe do Estado, celebrou-se a sessão solene de abertura do ano lectivo da Universidade Técnica, na Escola Superior de Medicina Veterinária. ✻ O embaixador da Dinamarca, dr. Hugo Hergel, entregou as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica, no palácio de Belém. ✻ Partiram para Espanha vinte e duas filiadas na M. P., que vão realizar encontros desportivos com a «Falange» Espanhola.

NO ESTRANGEIRO — A Russia declarou que deve reunir-se o mais breve possível a conferência a alto nível. ✻ Georges Bidault e mais sessenta deputados da oposição resolveram formar novo agrupamento político, que tem o objectivo de conseguir a integração da Argélia. ✻ Parece que se confirmam os boatos sobre o casamento do xá da Pérsia com a sobrinha do político Mossadegh, Frá Dibá. ✻ Não se sabe em Varsóvia o paradeiro do cardeal Wyszinski.

Publicações

«Boletim Geral do Ultramar», n.º 406

Insere este tomo do boletim da Agência Geral do Ultramar, publicado a breve intervalo do antecedente, páginas de assinalável interesse sobre variados aspectos da vida ultramarina portuguesa. Entre os trabalhos de colaboradores contam-se «Situação do caracul de Angola», pelo dr. M. Santos Pereira; «Crónica demográfica», pelo dr. Nuno Alves Morgado; «Subsídios para a história da carreira da India», por Frazão de Vasconcelos; e «Artes e Letras do Ultramar», pelo dr. António Alberto de Andrade. Preenchem páginas noticiosas os registos da 6.ª reunião da Comissão Interafricana para as Ciências Sociais da visita do subsecretário de Estado do Fomento do Ultramar a Goa; de actividades missionárias, notas económicas, turismo, serviços de instrução, etc. O Boletim constitui, como sempre, um excelente documentário da vida portuguesa ultramarina.

«Estatísticas Financeiras — 1958»

Na sequência das suas edições regulares publicou o Instituto Nacional de Estatística o volume referente a 1958 da informação financeira que vem mantendo há largos anos. Nele se mantêm o plano e a estruturação do anterior, apenas com pequenas alterações de pormenor.

Insere este volume diferentes elementos de informação relativos á situação geral no final do ano de bancos, casas bancárias e caixas económicas; caixas de crédito; transacções e rendimento de títulos; desconto de efeitos comerciais; protesto de letras; camaras de compensação; empréstimos hipotecários; sociedades constituidas e dissolvidas; emissões de acções e obrigações de sociedades; meios de pagamento; finanças publicas; receitas e despesas do Estado, sua distribuição, orçamentos e dívida dos Corpos administrativos, receitas das juntas de província e Gerais dos distritos autónomos, receitas e despesas das Camaras municipais e contas nacionais (despesa imputada ao produto nacional bruto, por ramos de actividade; formação bruta de capital fixo).

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco ao Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO DE VIDE, no SALÃO ROYAL.

EU PAGO TUDO!
BASTA CONSUMIR QUEIJO
«TIGRE»

PEÇA INFORMAÇÕES:
RIBEIRO, BOURQUIN, LDA.
PRAÇA DE S. PAULO, 19
LISBOA TEL. 21838

CHÁ DE HAMBURGO
ALEMÃO GENUINO
Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias
À VENDA NAS FAMÁCIAS

Caderno de um reporter

Um arlequim para 4 pesssas — pedia-se nos bares de Paris

A arte de economizar

Outrora, a vida, em Paris, especialmente nos bairros de diversão, tinha o seu ritual, que nunca era infrigido. Tudo se sacrificava ao prazer e a glutoneria. Fazia-se vida de bairro, e, durante muitos anos, os grandes expropriados pela revolução francesa, entretinham-se a manter as cinzas do lar, para que o filho mais velho pudesse ultimar os estudos e nunca hipotecar as ruínas ou os restos do burgo feudal. Isso era vergonha e, lado a lado, perduravam os restos das várias classes sociais sem entrarem em conflito.

Qualquer outra vida era impossível. Assim tudo corria calmamente e entre ruínas humanas, ou então entre prédios velhos e arruinados como velhas construções, tudo passava como se vivessemos, misérias á parte, nos melhores tempos da mais alta nobreza francesa. Nestes descontos, se incluiu o tradicional «arlequim» feito de restos de outros pratos, mas restos limpíssimos, onde predominavam cozinhados dos bons tempos.

Os velhos aristocratas

Os velhos fidalgos que habitavam essas ruínas, náufragos de si próprios e, muitas vezes, tendo apenas os limitados haveres de uma pensão ou reforma, cuidavam a sua *linha*, e, embora comessem na taberna, nunca se rebaixavam ao ponto de o confessar. Muitas vezes preferiam sacrificar-se a sacrificar os filhos a outro serviço que não fosse *Deus, Pátria e Rei*. Era fácil ver um *hábito* entre outras prendas que aguardavam vez no vestuário da família, mas esta, raramente se desfazia fosse do que fosse, sem necessidade absoluta. E, mesmo então, era a pobreza envergonhada que aparecia, nunca a mostra da impudicícia e da desvergonha; o nobre empobrecido alugava o *cabriolet*, com ares de grão-duque exilado portador das mais preciosas gemas. Chegava a ser um problema sacar essa gente para outro cavaco que não fosse o do senhor cura ou o do senhor livreiro, antigo amigo de Balzac ou de Anatole France.

Era então, sem nunca darem o braço a torcer, que a impassibilidade aristocrática se revelava. Ou então na encomenda de «arlequins», com o devido molho a disfarçar que eram ou foram restos de antigas comidas. Também, podiam eles receber restos deste ou daquele palácio e nunca de um pobre prédio. Tratando-se, entre eles, pelos melhores dos seus títulos, negando a primazia e a igualdade aos casca grossa da vizinhança.

O azeite e o prazer

Quanto mais para o Sul, mais os preconceitos se iam desvanecendo. O Francês teve um século XIX todo esmaltado de *pronunciamentos*. Eis uma palavra que chegou a entrar na língua franca internacional, sendo como que um resíduo do que se linguajava cá fora, ao ar livre da rua e da travessa. Essas palavras, então, chegaram a entrar na circulação geral. Todos as usavam, mas ninguém lhes queria. Eram, até, anónimas e limitadas, como certas sociedades com vários sócios e diversas quotas.

Voltando aos prazeres da mesa, tomou-se, pois, o molho de *mayonnese*, como um requinte de prazer, de tal modo querido e estimado que, ainda hoje, que tantos molhos entraram na circulação, só a cavala liga com ele, necessitando préviamente de cozimenta e forte. Nem todos os géneros de sarda têm igual audiência, na casa tolerante dos quarenta anos. Só alguns. E, mesmo assim, precisando e pedindo a altos brados fabrico prévio. Assim sucedeu com a Convenção em Toulon que, ao enviar os seus comissários, em vez de um curto interregno, abriu uma nova dinastia e, para mais, uma dinastia revolucionária, a dos Napoleónidas. Filhos da Córsega, todos tinham sangue separatista nas veias, e, daí, o seu ódio aos Franceses. Nesse multiforme espírito *irridento*, salientou-se por exemplo Napoleão. Mas Napoleão era a excepção. Os outros filhos de Letícia Bonaparte, haviam comido também *mayonnese* nos fabricantes de «arlequins», abundantes em Montmartre.

Como se sabe, o prof. Moniz Pereira deslocou-se a Angola, a convite do Conselho Provincial de Educação Física, a fim de, com o prof. Mário Lemos, dirigir os cursos de

(Continua na 8.ª página)

Jornal dos jornais

Diário de COIMBRA Diário do Alentejo

As muralhas de Beja

A burocracia e as novas construções

A exposição (apresentada pelo presidente do Município de Beja ao ministro da Educação) insistia em que já tinham sido muitos os impedimentos trazidos aos projectos de obras em prédios que ficam a menos de 50 metros das muralhas, e fundamentava a petição na circunstancia de ser práticamente irrealizável o desentaipamento e restauro da cintura amuralhada, visto que tal obra implicava na demolição de centenas de prédios, cuja aquisição era possível orçar em 45 ou 50 mil contos!

Queria dizer que, em respeito de uns muros antigos arruinados e caducos, insusceptíveis de reedificação, não era lícito que se mantivesse a obrigação vigente de submeter os projectos de construções vizinhas ao parecer da Direcção Geral do Ensino Superior e de Belas-Artes, obrigação que importa, sempre, nas demoras burocráticas inerentes a tais tramites e, muitas vezes, na rejeição final dos projectos apresentados...

Como uma grande parte da Cidade está construida junto da cortina de muros que representa a sua antiga defesa, não é possível hoje, sem as arrastadas diligências oficiais impostas por aquela Direcção-Geral, fazer obras em prédios que confinem com a muralha, ou distem dela menos de 50 metros.

Isto significa, em ultima análise, que a Cidade tem de se manter como está, sem a possibilidade de melhoramentos ou restauros naquela zona, a menos que os respectivos proprietários queiram sujeitar-se ao demorado vai vem do projecto que submetam ao parecer da Direcção Geral do Ensino Superior e de Belas-Artes, arriscando-se a um mais que provável veredicto proibitivo...

Feitas as contas, chega-se, assim, a este desejo íntimo, que pareceria estranho se as próprias circunstancias o não ditassem: «mais valia que, em Beja, não houvesse muralhas».

(Do Diário do Alentejo, *de Beja)*

Parece-nos, pois, que a falta de pessoal especializado e técnicos, em Angola, é um pouco fictícia, pois que se apresenta, em parte, como filha do pouco que se lhe pretende normalmente pagar. Conviria, portanto, saber, primeiro que tudo, se existem na Metropole técnicos em numero suficiente para suprir as necessidades de lá e capazes de tomar o rumo das Províncias Ultramarinas desde que lhes dessem as condições necessárias. Senão, procurar, dentro de um Plano Geral, estruturar a instrução de acordo com as necessidades económicas da Nação, sem esquecer as necessidades básicas dos indivíduos.

Qual seria o resultado, para já, da criação, entre nós, de Institutos Técnicos Superiores ou Médios? Obter, entre os estudantes de Angola, aqui nascidos ou aqui criados, os quadros técnicos necessários ao desenvolvimento da Província. Filhos de colonos ou de funcionários, com a sua vida aqui montada, com o amparo do lar e a ajuda da família, com possibilidades de ascenderem a lugares que noutras condições não poderiam aspirar e que hoje poucos têm, por dificuldades financeiras (quem poderá abalançar-se a um curso na Metrópole?), aí teriamos a possibilidade de resolver o problema da falta de técnicos, sem recorrer á Mãe-Pátria.

Poder-se-iam pagar, agora, os vencimentos estabelecidos, ou mesmo mais baixos, pois que os indivíduos, não deslocados especialmente, actuando no seu meio e no ambiente em que foram nados, menos exigirão, naturalmente. E, para já, pela dificuldade em criar universidades, pela inoportunidade política, económica, ou por outros motivos, criar-se-iam cursos técnicos curtos — os Institutos Industriais e Comerciais. Mas será, realmente, esta a solução? Não será, posto assim o problema, encarado apenas por um angulo, o mais conveniente para o desenvolvimento económico da Nação, mas o menos justo para os interesses legítimos do indivíduo?

(De «A Província de Angola», de Luanda)

Luanda

faz concorrência ao Entroncamento

Ainda ontem citámos a existência de uma estranha vaca com seis patas, cuja gravura publicámos e pela qual os estimados leitores puderam ver duas pernas suplementares sobre o dorso do animal, pertencente ao sr. Alfredo Ferreira de Sousa. Pois hoje, temos outro fenómeno: uma excelente poedeira pertencente a Domingas Sebastião Gomes pôs, há dias, um ovo de tamanho normal, do qual acaba de sair um pinto com... quatro patas, como se vê na gravura que publicamos na 1.ª página.

Apesar da sua anormalidade, a pequena ave parece viver feliz saltitando para aqui e para ali, sempre na companhia da extremosa mãe.

Como é natural, o fenómeno chamou ao quintal da Domingas Sebastião inumeros curiosos, que pretendiam apreciar as duas patas-extras do pobre pintainho.

Razão temos nós, pois, ao afirmar que Luanda está a fazer concorrência ao Entroncamento em matéria de coisas raras e coisas do arco-da-velha.

E ninguém ficará surpreso se, por um dia destes, aparecer mais algum fenómeno teratológico...

(De «Diário de Luanda», de Luanda)

Os problemas de Setúbal

e o centenário da cidade

Por tudo, não será ousadia considerarmos o momento de excepcional grandeza para agitarmos os problemas de Setubal. Será então conveniente pronunciarem-se frases que, para além de mero protocolo e usuais em cerimónias do estilo, bem revelem a situação angustiosa de uma população que roda os 55.000 habitantes.

Não somos contra os festejos populares. Nem contra as competições desportivas ou outras. Entendemos tudo isso muito bonito e indispensável, pois nem só de pão vive o homem, como acertadamente se diz. Mas compreendemos do maior interesse a análise e discussão dos nossos problemas, onde avultam, para já, os de turismo, como industria operosa e dinâmica que é. E neste aspecto muitos são os óbices a resolver.

... ...

Será, portanto, a comemoração centenária, além do mais, uma jornada de esclarecimento, de esclarecimento total. E incumbe aos governantes, ainda que sejam de simples autarquias, esclarecer os governados.

(De «O Setubalense», de Setubal)

A volta ao Mun... (20)

AUSTRIA

SUPERFÍCIE — 83.850 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 6.985.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Viena, capital (1.800.000 habitantes); Graz (228.000); Linz (185.177); Salzburgo (102.900).

CLIMA — O clima deste pequeno país da montanha é muito variado, mas continental, em geral. Nos vales mesmo é muito rigoroso, mas no Verão não tem grande uniformidade.

MONTANHAS — Os Alpes Orientais cobrem 70% do território austríaco. A elevação máxima do Alto Tirol é o pico Grossglockner, de 3.798 metros. Nos Alpes de Salzburgo há muitos cimos de cerca de 3.000 metros.

RIOS — O mais importante rio dos que passam na Austria, país continental sem comunicação com o mar, é o Danubio, unico navegável. Os afluentes mais importantes são o Inn, Traun, Enns, Ibbs, Traisen, Leitha.

GOVERNO — A Austria é uma Republica Federal com 9 províncias. O Presidente da Republica é eleito por 6 anos e em voto directo. E' responsável através do Conselho de Ministros, presidido por um chefe do Governo. Há duas Camaras no Parlamento: o Bundesrat, de 50 membros eleitos por assembleias provinciais; e o Nationalrat, de 165 deputados escolhidos em sufrágio universal.

Além disto, as províncias têm assembleias próprias e governador próprio.

O presidente da Republica é o dr. Adolf Schärf.

Presidente do Governo, o dr. Julius Raab.

EDUCAÇÃO — E' obrigatória a instrução primária.

A educação superior é ministrada em cinco universidades, a mais antiga das quais é a de Viena, fundada em 1365. Há, ainda, institutos tecnológicos de agricultura, comércio, minas e metalurgia.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — A agricultura emprega um terço da população, embora o país importe muitos géneros alimentícios. A Austria é, sobretuto, um país industrial, com 41 % da população trabalhando na industria. As principais industrias são a metalurgia, os têxteis e as industrias alimentares. A principal exportação é a de metais, com 23 %, as madeiras, com 21 %.

CAMINHOS DE FERRO — 5.987 quilómetros.

ESTRADAS — 30.956 quilómetros.

LÍNGUA — A língua oficial é o alemão.

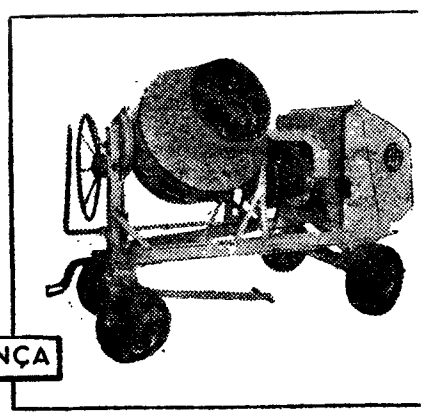
MOEDA — A unidade monetária é o schilling.

RELIGIÃO — Há liberdade de cultos, mas 83 % da população praticam a religião católica; 6,2 % é protestante. Há, também, judeus e outros cultos.

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM GUINCHO DE 180 E 210 L.ts

ACCIONADAS POR MOTOR PETTER DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 32730/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: SOQUITÃO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, L.da

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

Evoluir e evolver

Muitos dicionários denunciam como galicismo ou recusam simplesmente foro de lusitanidade á palavra *evoluir*, que está, no entanto, tão enraizada já na nossa língua que nenhum purista, por mais influente, dela logrará desalojá-la. O vocábulo puro é, de facto, *evolver*, que significa *evolucionar*, do étimo latino *evolvere*. Até ao sec. XIII não se grafavam em português as letras *J* e *U*. Empregava-se *I* em vez de *J* e *V* em vez de *U*. Assim se escrevia IVSTITIA e IVLIUS por Justitia e Julius, etc. A necessidade de distinguir gráficamente tanto no *i* como no *v* o som consonantal e o som vocálico veio, porém, modificar as letras, embora até ao sec. XVI subsistissem as maiores confusões neste domínio. Assim se explica que aparecessem escritas formas como *ouuir* em vez de *ouvir* e *evolue* em vez evolve.

Daí a convencerem-se os letrados e escritores, como o próprio Camilo, da existência de um verbo que os dicionários não registavam, não restava mais do que um passo. De *evolue* foi tirado o verbo *evoluir* e o certo é que hoje a palavra existe e com força para durar.

O período pseudo-etimológio da nossa grafia

Quando, a partir do Renascimento, cresceu em Portugal a admiração pelo latim, que entre os letrados já se manifestava havia muito, a ortografia latina tornou-se o modelo da nossa, com sérios prejuízos para a sua claridade e pureza desta. Muitos sons deixaram assim de ser representados de acordo com a sua pronuncia secular. Começaram a grafar-se caracteres que não correspondiam a quaisquer sons da nossa fala, com escusadas duplicações de consoantes e generalização do emprego dos símbolos *ch*, *ph*, *th*, e *sh*. Ao mesmo tempo, o pedantismo e a ignorancia associados geraram a desordem ortográfica. Assim depois se escreveu, por exemplo, disparatadamente *lythographia* por causa de *typographia*. Mais tarde apareceram até disparates como *typoia*, que não é helenismo, mas anglicismo, de *teapoy*.

Não se deve falar em corda em casa do enforcado

Eis um provérbio que se relaciona com um hábito social um tanto repelente: o enforcamento. Da palavra latina *furca* (o aparelho usado para o suplício da estrangulação), formaram-se em português *enforçar*, *enforcado* e até *enforcadinho* (espécie de orquídea do Brasil). O provérbio, que ilustra a frequência e a importancia do hábito de enforcar, significa que não se deve falar diante de certas pessoas de acções semelhantes a outras que possam ser-lhes censuradas.

TIRA-TEIMAS

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

O quimono do mandarim

Texto integral do conto de

Maude Foulkes

ASSIM que os meus olhos poisaram no quimono do mandarim, logo me convenci de que teria de adquiri-lo. Nunca vira coisa tão bela, verdadeiramente fascinadora! Sobre o fundo de cetim verde esmeraldino, perus e dragões sobrepunham-se enredados em arabescos bordados a oiro, no meio de flores vermelhas e cor de marfim, espalhadas em artística profusão, completando-se com nuvens azuis aquela fantasmagórica harmonia.

Eu sentira, então, uma necessidade imperiosa de que as cores entrassem na minha vida; carecia em absoluto de me evadir para o reino da quimera, por meio de estranhas fantasias e sonhos desconhecidos. Assim, comprei o quimono do mandarim, que levei para o meu apartamento — apenas três divisões, muito simples, sem qualquer ambiente de exotismo e muito menos de sobrenatural. Meti a preciosa veste numa gaveta da cómoda e, antes de adormecer, fechei bem todas as janelas, para evitar os ruídos da rua.

Logo de manhã, a criada, que conseguiu despertar-me com dificuldade, mostrou-se perturbada:

— Que tem a senhora aqui guardado neste quarto? E' insuportável, repugnante! Sente-se assim a modos que um cheiro a cadáver! Coisa terrível!...

— Talvez seja de algum rato morto — respondi.

Com o auxílio do porteiro, passámos busca a toda a casa, mas não havia qualquer rato morto.

Contudo, da gaveta do móvel onde estava o quimono do mandarim, saía um cheiro nauseabundo; e, pensando que podia resultar do facto de ter estado guardado por muito tempo no armazém do antiquário, talvez em contacto com estranhas coisas orientais, resolvi tirá-lo e pô-lo a arejar numa cadeira, onde ficou a iluminar o aposento como um pássaro dos trópicos.

Eu era, na realidade, a proprietária do mágico quimono, mas pagara por ele, além do preço estipulado, a minha tranquilidade. A paz, a comodidade e a sensação de segurança desapareceram do meu lar, onde se passavam coisas estranhas: as fechaduras das portas pareciam girar ao contacto de mãos invisíveis; escutavam-se passos que iam e vinham no vestíbulo; dia e noite sentia que alguma personalidade misteriosa procurava entrar em minha casa; e, ainda por uma ou duas vezes, fiquei convencida de que vira um vulto, mas de maneira um tanto ou quanto indecisa.

Fiquei doente, muito doente. A minha vida mental era tranquila, permanecia normal: nenhuma moléstia se me declarara, mas o meu corpo estava já como que inerte. O médico, depois de atenta observação, declarou sinceramente nada entender no meu caso; e, por isso, solicitou uma junta médica com o dr. James Reid, verdadeira sumidade, que me disse:

— A senhora padece de sufocação. Aqui, há falta de ar, falta de vitalidade. Os aposentos de sua casa são demasiado pequenos. Alugue outra parte de casa, mas com muito sol. Arranje criadas que durmam em sua casa. Trate muito de si!

Segui tais conselhos; e num dos melhores pontos da cidade encontrei uma parte de casa, três vezes maior, pelo menos, do que aquela que acabava de deixar. Contratei as criadas, adquiri um lindo gato persa e — claro está! — coloquei o resplandecente quimono do mandarim em lugar de honra no salão.

Um mês depois, o gato persa morreu com o corpo retorcido de uma maneira horrível e os olhos de ambar abertos e fixos, reflectindo medonho espanto. Devia ter visto perfeitamente a tragédia que nos rodeava, tornando-se-nos imperceptível!...

Entretanto, aquela nuvem de malefícios continuou a adensar-se cada vez mais. Eu, principalmente, fui vítima de numerosos e pequenos acidentes. A misteriosa doença voltou a perseguir-me. E, quando sofria curtos delírios via os dragões do quimono do mandarim numa luta tremenda. Mesmo calma, via-os em movimentos estranhos. Enfim, o fantástico quimono transformava-se para mim nalguma coisa de vivo e extravagante. Eu estava, porém, demasiado doente para sentir qualquer espécie de medo. O meu espírito ia á deriva, simplesmente!

*

Daí a pouco, minha mãe veio visitar-me, encontrando-me muito mal quase ás portas da morte — segundo pensou. Julgando-me nos ultimos momentos foi chamar um padre, para me confessar, o qual se deteve nos umbrais da porta:

— Esta é uma casa amaldiçoada! — disse-me em voz baixa. — Andam aqui o diabo e o pecado!

E, com toda a firmeza, recusou-se a ministrar-me os sacramentos.

Na noite seguinte, senti-me nas garras de um monstro invisível, sob o poder das trevas. O pavor reinava em toda a casa. As duas criadas, transidas de medo, não se quiseram deitar. Uma delas, a que me atendia no quarto, aproximou-se da minha cabeceira, no dia seguinte, e, apertando-me a mão, disse-me:

— Minha senhora: Isto não pode continuar mais. Há aqui uma alma negra, que não quer deixar-nos em paz. Eu sou cigana e por isso sei-o muito bem. E' preciso que a senhora deixe essa cama. Tomaremos um carro... Conheço uma mulher, uma vidente, que nos dirá o que é preciso fazer...

Eu — sentia-o perfeitamente — estava prestes a morrer; tinha, por isso, de agarrar-me a qualquer coisa que representasse uma tábua de salvação. As duas criadas vestiram-me com dificuldade, conduziram-me ao elevador e, depois, ao carro. Estávamos no fim do ano. Eu tinha adquirido o enfeitiçado quimono do mandarim em Junho...

Uma vez na rua, respirei fundo, como há muito não me era possível. Fez-me bem o contacto com a animação da cidade. O automóvel, depois de atravessar os bairros mais pobres, parou, finalmente, á porta de um velho casebre.

A vidente estava sentada numa desengonçada cadeira, ao centro de uma sala pobremente mobilada. Era muito velha. Não tinha o menor aspecto de profetiza nem havia á sua volta qualquer coisa que pudesse ferir, de modo invulgar, a atenção. Sentei-me á sua frente. E, ao vê-la pegar num baralho de cartas, velho e ensebado, fiquei completamente desiludida.

Não tenho qualquer intenção de pronunciar-me a favor ou contra a cartomancia. Sei que isso serve, igualmente, para fazer revelações extraordinárias e para iludir as pessoas humildes e ingénuas. Conto, simplesmente, o que me sucedeu. Mas — caso curioso! —, após um breve instante, tive a sensação de que esta mulher lia, afinal, nas cartas como num livro aberto!

— Ah! — exclamou ela! — Um grande desgosto vos acompanha há já seis meses!... Comprou alguma coisa que não deve possuir... Uma blusa? Não! Uma espécie de fato de «music-hall»! Ó, mas que cores!...

Mandou-me cortar o baralho. Assim fiz, e a velha, espalhando as cartas na sua frente, prosseguiu:

— Ah! O vestido que vós tendes não é inglês!... Não!... Não é bom!... E' alguma coisa com sangue... Sim é sangue... Vejo, agora o homem de onde vem este sangue... Parece um chinês... E' muito alto... Ó, que malvado!... Diz que vós tendes o seu quimono!... E' muito colorido... Não morreu na sua verdadeira cama... Ah! Escute, minha senhora: corra a sua casa e queime, imediatamente, esse quimono, essa bata, enfim, essa coisa que tem muitas cores. Faça-o quanto antes. Sim: quanto antes, melhor!...

Ocultaria o quimono do mandarim algum malefício? Nunca pensara nisso, confesso. Tinha-lhe visto muitas manchas vermelhas, mas não pensei que pudessem ser de sangue...

— Vou fazer como me mandais! — respondi —. E, não sei bem, mas parece que já me sinto melhor...

A velha guardou a modesta soma que pedira e ficou a olhar para mim com ar sinistro.

— Fez bem em ter-me procurado! — concluiu —. Oxalá que não seja demasiado tarde... Mas creio que ainda estais a tempo. A vossa morte fora marcada para a próxima semana!...

*

Assim que regressámos a casa, a criada que me acompanhara atiçou o lume do fogão. A seguir, atirou para o meio das brasas o quimono do mandarim. Coisa curiosa: não se produziu chama absolutamente alguma. Aquilo foi-se desfazendo lentamente e, por fim, converteu-se num pó escuro.

Quando voltei aos outros aposentos, notei, e, com enorme alegria, que a irrespirável atmosfera de pavor desaparecera. Deitei-me. Dormi normalmente. Na manhã seguinte, já me foi possível tomar um pequeno almoço, o primeiro após longas semanas. Dez dias depois, era-me possível caminhar como anteriormente.

Logo que me foi possível, dirigi-me ao armazém do antiquário onde adquirira o maldito quimono do vingativo mandarim. Informou-me o homenzinho de que lhe tinha sido enviado com outras peças provenientes da pilhagem a uma cidade chinesa.

Entretanto, passaram-se algumas semanas e, um dia, almocei com Algernon Blackwood, grande ocultista e notável homem de letras. Naturalmente, contei-lhe a história do maléfico quimono, dizendo-lhe que conservava o cinto, como justificada recordação. Aconselhou-me imediatamente a que o deitasse fora, mas só depois de o fazer examinar por um psicometra, cujas conclusões foram as mesmas a que já tinha chegado a cigana. O quimono do mandarim — disse-nos — fora empregado nos ritos de cerimónias mágicas. O seu dono tinha-o vestido precisamente quando, certa noite, foi assassinado em Pequim. Morreu ao cabo de uma agonia de duas horas, lançando uma terrivel maldição contra o «diabo branco» que ousasse possuir a sua bata. Felizmente para mim, eu nunca o colocara sobre os meus ombros.

Nessa mesma noite, por isso, queimei o cinto, lamentando contudo, a perda dessa recordação de cor resplandecente, com pagodes e borboletas, maravilhosamente bordados. Ah! mas a experiência fora horrível! E, assim, nem por todo o oiro do Mundo voltaria a usar um quimono de mandarim!...

Caderno de um repórter

(Continuação da 1.ª página)

aperfeiçoamento de treinadores e dirigentes desportivos.

Certa tarde, quando Moniz Pereira assistia a um encontro de basquetebol em Luanda, foi abordado por um jovem que viera do interior e que se confessava grande entusiasta do atletismo. Fizera o percurso de 570 quilómetros em camioneta, gastando 21 horas e perdendo, portanto, a noite na viagem. Mesmo assim, desejava correr os 1.500 metros nessa noite.

Reconhecendo o interesse que esse jovem angolano revelava pelo atletismo, ao pretender correr os 1.500 metros em tão inferiorizantes condições físicas, o categorizado técnico metropolitano avistou-se com o presidente da Associação local de quem obteve a necessária autorização.

Pois bem. O rapaz que, com tanto empenho, se lhe dirigira correu, nessa noite, os 1.500 metros como desejava, conquistou o primeiro lugar e — mais do que isso! — derrubou o «record» de Angola.

O atleta em questão chama-se Carlos Teixeira, conta 22 anos de idade e deve passar a representar o Sporting de Luanda, cuja camisola envergou nessa noite que deve ter constituído para si um marco decisivo na sua carreira desportiva.

Excelente exemplo este de rara dedicação e invulgar entusiasmo pelo atletismo e que vem demonstrar, uma vez mais, que existe, nas nossas províncias ultramarinas, um numero apreciável de bons valores que pode conduzir o atletismo português a um lugar de relevo dentro do panorama internacional.

* * *

Despertou certa curiosidade a notícia de que havia a registar a presença de duas senhoras no curso de escafandaria desportiva promovido pelo Centro Português de Actividades Submarinas. Uma, ficou pelo caminho por não satisfazer as condições exigidas. A outra, porém, não só cumpriu satisfatóriamente nas provas iniciais como se revelou um dos mais hábeis concorrentes.

Por ser na verdade invulgar entre nós, o caso atraíu as atenções gerais. Todavia, noutros países, mórmente nos Estados Unidos da América do Norte, as mulheres acorrem, em grande numero, á prática do desporto submarino. E está, mesmo, provado que a mulher sob certos aspectos e em determinadas circunstancias tem mais presença de espírito que o homem.

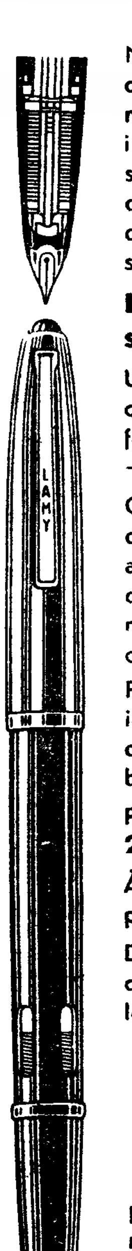
Além disso, a mulher revela, regra geral mais possibilidades de fazer a «apenêa» — isto é o mergulho — mais prolongada que o homem.

* * *

Ainda os Jogos Olímpicos de 1960 não se realizaram e já os Japoneses começam a cuidar da organização dos que terão lugar no seu país, quatro anos mais tarde. Estádios não faltam. Mas como os Jogos Olímpicos não precisam apenas de instalações adequadas, os Japoneses pensam nos mais variados pormenores para que tudo se cumpra dentro da maior regularidade e conveniência.

Assim, está prevista a construção de dois gigantescos hoteis dotados de uma plataforma para helicópteros e dois navios para 1.200 passageiros que efectuarão, permanentemente, o percurso São Francisco-Yokohama. Está, também, prevista a utilização de «satélites artificiais» que anunciarão a todo o Mundo a inauguração dos Jogos Olímpicos de 1964.

Poderá uma caneta escrever automàticamente?



Não é possível, infelizmente, escrever ou assinar documentos importantes à mão, automàticamente. No entanto, fizeram-se progressos tão importantes na concepção de canetas, que hoje se torna possível, com a LAMY 27, uma caneta das mais perfeitas do mundo, escrever sem qualquer pressão, isto é, pràticamente de forma semi-automática.

LAMY-Tintomatic não esforça a sua mão.

Uma pequena maravilha da técnica alemã — o Tintomatic da LAMY 27 — torna a escrita tão fácil que V. poderá limitar-se a formar as letras, — sem qualquer outro esforço — !

O **LAMY-Tintomatic** consiste em finíssimos canais condutores de tinta mesmo até à ponta do aparo, e em 21 câmaras de compensação que dispensam ao aparo a quantidade de tinta rigorosamente necessária — nem uma gota a mais ou a menos.

Por isso a tinta corre em quantidade sempre igual da primeira até à última gota e o aparo desliza suavemente sem esforços e sem fazer borrões sobre o papel.

Preços: **185$00**, e com tampas de metal a **285$ 325$** e **400$.**

À venda nas boas casas da especialidade, em preto e várias cores atraentes.

Deseja possuir uma caneta perfeita, elegante e de longa duração? Então experimente numa loja progressiva.

LAMY 27

Poderá também adquirir modelos com as mesmas vantagens técnicas mas mais económicos, devido ao seu acabamento mais simples: LAMY 99 a **140$** e LAMY 99 C (tampa metal) a **175$** — pontas do aparo garantidas por 5 anos.

VALE para o envio gratuito dum folheto ilustrado «Uma nova era na escrita».
Recortar e remeter, com indicação da sua morada, a CO

ARTUR WESTHEIMER — Rua dos Correeiros, 123-2.º Dt.º — LISBOA

CENA POLAR

— Estranho «iceberg».

Efeitos dos isótopos

TÓQUIO — Uma mulher de Mito, aldeia a nordeste de Tóquio, deu á luz um monstro, só com um olho, sem nariz, e grande parte dos intestinos fora da cavidade abdominal. A mãe fora tratada com rádio-isótopos seis meses antes de estar grávida. — (Da F. P.).

Quem me havia de dizer
Que os isótopos fatais
Inda haviam de fazer
Que a gente pudesse ver
Coisas tão fenomenais?!...

Coisas assim tão estranhas,
Cheirando mesmo a portento,
E que não sejam patranhas
Só podem ser artimanhas
Dos quintais do Entroncamento.

Coisas tão disparatadas,
Coisas do arco da velha,
Como estas que são contadas
De caras desnarigadaa
E co'um olho atrás da orelha,

Coisas sem pés nem cabeça
Ou co'a cabeça p'ra os pés
Não são coisas que eu conheça
Embora a mim me pareça
Que isto anda tudo ao invés...

Ou então já eu entendo
Certos quadros, certas vistas
Como esses que estão fazendo,
Co'o desenho mais horrendo,
Pintores surrealistas...

A. F.

QUE DOIS...

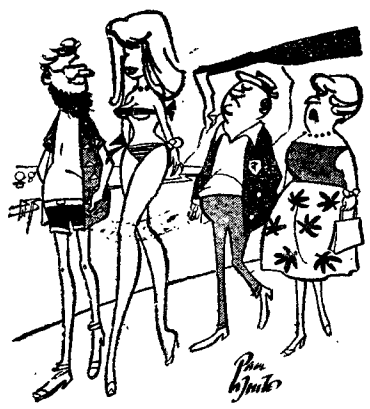
O homem saiu do manicómio, entrou numa loja de fazendas, pediu três metros de rioplex — e quando o caixeiro ia a embrulhar ele atalhou logo:

— Não vale a pena, eu bebo mesmo aqui.

E o caixeiro que também já tinha estado num manicómio, inquiriu:

— E V. Ex.ª quer uma palhinha?...

Viagem de instrução



— Desde que conheceu aquele tipo intelectual, ela tem viajado muito para se instruir.

Perguntar por perguntar

Quando uma pessoa perde a cabeça, põe anuncio?

*

As pessoas que sofrem do coração podem ascender a altos cargos?

*

Pode-se ter o dom da simpatia sem ser fidalgo?

*

As pessoas que andam sempre no ar podem cair?

*

Quando cai uma peça teatral os actores magoam-se?

*

Porque é que se diz que quem anda a bater com a cabeça pelas paredes é maluco? Porque estraga a cabeça ou porque estraga a parede?

*

Quando alguém dá a sua palavra de honra fica sem ela?

Loïe Fuller no D. Amélia

MUITA coisa sabe quem é velho...

Naquele ano o teatro D. Amélia ia apresentar, pela primeira vez, uma grande companhia de bailados.

Loïe Fuller estava então em plena glória e fora contratada pelo visconde de S. Luís de Braga para um reduzido numero de espectáculos da sua companhia, constituida por dez ou doze garotas de pouco mais de dez anos, mas já consumadas bailarinas, que vinham sendo largamente reclamadas por cartazes e artigos de jornais. Era uma novidade coregráfica que Lisboa esperava ansiosamente.

Dias antes do primeiro espectáculo já a casa estava toda vendida porque o nome de Loïe Fuller vinha precedido das mais lisongeiras referências da crítica, que tecia um hino dos maiores louvores á «Dança do fogo» que ela criara e era uma maravilha de cor e movimento.

Mas os outros bailados a que um publico ignorante e snobe ia assistir, constituiam absoluta novidade para quase toda a gente, excepção feita de meia duzia de pessoas — talvez nem tantas — que porventura os tivesse visto lá fora, em Londres ou Paris.

O espectáculo abria com um bailado, cujo nome me não ocorre, mas inteiramente diferente de tudo quanto a Lisboa já tinha sido dado ver em matéria coregráfica que, naquele tempo, não ia além dos efémeros bailados das óperas de S. Carlos.

Era um bando de garotas leves e aladas como sílfides, perpassando no palco como vaporosas figuras de sonho, todas vestidas de sedas e gazes transparentes e brancas, integralmente brancas, como aquelas «rosas brancas da imaculada brancura das rosas brancas», a que alude Anatole France.

Imponderáveis, fluídicas, passavam quase numa levitação astral, sem que os seus minusculos pézitos tocassem o chão, trecho admirável dum conto de Offman executado por borboletas irisadas num cenário primaveril.

Pressentiam-se no ar perfumes e melodias.

E foi uma vergonha o que então se passou. Da plateia irrompeu uma estrondosa pateada e os ditos e as chufas mais estupidas estrugiam naquela densa atmosfera de cortar á faca.

Havia quem aplaudisse, mas as palmas perdiam-se entre o sussurro do vozear duma multidão ignara e alucinada.

Entre os manifestantes destacava-se um homem gordo, espapaçado no seu «fauteuil», cujos punhos cabeludos e balofos traçavam no ar os mais inverosimeis arabescos. Apoplético clamava e vociferava que toda a vida havia de chorar o seu rico dinheirinho.

E quando todos os outros manifestantes já se tinham reduzido ao silêncio donde nunca deveriam ter saído, ainda o homem gordo vociferava indignado:

— Vão roubar p'ra a estrada...

Foi então que Carlos Amaro, erguendo na terceira ou quarta fila da plateia a sua desempenada e quase atlética figura, clamou estentoricamente a palavra mágica que havia de galvanizar o díscolo:

— Salta uma espanhola gorda para este senhor...

Uma gargalhada reboou por toda a sala e o homem não teve coragem para resistir á invectiva. Pôs-se pela porta fora...

ALFREDO FRANÇA

ASSALTO

— A bolsa ou a vida!

— A bolsa — como sabe a moda deste ano proíbe as bolsas. A vida — tenho-a estragada, o meu namorado deixou-me.

A SEREIA

O pescador lança o anzol e pesca uma lindissima sereia. Desembaraça-a do anzol e vai a correr com ela nos braços para o restaurante mais próximo. Ela vai encantada, mas junto da montra do restaurante, estremece de pávor ao ver uma travessa com carapaus fritos:

—O quê? Você vai-me fritar?...

Um susto permanente

Eram dois amigos muito íntimos que costumavam jogar o xadrês. Naquele dia o dono da casa estava muito aborrecido e inquieto. Notando o facto o amigo perguntou-lhe:

— Que tens tu que estás tão sobressaltado e sempre de ouvido á escuta?

— Que queres tu? Esta manhã a minha mulher fugiu com o meu vizinho do lado e agora, de cada vez que oiço bater á porta estou com receio que ele ma venha trazer.

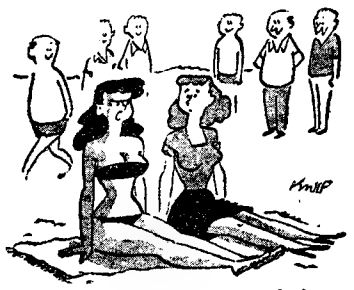
Para dar forças

— Não há nada para aumentar as forças como o vinho.

Uma vez tinha eu um barril e não podia com ele. Bebi um copinho e nada. Não podia. Bebi outro e nada. Não podia. Bebi outro e outro e continuava sem poder, mas ao fim da tarde consegui levantar o barril com a maior facilidade.

O poder do vinho!...

Onde se põe o ramo



— Pelo amor de Deus abaixa a saia, Glória — não vês que já está toda a gente a olhar!

Papel pintado

Era um foca, como bom escocês que era. Um dia abriu uma loja de papel pintado e logo outro escocês, para ajudar o seu compatriota, resolveu dar um aspecto novo á sua casa e para isso comprou uma grande porção de peças de papel pintado. O dono da loja encantado com o seu primeiro freguês, logo que ele lhe disse que já tinha aplicado todo o papel comprado, pediu-lhe para ir ver a obra.

Apenas entrou ficou perplexo e não pôde deixar de manifestar o seu espanto:

— Mas o senhor, em vez de colar o papel, pregou-o com «pionaises»?

— Claro, fez logo o outro. Se não fosse assim como havia de ser quando um dia mudasse de casa...

Que dois, estes escoceses!...

DESIGUALDADES

A beleza de um vestido depende sempre das pernas que ficam fóra dele.

A beleza de umas pernas não depende nunca dos vestidos que ficam por fora delas.

Esquisita desigualdade, não é?...

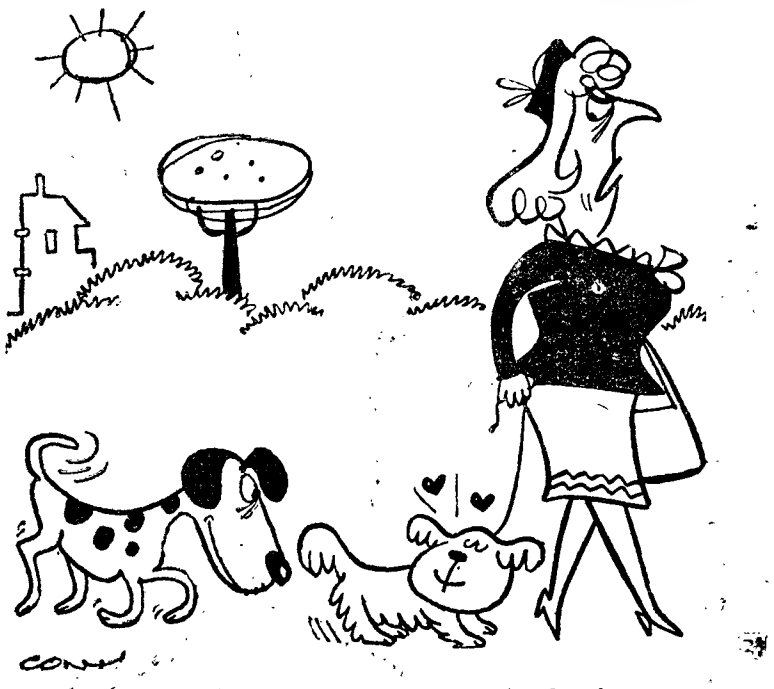
Cantinho sentimental

(com licença dos modernistas)

As minhas penas contei-as,
Pelas dos outros medi-as;
Quem dera as penas alheias
Para minhas alegrias.

Campoamor

ORDENS DA DONA



— Já sabes que não te permito que cases antes de mim.

LOUISIANA STORY

Realização: ROBERT FLAHERTY. Argumento e planificação: ROBERT FLAHERTY e FRANCES HUBBARD FLAHERTY. Fotografia: RICHARD LEACOCK. Montagem: HELEN VAN DONGEN. Musica: VIRGIL THOMPSON. Direcção musical: EUGÉNE ORMANDY, com a Orquestra Sinfónica de Filadélfia. Som: BENJAMIM DONIGER. Produção: ROBERT FLAHERTY, para a Standar Oil Company (New Jersey). Produtores associados: RICHARD LEACOCK e HELEN VAN DONGEN. Intérpretes: Ulysses Latour Napoléon (JOSEPH BOUDREAUX), o pai (LECHEL DE BLANC), a mãe (MADAME E. BIENVENU), os operários do «derrick» (FRANCK HARDY e GUEDRY) jojo, o castor. Filme americano, 1948, premiado na «mostra» de Veneza de 1948

Com a colaboração da ESSO STANDARD PORTUGAL, INC.

Diario de Lisboa

JUVENIL

QUEM FOI ROBERT FLAHERTY

Robert Flaherty é mal conhecido pelos jovens. Isto deve-se ao facto de ter morrido prematuramente e, também, ao de os seus ultimos filmes não terem tido entre nós grande expansão comercial.

E', pois, nosso desejo, que, com esta primeira sessão, o seu nome fique bem conhecido dos nossos leitores, assim como a sua obra, ainda que esta, infelizmente, de uma maneira muito completa.

* * *

Nasceu em 1884 no Michigan, mas era de origem irlandesa. O seu pai ocupava-se da exploração mineira, mas, com a crise de 1893, ficou arruinado.

Flaherty conta assim o sucedido:

«Após este desastre, meu pai deixou-nos para ir até á fronteira, então pouco conhecida, dos lagos do Canadá, onde se acabava de descobrir ouro. Ao cabo de um ano regressou á região e ficou chocado pela miséria em que vivíamos (...) Tirava dum grande saco, bocados de quartzo branco, róseo e amarelo, marchetados e raiados de ouro amarelo...»

Quando voltou a partir, o pai levou-o. Viveu então durante um ano num acampamento de mineiros, onde ele era a unica criança.

A partir daí não mais pôde suportar uma vida que não fosse a de exploração ao ar livre.

Casou-se mais tarde com Frances Hubbarol, filha de um sábio de Boston, e que tinha o mesmo gosto pela descoberta.

«Quando nos casarmos, dizia ela, iremos viver para os bosques».

Em 1910, Flaherty empreendeu a primeira das suas expedições ao Norte.

A partir de então, escreveu um diário em que relatava as suas explorações.

Esta ansia de registar aquilo que se lhe deparava orientou-o na direcção da camara de filmar.

Assim, impressionou uma bobinas com aspectos da terra de Baffin e das ilhas Belcher, que ele havia «redescoberto» anos atrás. O negativo chegou, depois de mil riscos, a Toronto, onde foi feita uma montagem. Acidentalmente (tem-se admitido também, que o autor, descontente com a sua obra, tenha provocado o incendio, o filme ardeu.

Voltou então ao Norte, onde, subsidiado pela casa «Revillion Furs», filmou «Nannok of the North», com habitantes da região. Depois de muitas dificuldades, a Pathé acabou distribuíndo a fita que se estreou no Capitol de Nova York, com grande sucesso.

Mudando, então, de latitude, filmou «Moana» na ilha de Samoa, que não teve tanto êxito, porque lhe faltava «sex-appeal tropical».

No entanto, os críticos espraiavam-se em elogios — «Moana atinge a dignidade de um poema épico e conservar-se-á um clássico no coração daqueles que o viram».

Foram filmados, seguidamente, «The Pothery maker» e «A ilha de 24 dólares», filmes de duas bobinas cada, o ultimo dos quais foi, na sua

(Continua na página seguinte)

LOUISIANA STORY

Um filme profundamente belo e humano

A O ABC Cine-Clube de Lisboa devemos a inclusão da película «Louisiana Story» na primeira das nossas sessões. Este filme, que alguns Amigos, mesmo os de reduzida cultura cinematográfica devem conhecer, pelo menos de nome, foi premiado na «mostra» de Veneza de 1948 e goza de reputação universal. Por consequência, além do comentário que a ele faremos na sessão de hoje, seria injusto não consagrar aqui algumas linhas focando principalmente os dois aspectos que, quanto a nós, mais o distinguem.

O filme está, como ides ver, recheado de imagens de grande beleza. Recordamo-nos, para não apontar mais, daquele passo em que o personagem central — o jovem Alexandre Napoleão Ulisses Latour — procura aflitivamente por entre o arvoredo de uma região pantanosa o pequeno castor Jojo que julga devorado por um crocodilo. Assistimos pouco depois a outras imagens cheias de movimento, força e expressão, durante a luta que o mesmo herói trava com o grande réptil, decidido a vingar o seu amigo e a fazer justiça. Todo o filme porém apresenta motivos de beleza, até pelo contraste de uma natureza até então virgem, com o gigantesco «derrick» levantado pela força e pelo querer dos homens. Entre os movimentos de camara, bem explorados, assinalamos um «contra-plougé» (de baixo para cima), visando a torre petrolífera, que nos faz sentir profun-

AS TRÊS MENINAS

Por: FILIPE LEANDRO MARTINS — 14 anos

As três meninas passaram por mim
As três meninas nasceram, viveram e morreram em mim
As três meninas nasceram em sorrisos da carne
Viveram em vestidos estampados de cor
E morreram transparentes de tudo
As três meninas nasceram, viveram e morreram meninas
As três meninas nasceram iguais, viveram iguais e morreram iguais
As três meninas nasceram com tinta nas mãos
As três meninas viveram e acrescentaram-se com unhas pintadas
As três meninas morreram a olhar das janelas
As três meninas nasceram
Nasceram em flores de plástico
Viveram a fumar tabaco com filtro
Morreram a passear quadros sem prespectiva
As três meninas nasceram, viveram e morreram
E passaram meninas
Meninas de óculos verdes
Meninas de cabelos soltos
Meninas de luvas de malha
Eram três as meninas
Nasceram em frutos de vida
Viveram em reflexos de luz
E morreram em vidros partidos
As três meninas nasceram, viveram, morreram e passaram por mim.

Por: MACHADO DA LUZ
(16 anos)

NÃO É AMEAÇA É AVISO

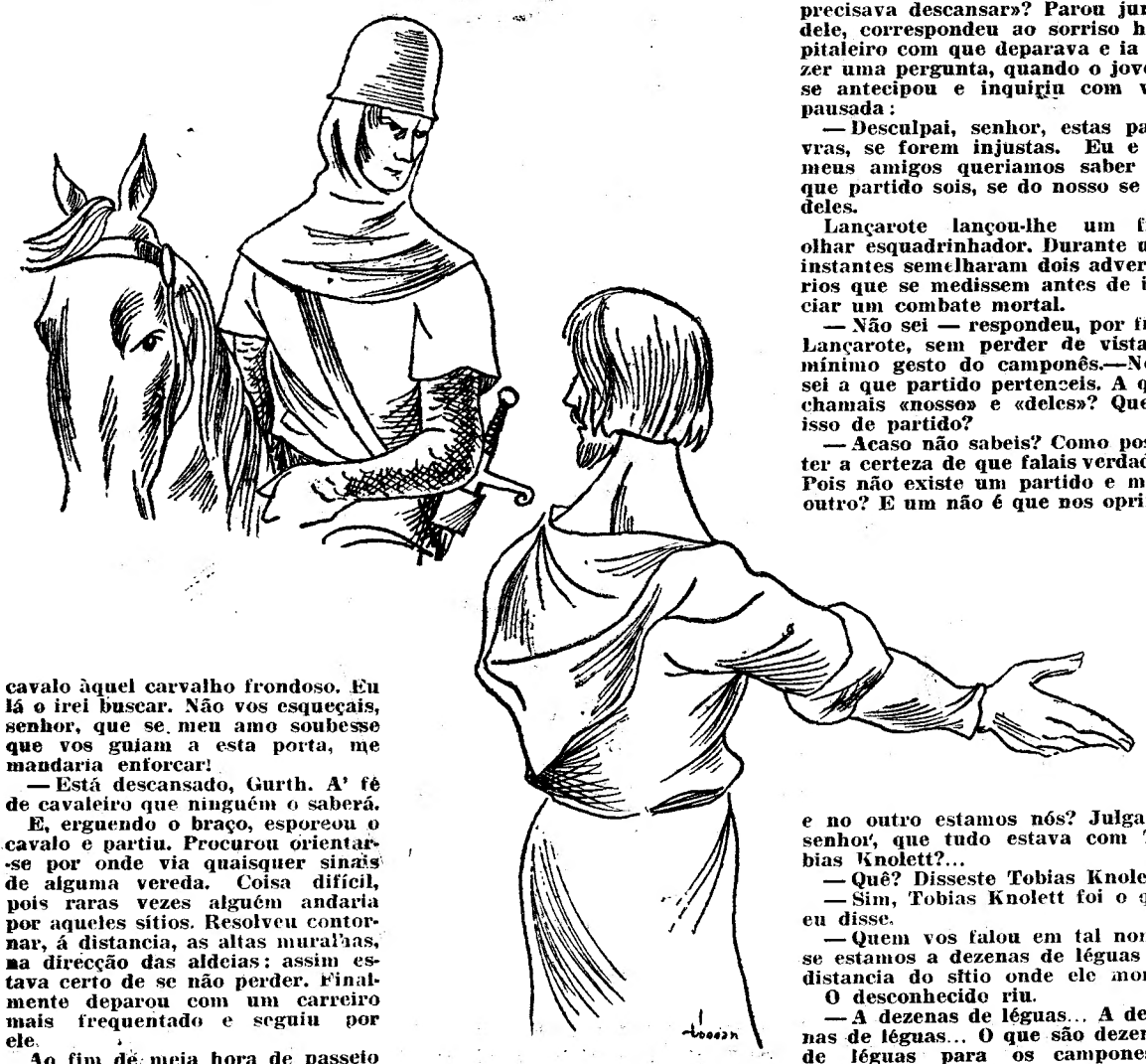
A porta custou a abrir, tão ferrugentos estavam os gonzos. Quando Lançarote se encontrava fora do castelo, o moço disse-lhe:

— Senhor, esta porta fica só encostada, para que possais entrar sem que saibam por onde o fizeste. Logo que estiverdes do lado de dentro, desmontai e prendei vosso cavalo àquel carvalho frondoso. Eu lá o irei buscar. Não vos esqueçais, senhor, que se meu amo soubesse que vos guiam a esta porta, me mandaria enforcar!

— Está descansado, Gurth. A' fé de cavaleiro que ninguém o saberá.

E, erguendo o braço, esporeou o cavalo e partiu. Procurou orientar-se por onde via quaisquer sinais de alguma vereda. Coisa difícil, pois raras vezes alguém andaria por aqueles sítios. Resolveu contornar, á distancia, as altas muralhas, na direcção das aldeias: assim estava certo de se não perder. Finalmente deparou com um carreiro mais frequentado e seguiu por ele.

Ao fim de meia hora de passeio o panorama desafrontou-se e surgiu-lhe, pela frente, á distancia, o tapete escuro da floresta. Era mesmo para ali que desejava dirigir-se. Segundo Hendrique, a voz que o atraía todas as noites, apontava da floresta. Incitando o cavalo, ançou-se a galope pela suave ladeira. Um pouco adiante, por entre tufos de ramagem, surgiu a cabeça de um homem. Não o perdendo de vista, Lançarote prosseguiu naquela direcção, simulando que não dera por nada. Estava próximo, quando o vulto saltou dos arbustos onde se escondia e ergueu o braço, acenando com o barrete acastanhado. Parecia, pois, gente de paz. Mais próximo, afigurou-se-lhe que já alguma vez vira aquela cara. Não seria o mesmo jovem que respondera a Hendrique que «o fidalgo precisava descansar»? Parou junto dele, correspondeu ao sorriso hospitaleiro com que deparava e ia fazer uma pergunta, quando o jovem se antecipou e inquiriu com voz pausada:



— Desculpai, senhor, estas palavras, se forem injustas. Eu e os meus amigos queriamos saber de que partido sois, se do nosso se do deles.

Lançarote lançou-lhe um frio olhar esquadrinhador. Durante uns instantes semelharam dois adversários que se medissem antes de iniciar um combate mortal.

— Não sei — respondeu, por fim, Lançarote, sem perder de vista o mínimo gesto do camponês.—Nem sei a que partido pertenceis. A que chamais «nosso» e «deles»? Que é isso de partido?

— Acaso não sabeis? Como posso ter a certeza de que falais verdade? Pois não existe um partido e mais outro? E um não é que nos oprime e no outro estamos nós? Julgava, senhor, que tudo estava com Tobias Knolett?...

— Quê? Disseste Tobias Knolett?

— Sim, Tobias Knolett foi o que eu disse.

— Quem vos falou em tal nome, se estamos a dezenas de léguas de distancia do sítio onde ele mora?

O desconhecido riu.

— A dezenas de léguas... A dezenas de léguas... O que são dezenas de léguas para os camponeses quando estão unidos? Até o vento, alcoviteiro-mor, galga montanhas e vales para trazer uma boa nova.

— Mas que querieis, afinal, dizer a respeito de Tobias Knolett, homem que falava mais direito e claro do que vós?

— Mais claro, senhor? Que há de mais claro que isto de vos perguntar: qual é o vosso partido? Por nós ou contra nós? Os camponeses são iguais em todo o lado, senhor. E também os fidalgos são iguais. Se sois do nosso partido, eu andei em vossa cata só para vos dizer: tende cuidado! Este não é o sítio para um cavaleiro andar sozinho. Mas se não sois...

— Não percebo a vossa ameaça.

— Não é amaça, senhor, é aviso.

— Acho esquisito o vosso aviso. Porque hei-de recear?

— Depende do lado em que estiverdes: o nosso ou do deles.

Lançarote fez menção de partir. Retesou as rédeas do cavalo e ia esporeá-lo, ao de leve, quando fitando o camponês lhe disse com voz fria e sobrancelha franzida:

— Vou acabar por onde devia-mos ter começado. Pelo menos assim é entre gente de bem. Chamo-me Lançarote do Lago e sou um dos Cavaleiros da Távola Redonda. E vós, quem sois? Estou acostumado a só conversar com quem saiba o nome.

O desconhecido voltou a sorrir. E era singularmente inteligente o seu sorriso: havia nele uma mistura de aguda perspicácia, de subtil ironia e de superioridade, que parecia dizer: «Conheço-te muito bem por dentro e por fora. Não necessito que me digas quem és».

— Pois estais demasiado afeito a falar com gente da vossa laia — cavaleiros, os bispos, comentou. — Só esses podem dizer: sou o cavaleiro, o senhor, o barão de tal ou o abade ou bispo de tal. Estes podem apresentar-se e até abonar o título com a menção do nome dos avós. Eu pertenço a uma gente que não tem avós nem títulos. Somos o Bernardo, o Gurth e não temos «des» de fidalguia. Vós, senhor, apresentais o nome como quem toca uma trombeta de guerra. Ao gritá-lo, tendes em mente as batalhas e combates e torneios que vós e vossos avós ganharam. Há alguma glória nos feitos de armas da enxada do camponês?

Semicerrou os olhos ao lançar esta pergunta e regressou a um sorriso em que havia expectativa benévola. E esta benevolência, o acenar de um bom sentimento humano produziam em Lançarote uma funda inquietação, igual á que sempre o assaltava, quando á memória lhe acudia a lembrança de Swein ou de Tobias. Mais uma vez se inteirava de que, para além do pequeno círculo dos cavaleiros, existia um largo mundo de gente que sentia pela nobreza desamor, desprezo e medo. Medo das espadas desembainhadas, das patas eriçadas dos cavalos, das guerras, das casas transformadas em fogueiras, dos mortos inuteis. Lançarote pensa em tudo isto enquanto olha o desconhecido, em cuja expressão se vai ateando um luzeiro de amizade. Maos uma vez lhe sobe á garganta a angustia de se sentir parte de um mundo que a mioria dos homens considera não apenas sem préstimo, mas nocivo. Os que precisariam do amparo e da defesa dos cavaleiros — atiram-lhes á cara que, sem eles, não haveria necessidade de tal amparo e tal defesa; que são os fidalgos os que desencadeiam as guerras e as violências e que nada produzem de util, não trabalham. Despertou-o destes pensamentos a voz do desconhecido:

— Só vos queria avisar que estes sítios são maus.

Já próximo soou um subito tropear de cavalos.

— Bom — concluiu o desconhecido, erguendo a mão á altura da Cara. — Estou aqui a mais. E rápido, embrenhou-se na floresta.

DIA 24 DE OUTUBRO
ÀS 16,30 NO CINEMA
DE A VOZ DO OPERARIO
II.ª sessão de cinema juvenil

I

A E P O P E I A
DOS TRANSPORTES
filme cedido pela Embaixada do Canadá

II

LOUISIANA STORY
realização de R. FLAHERTY
filme cedido pela Standard Oil

LOUISIANA STORY

(Continuação da página anterior)

damente diminuidos ante aquele espectáculo de imensa actividade mecanizada.

A interpretação do conteudo ideológico de «Louisiana Story» conduz-nos ao problema das relações entre o homem e a Natureza. O realizador não opõe, como muitos outros, essas duas realidades. Bem pelo contrário. A Natureza, neste filme, oferece-se aos homens, como que firmando um acordo de coexistência pacífica e mutua compreensão. O pensamento de Flaherty não está totalmente certo sob o ponto de vista, digamos, científico. Com efeito, a Natureza, não sendo consciente, nem concebe juizos de valor nem posusi a capacidade de deliberar, e da sua parte não pode haver portanto hostilidade ou colaboração. Ela apresenta-se impassível, indiferente, desconhecendo os homens e a sua actividade. Este pequeno pormenor resultará sem duvida do temperamento poético do autor do filme. E, fundamentalmente, o que importa assimilar é a profunda e humana lição de paz, de justiça e de comprensão. E Flaherty, a par disso, ensina como se deve exercer a actividade humana sobre a Natureza. Para ele, e para todo o indivíduo verdadeiramente isento de interesses egoístas, dominar não deve identificar-se com violentar, destruir. A dominação da Natureza pelo homem com vista a um aperfeiçoamento contínuo de ambos terá de ser inteligente e pertinaz quase sempre motivada pela ganancia do vil metal só tem prejudicado tanto a Natureza que gera inutilmente, como a Humanidade que se vê fraccionada por ódios e lutas constantes.

Retomando o pensamento de Robert Flaherty de que nos afastámos um pouco a fim de explicar convenientemente o teorema central de «Louisiana Story», vamos agora apresentar dois pormenores que são por asim dizer a consequência e a verificação dessa ideia básica. Conforme ides comprovar o filme não representa uma luta ou um drama, o que não exclui a possibilidade de um argumento. Esse argumento existe, é caracterizado por um lado pela descrição da vida quotidiana de um jovem descendente de antigas famílias emigradas para a Louisiana, e por outro, pelo trabalho dos operários e pela expectativa que antecede o aparecimento do petróleo á superfície. Estas duas situações entrechocam-se, ligam-se de tal forma que dão lugar a um argumento que para prender a atenção não necessita de lutas e recontros violentos. Esse tema vive portanto de princípio a fim, num ambiente calmo, na tal atmosfera de paz e compreensão recíproca. Apenas se exceptua a esta regra o momento da luta entre o jovem e o crocodilo. Mas não se trata aí de uma luta imbecil, estéril, gerada por um desacordo torpe e infundado. Tratava-se sim de fazer justiça, de castigar um criminoso. O crocodilo tinha desrespeitado a paz e perturbado a harmonia da Natureza, abusando da sua força. A luta entre ele e o jovem Alexandre Ulisses, terminada com a morte do primeiro, constituia apenas o castigo do prevaricador e o processo que deveria restabelecer essa harmonia. E na face do jovem, ao levar a cabo o seu acto vingador, nem sequer notamos cansaço ou sofrimento. Ele está fresco, ele sorri...

Para terminar este pequeno comentário referir-nos-emos ainda a outro pormenor que não deverá ser esquecido. Que quererá dizer Flaherty com os sortilégios do jovem Napoleão — uns grãos de sal e uma cuspidela? Será isso apenas o fruto de uma mentalidade poética? Não nos parece. Para além da poesia que aí está contida, existe ainda alguma coisa que julgamos de importancia fundamental. Deveremos considerar o triunfo aparente do sortilégio no aparecimento do petróleo uma irónica descrença na técnica humana? De forma alguma. O facto de o petróleo não ter sido encontrado nas primeiras tentativas explica-se por um desvio da perfuração. A correcção desse desvio, só ela, veio permitir a satisfação dos desejos de todos. O sortilégio de que já o pequeno Latour se servia para vencer o crocodilo, representa, em nossa opinião, a tenacidade, a persistência, essa força de vontade que tanta importancia tem no êxito dos emprendimentos humanos. O petróleo não aparecia, os homens já desesperavam. Mas vem o «sortilégio» ensinar-lhes que é necessário continuar, tentar sempre. O erro técnico é descoberto, corrigido, e o petróleo brota, enfim...

JOSÉ CARLOS JUNÇA DE MORAIS — 16 anos

DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 14 — António José Coelho Peça (Leiria): O prémio vai seguir.

Amigo n.º 1492 — Manuel Simões Coutinho (Porto): Podem sim.

Amigo n.º 1632 — Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz): Os livros vão seguir.

Amigo n.º 1644 — Maria Elisa Gonçalves (Lisboa): Vamos ver se podemos ser-te agradável. Na verdade, a colecção «Vida Quotidiana» é uma boa colecção para quem estuda. Em que ano andas?

Amigo n.º 1436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): Sim, gostariamos de ver o jornal. Quando puderes, manda um exemplar, sim? A que livros te referes? Manda dizer os nomes, para tos mandarmos. O resultado do «Portugal e a Juventude» foi publicado há já uns meses. Posso dizer-te quando, mas só na próxima semana. Quanto á colaboração que pedes, só vendo o jornal poderemos talvez fazer qualquer coisa. Não achas que necessitamos ver o género de trabalhos que desejas? Nada sabemos dele, é difícil.

Atenção, aos prémios em atrazo: pedimos aos Amigos o favor de levantarem os prémios na data indicada (dentro de um mês), para evitar contratempos. Não se compreende que Amigos de Lisboa ou arredores próximos não levantem os prémios respectivos, quando tanto os reclamavam pelo correio. Lembramos que os livros perdem oportunidade, ficando tempo demasiado em nosso poder. Por isso, é de toda a necessidade, tomar atenção ao prazo de levantamento dos mesmos, na Avenida de Roma, 78, 2.º, esquerdo, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 e 30, todos os dias uteis.

TROTE

Quem será capaz de adivinhar, esta que vou perguntar?

Verde por fora,
Encarnada lá dentro,
E com mulatinhas lá dentro.

Será fácil, será difícil? Os Amigos o dirão, até ao dia 30 deste mês, fazendo acompanhar a resposta da idade, nome e morada, e indicação dos três artigos de que mais gostaram neste numero.

Esta é mais uma adivinha tirada do livro de Pires «Qual é a coisa, qual é ela?», que a Portugália editou para recreio dos pequeninos. E... dos grandes.

UM CAPRICHO DA SORTE

Por TIAGO RUI DE MENESES

Encontro-me sentada numa carruagem. E' uma admirável carruagem «suíça». Ela voa rápidamente. Os meus pensamentos também voam, mas um tanto mais nervosos. Como será a sr.ª Condessa de Bourgois. Que irei eu fazer junto dessa senhora de idade. Oh! pobre de mim. Habituada ao movimento e ao convívio mundano no Porto. Que irei eu fazer, eu, pobre rapariguinha nessa terra tão distante sem amigos e sem parentes, junto de uma senhora de idade e por consequência irritável e rabugenta. Que razão me levaria a aceitar o emprego de dama de companhia? Com o meu 7.º ano poderia talvez empregar-me num lugar bastante razoável. O comboio estaca de repente. Outra estação. Vou á janela e debruço-me. Não, ainda não é Caceu. Nunca mais chegamos a esse Tahiti de maravilhas no dizer de Madame Durand. Entretanto tiro as malas. Malas? Apenas uma. Oh! como eu estava, que confusão que já faço! Mas para quê, se o ordenado compensa perfeitamente toda esta tristeza.

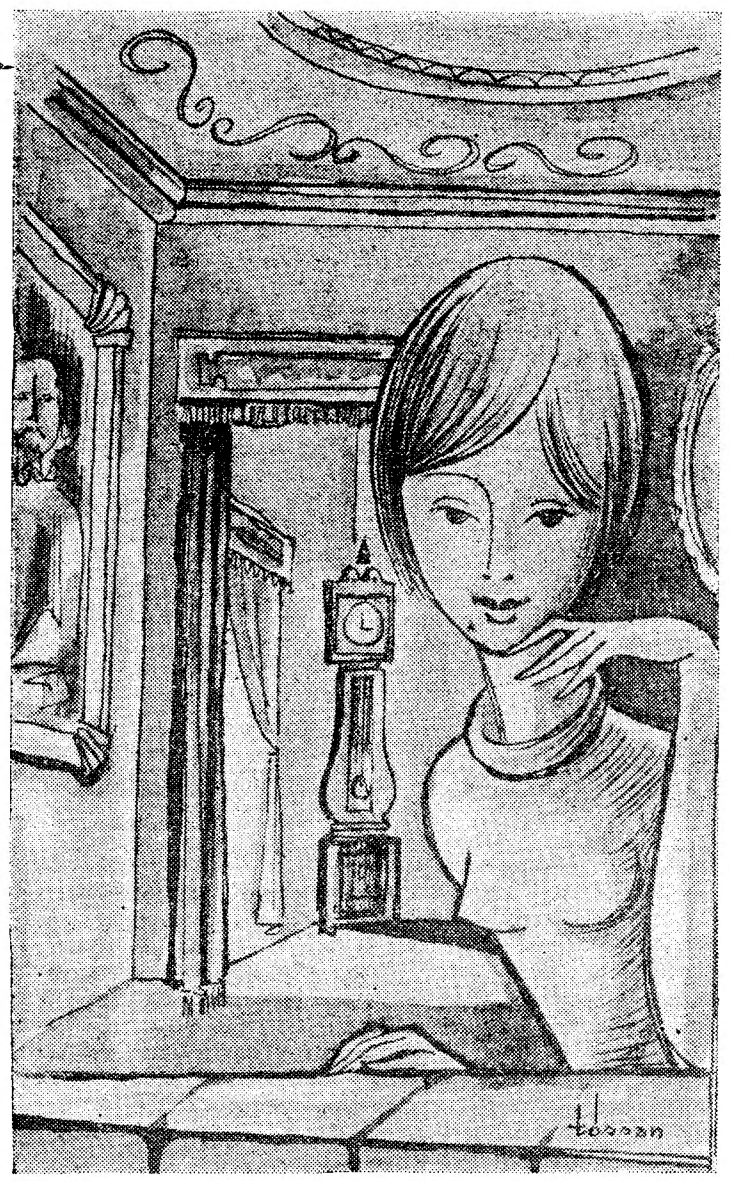
Abrem a porta. E' um senhor de boné, que anuncia que estamos a chegar a Caceu. Ainda bem.

O «suíço» pára e eu saio. Cá fora tudo calmo. Um verdadeiro aspecto campesino.

Pergunto a morada de Madame Durand.

Cheguei. E' uma casa apalaçada no meio de um jardim.

Entro. Um criado recebe-me friamente. A senhora é muito diferente da minha antiga concepção. Apesar da sua idade tem um aspecto fresco e distinto.



Há já dois anos que lá estou.

—Menina Suzana. Já colheu as flores!

Madame Durand reclama-me. Ela está muito contente comigo. A's vezes chama-me filha e considera-me. Oh! Como é doce ser-se assim chamada quando se não tem mãe. E' certo que me afeiçoei deveras.

—Venha cá, Susana, escreva-me esta carta.

—Para quem? — perguntei indiscretamente, habituada já a estas liberdades.

—Para o meu filho — foi a resposta.

Estremeci. Nunca soubera que Madame Durand tinha um filho. Escrevo a carta. Ao terminá-la sinto-me nervosa. Tinha-se referido a mim, naquela carta, com muito afecto. Ele virá daí a dias. Até lá o meu coração ferve. Como será? Como não será? Eis as perguntas que dita o coração á minha pessoazinha curiosa.

Chegou o dia aprazado, como se costuma dizer. Madame Durand anda num delírio. E tem razão, pobre senhora. Não vê o filho há dois anos, desde que fui para aquela casa.

Um carro pára no portão. Buzina. O portão range nos gonzos. Um «espada» entra formando uma nuvem de poeira.

Pára em frente da escadaria. Madame Durand desce emudecida de alegria. Um rapaz sai do carro. Ele é pálido e magro. Os cabelos são cor de palha e os olhos mal se vêem do meu posto. Parece triste. Vejo a silhueta de Madame Durand agarrada ao filho. Sinto que é ocasião de me retirar. Mas logo ouço a voz um tanto imperiosa da condessa de Bourgois. Ela pede-me que fique e que vá até junto deles.

Desço a escada. Mal me seguro nos

(Continua na página seguinte)

Soluções dos Concursos do *Juvenil*

Grandes figuras de Portugal: JOSÉ ESTÊVÃO DE MAGALHAES.
Qual é a coisa, qual é ela?: A PESCADA

VENCEDORES

1. — Amigo n.º 1477 — Maria Manuela Viegas (Faro).
2. — Amigo n.º 1239 — Maria Adelina Coelho Peça (Leiria).
3. — Amigo n.º 1162 — Maria Margarida Leote Cavaco (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1610 — Maria Lucília Fonseca (Lisboa).
5. — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
6. — Amigo n.º 1038 — Maria Helena de Sousa Cavaco (Lisboa).
7. — Amigo n.º 742 — Maria da Graça Rocha Lourenço (Setubal).
8. — Amigo n.º 375 — Maria Candida F. Silva (Lisboa).
9. — Amigo Maria Elisabeth Fernandes.
10. — Amigo n.º 403 — José Folga da Silva (Lisboa).
11. — Amigo n.º 1273 — António Valério Ramires (Olhão).
12. — Amigo n.º 1492 — António Simões Coutinho (Porto).
13. — Amigo n.º 1530 — Maria da Piedade Gandarez (Lisboa).

Os prémios, constituídos por livros das Colecções «Biblioteca dos Rapazes», «Biblioteca das Raparigas», Contemporânea» da PORTUGALIA EDITORA e «MINIATURA» de LIVROS DO BRASIL deverão ser levantados na morada abaixo indicada. Os amigos da província receberão os prémios em sua casa.

14. — Amigo 1436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): «O MINISTÉRIO DO MEDO», da Portugália Editora e «O DEMÓNIO DA RECTIDAO», de Livros do Brasil.

ATENÇÃO: *Todos os prémios devem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.º, esq., todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 e 30, cinco dias a partir desta publicação. Os prémios para a Província seguem pelo correio.*

A CONVERSA DA SEMANA

1

Está na vossa mão o conseguir que a segunda sessão de cinema seja ainda melhor do que a primeira, que hoje se realiza:

Compareçam.
Levem a elas os vossos amigos.
Critiquem-nas.
Dêem sugestões.

Tornem-nas uma obra colectiva em que todos os amigos do *Juvenil* colaborem.

2

A obra cultural do *Juvenil* já criou responsabilidades. Não nos referimos apenas aos seus artigos de divulgação, ao espírito pacífico, de tolerancia, de amor pelos factos da cultura que o nortearam desde o primeiro numero — o que aliás seria muito. Queremos salientar um facto extraordinário no nosso País: o *Juvenil* é em grande parte colaborado por jovens e jovens de grande valor e seriedade que nestas páginas foram revelados e estimulados.

Eis a maior obra do *Juvenil*. Sentimos de facto muita satisfação em ter revelado jovens como a Maria de Lourdes Teresa Martins, a Margarida Losa, o Vítor Rodrigues, o Filipe Leandro Martins, o José Carlos França de Morais, os dois irmãos Hasse Ferreira, o António Branco, o Fernando Taveira Rodrigues — para só citar os que, pela sua assiduidade de colaboração, mais garantias nos forneceram sobre as suas possibilidades.

A obra realizada é já bastante para, apesar da prudência habitual, estarmos a estudar com o máximo empenho num *recital de poesias de colaboradores do «Juvenil»*, e, para mais tarde, numa Antologia de Poemas desses mesmos jovens.

3

Eis os artigos mais votados no *Juvenil n.º 127:*

Que culpa tenho eu?	211
Impressões de cinema (O diário de Anne Franck)	189
Memórias de uma árvore	177
Na noite calma	156
Os cavaleiros da Távola Redonda	134
Animais, esses desconhecidos	123
Lá vai o nosso Rique	102
Duas poesias (Filipe Martins)	89
O que pensam os jovens do nosso País	67
Viagens aos mundos longinquos	34

No registo de prémios deverá o Agostinho de Brito Macedo ver o prémio que lhe coube como autor do artigo mais votado da semana.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

A UM JOVEM AMIGO QUE QUERIA UMA HISTÓRIA SOBRE ÁGUAS

Não sei, Amiguinho, se já viste uma águia. Talvez não; ou talvez o teu livro de estudo te mostre uma, enorme ave de bico adunco, de penas até aos dedos; ou aquela outra de patas nuas; ou ainda aquela de cabeça calva, ou esta que aperta no bico uma serpente, sem receio algum; ou aquela que plana sobre o mar, segurando nas garras, um peixe que ainda parece debater-se. Tantas águias diferentes, não achas? — mas são todas da mesma família. Ramos de uma mesma árvore, desenvolvidos diferentemente.

Todas elas possuem uma força incrível, uma vista agudíssima e um voo poderoso, o mais rápido de todas as aves, voo que se efectua em círculos característicos, mais apertados, cada vez mais apertados, mais e mais até cair sobre a presa. Imagina que a

águia voa a uma velocidade de 160 quilómetros por hora. Que te parece? Um furacão, não achas? Mas não penses que a águia é uma ave valente, capaz de atacar o homem que lhe surpreendeu o ninho; isso é voz do povo: a águia foge, as vezes até de aves muito mais pequenas...

E porque não são valentes, constroem os ninhos em altas árvores ou despenhadeiros rochosos; mas se não têm nem umas nem outros, então também lhes serve uma árvore mais baixa e até o chão, á falta de melhor. Utiliza o mesmo ninho, ano após ano, reedificando o novo sobre as ruínas do velho, aumentado de cada vez com novos materiais até atingir um metro e meio de altura. Aí as crias são tratadas e alimentadas durante os primeiros quatro ou cinco meses da sua existência.

A águia come galinhas, coelhos, lebres e, se calhar, qualquer cordeiro menos apto na corrida. A chamada «águia real» aparece em todo o hemisfério boreal ou norte; contudo, destas regiões, é pouco comum na América do Norte. Mas também as perseguições a têm feito desaparecer ou tornado rara.

A águia imperial que vive na Europa e na Asia, é de cor parda, escura, com manchas brancas nas espáduas, quando adultas; em novatas, são uniformemente escuras.

Entre as águias de patas nuas contam-se as marinhas — e por isso têm as patas nuas, como se arregaçassem as calças — alimentando-se de peixes, aves aquáticas, caranguejos. A águia marinha da América do Norte é calva. Podemos vê-la, altaneira, nos escudos

das moedas dos Estados Unidos. A águia pescadora assemelha-se mais aos gaviões e milhanos, é pequena, de asas largas, garras grandes e poderosas e cobertas de escamas espinhosas e ásperas. Frequenta os lagos e os rios situados nas cercanias de grandes bosques, ou as arribas costeiras, voam a grande altura sobre as águas, de olhar vigilante e deixam-se cair, rápidamente sobre o peixe que apanham com as garras adunca e durante muito tempo ainda voam antes de comer a presa.

Há uma espécie de águia nos países malaios que costuma alimentar-se de ovos e filhotes inocentes de outras aves, levando as vezes, juntamente com os ovos ou aves imberbes, o próprio ninho...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

O COMEÇAR DAS AULAS

Dentro em breve vai iniciar-se um novo ano lectivo, um novo ano de trabalho em que todos os jovens necessitam de ser ajudados na sua tarefa.

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenha a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a

GRECIA NO TEMPO DE HOMERO
EGIPTO NO TEMPO DOS FARAOS
CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL
FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
e aos Aztecas e aos Incas.

SÃO EDIÇÕES:

LIVROS DO BRASIL

E' muito verdade que indo nós bastantes vezes ao cinema, gostando, portanto, dele a sério, nem reparamos na sua importancia como instrumento de cultura e de educação. Se quiserem analisar bem como tenho razão lembrem-se, antes de mais, que diferença fazemos, «normalmente» entre cinema e literatura. Nós dizemos (falo na maioria dos casos) que lemos um grande romance para enriquecer o espírito: reparamos no estilo, se as personagens são verdadeiras e muitas outras coisas, mas não vamos (continuo a falar acerca da maioria dos casos) ao cinema com as mesmas intenções. Outro testemunho posso apresentar em defesa desta ideia: ao comprar um livro hesitamos por momentos, não se vá dar o caso de gastarmos inutilmente dinheiro com um romance sem nível artístico e humano; ora com o cinema não demonstramos a mesma hesitação: salvo excepções (as que sempre existem) a ideia que nos impele até á bilheteira do cinema e daqui a um lugarzinho sentado é a pura distracção — «passar uns momentos distraídos».

Bem ouço um de vocês dizer:

—Ah! que admiração!... Livros bons há muitos; filmes com a mesma categoria é que não.

A este amigo que fala em «livros bons» e que eu imagino como apreciador de excelente literatura eu acho que devo perguntar o seguinte:

— Amigo, vamos lá ver as coisas bem: se entrares numa livraria (com dinheiro na bolsa) e disposto a comprar, por exemplo, um bom romance; que fazes tu se não deparares com qualquer obra que consideres de alto nível, digna de aconchegar, na prateleira, ao lado de outras que, aos poucos e poucos, vão engrossando aquilo a que, com desvelo, chamas «a tua biblioteca»?

—Não compro nada — ouço dizer-te — e guardo o dinheiro para melhor oportunidade.

Pois bem: eu duvido muito (desculpa se estou a ser «amigo da onça») que tomes a mesma atitude com o cinema. Tenho-te visto entrar aos sábados ou domingos para «matinées» de filmes de que fugirias como o diabo

CINEMA, RECREIO, CULTURA E TUDO O MAIS...

da cruz se estivessem traduzidos em letra de forma nas páginas dum romance. E vais a eles, todavia: vais distrair-se um migalho, passar uns momentos descuidados. Não é assim que explicas o fenómeno?

Quando nos pomos a fazer perguntas parece que tomamos o gosto e não poupamos os amigos... Queres ver que te faço outra pergunta? Por exemplo:

Não te acontece chegar ao intervalo e soprar para os teus botões: «Que coisa mais estupida! Mal empregado dinheiro»...

Não invento, como sabes: eu já o disse algumas vezes em que fui ao cinema, para comprazer a alguém, embora a fita «não me cheirasse»; e tenho ouvido a frase na boca de outros. Dá vontade de dizer o mesmo que tu dizias no caso dos livros: «guardo o dinheiro para melhor oportunidade». Neste caso agrada mais um bom cavaco com pessoas amigas — é o que eu julgo.

Outro dia, num desses cavacos, um amigo meu confessou-me que tinha muitas desilusões como espectador de cinema e que os motivos eram dois. Primeiro: a sua ignorancia sobre a matéria (ia ao cinema com os olhos fechados, ás vezes atraído pelo artista Gregorio, Alec ou Lourenço). Segundo: a crítica cinematográfica (salvo virtuosíssimas excepções) é apenas comercial e não serve para guiar o espectador desprevenido.

Que achas? Sentes-te no mesmo caso?

Antes de me responderes eu antecipo-me já e confesso que «os que não estão no mesmo caso» são verdadeiras raridades que merecem uma valente coroa de louros.

Foi por ter chegado a esta conclusão que o nosso JUVENIL decidiu organizar a sério as «suas» sessões de cinema: sessões de bom nível cultural e recreativo (as duas coisas podem ser distintas num só filme verdadeiro). Ao mesmo tempo tais sessões seriam acompanhadas de comentários ou artigos elucidativos sobre a técnica cinematográfica e todos os problemas que se relacionam com a «sétima arte».

Estamos profundamente convencidos da utilidade da nossa iniciativa. E ainda mais por esta notável circunstancia: são os jovens leitores do JUVENIL — um grupo deles — quem escolhe os filmes e organiza as sessões, apenas com o dedicado apoio de técnicos competentes de três Cine-Clubes: o A. B. C., C. C. U. L. e o IMAGEM.

Estas sessões começam da mesma forma que tudo, na vida: pelo princípio. Quer dizer: começam modestas, embora de excelente conteudo. Rápidamente poderão deixar de ser modestas. Que é preciso para isso? Avultados capitais? Um cinema feito dos alicerces ao telhado para tal fim?

Nada disso e muito mais simples e importante do que isso: basta a interessada colaboração de todos os nossos jovens amigos. Se todos comparecerem (primeira e indispensável forma de colaboração); se todos manifestarem a sua opinião sobre as sessões a que assistirem, as criticarem (criticar significa analisar qualquer coisa isto é assinalar o que de «bom» e de «mau» nela existe) e derem sugestões — ah, amigos, então possuiremos sessões de cinema tão boas como os bons livros, os bons quadros, como tudo aquilo que deleita e eleva o espírito.

Quem é que quer faltar a esta iniciativa?

Amigo: convida para ela os teus jovens conhecidos que ainda não sejam leitores e colaboradores do JUVENIL. Convive com a grande família do nosso jornal.

E em frente.

Quem foi Robert Flaherty

(Continuação da 1.ª página)

apresentação, extraordinàriamente mutilado.

Então, a M-G-M interessou-se por um novo filme nos mares do Sul, a ser dirigido por Flaherty e Van Dick.

Como expõe Flaherty: «Tínhamos concepções diferentes sobre a maneira de fazer um filme, assim, eu regressei». «Sombras brancas nos mares do Sul», a referida película, foi a primeira sonora que se exibiu em Lisboa.

O trabalho seguinte foi «Tabu», filmado na Polinésia, focando uma história característica da região. Foi feito de colaboração com F. W. Murnau. Essa aliança poderia frutificar. Mas Murnau morre logo a seguir num desastre de automóvel.

Depois de alguns projectos fracassados Flaherty vai para a Alemanha e depois para Inglaterra, onde filma «Mau of Arau», que descrevia a vida dos pescadores de uma ilha árida e sem recursos, na costa britanica (melhor filme do ano — Veneza (1934).

Com Zoltan Korola fez, depois, «O rapaz do elefante». A fita, para muitos, não teve interesse, e notava-se mal a colaboração de Flaerty.

«The land» foi produzida pelo Governo americano, a perda do solo pela erosão.

Sobreveio, então, a guerra, e os problemas do desemprego, também abordados, desapareceram. A projecção foi interdita depois da estreia no Museu de Arte Moderna, e a crítica não foi muito favorável.

«Louisiana Story», o filme de hoje, foi realizado sete anos depois. Não havia argumento escrito e rodaram-se 60.000 metros de película (a fita tem 880).

Foi este o seu ultimo trabalho importante e foi premiado na mostra de Veneza de 1948.

Morreu em 1951, quando, cheio de vitalidade, se preparava, com sua mulher, para um nova volta ao Mundo.

Bibliografia — Jean Guemillon e cinema 55) Domingos Mascarenhas — fitas e franjas

AMIGO N.º 17

DESENHO POR VIVALDO DA GRAÇA (15 anos)

Nota sobre: Colin Low

Colin Low começou a trabalhar no National Film Board em 1945, depois de ter cursado na Escola de Belas-Artes de Calgary.

Colaborou em alguns filmes e, após uma interrupção para ir estudar em Estocolmo, deram-lhe o cargo de director do serviço de animação que ainda hoje conserva.

Depois de algumas produções, Colin Low, em colaboração com Versall e Koening realizou «A epopeia dos transportes», que foi premiado em Cannes de 1953.

Ainda esse ano filmou o documentário «Corral», um novo prémio, desta vez no Festival de Veneza de 1954.

Após um filme de arte voltou ao documentário com «L'or» (1955) e «City of Gold» (1957) que lhe valeu o primeiro prémio do documentário em Cannes, no festival do mesmo ano da realização.

AMIGO N.º 1731

Um capricho do destino

(Continuação da página anterior)

meus frágeis tacões. Aperto, trémula, a mão nervosa daquele rapaz que, ao pé, ainda é mais alto. Agora distingo-lhe os olhos. São azuis. Dois bocados de céu mergulhados de uma profunda tristeza. Vamos jantar. Ele pouco fala e mal se me dirige.

Sinto que há naquela alma algo de inquietante. Mais um tempo e acabarei por descobrir.

Estamos ambos sentados num «maple». Converso com frequência para ver se arranco áquela «alminha de Cristo» a sua dor que se está a prolongar já muito.

Ainda não consegui nada.

Há! Já descobri. E' uma outra alma que faz com que esta pene. Sim! Uma alma feminina aliada a uma cabecinha oca.

Já me compreenderam? Pois bem.

Partida inesperada. Silêncio. Recepção duma carta a compor as coisas. Um casamento subito dessa «bonequinha». Pobre Michel, que tão pouca experiência tens. E desiste? Logo á primeira? Oh! Alma fraca! Pois tu não compreendes? Sim! Já começa a compreender. Custa bem, mas lá vais pouco a pouco.

Já rasguei outra folha do calendário. Agosto! Bonito mês, penso eu. Porquê, se nunca gostei dele? Não sei bem explicar.

Sómente sei que a sombra negra de Michel desapareceu.

E, pouco a pouco aparece, uma radiosa e encantadora jovem que, secretamente, engloba um nome — Suzana —.

Já sou considerada uma verdadeira filha de madame Durand. Uma condessinha.

Oh! Nunca pensei!

Que tal, a condessinha Suzana Durand?

(Amigo n.º 1662)

Inquérito

Amigos!

1.º — Que pensas da utilidade das sessões de cinema do Juvenil?

2.º — Qual a hora e dia mais convenientes para essas sessões?

3.º — Qual a tua opinião sobre o local onde se realizam as sessões?

4.º — Que pensas dos filmes exibidos?

5.º — Que sugestões queres dar para o futuro?

GIGANTES DE PORTUGAL

Hoje apresentamos-vos um dos grandes arquitectos responsáveis pela construção de Lisboa, colega de Eugénio dos Santos. Da sua capacidade, da sua cultura é demonstrativo a obra que deixou — a renovação duma velha cidade medieval.

Tem sido menos citado do que o referido Eugénio dos Santos, mas não merece menos ser recordado.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 30 de Outubro, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já) e da menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos habituais prémios haverá um outro, especial, para o melhor trabalho sobre o grande artista pombalino.